

MESTRADO

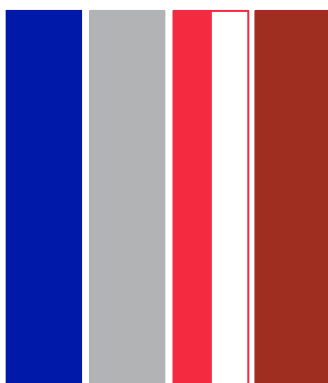
CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO COM ESPECIALIZAÇÃO EM COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA

Aproximação às Reconfigurações Identitárias Contemporâneas. Os Processos de Comunicação do Cinema Sul-Coreano

Catarina Andrade

M

2024



Catarina Andrade

Aproximação às Reconfigurações Identitárias Contemporâneas. Os Processos de Comunicação do Cinema Sul-Coreano

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação com especialização em Comunicação Estratégica, orientada pela Professora Doutora Paula Guerra.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2024

A ti, Moon Bin. Obrigada.

Sumário

Declaração de honra / Declaration of Honour	6
Agradecimentos	7
Resumo	8
Abstract	9
Primeiro Plano	10
1. Sequência - o Cinema Sul-Coreano	12
2. O Encantado Mundo da Hallyu, K-pop, K-Dramas e fandom	21
3. Câmera Metodológica	28
3.1. Objetivos e questões da investigação	30
3.2. Entrevistas	33
4. A Composição de um Roteiro	37
5. Tramas e Apropriações	72
Epílogo	87
Referências Bibliográficas	89
ANEXOS	93
Anexo 1. Guião da Entrevista	94
Anexo 2. Transcrição da Entrevista - Grupo 1	95
Anexo 3. Transcrição da Entrevista - Grupo 2	131

Declaração de honra / *Declaration of Honour*

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

I hereby declare that this dissertation is of my authorship and has not been used previously in another course, degree, curricular unit or subject, at this or any other institution. References to other authors (statements, ideas, thoughts) scrupulously respect the rules of attribution and are duly indicated in the text and bibliographical references, in accordance with the rules of referencing. I am aware that the practice of plagiarism and self-plagiarism is an academic offence.

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de parte(s) da presente dissertação, encontrando-se todas as interações (prompts e respostas) transcritas em anexo.

I further declare that I have not used generative artificial intelligence tools (chatbots based on large language models) to carry out part(s) of this dissertation, and that all interactions (prompts and responses) have been transcribed in the annex.

Porto, 15 de setembro 2024 / *Porto, september 15th 2024*

Catarina Andrade / *Catarina Andrade*

Agradecimentos

A todos aqueles que apoiaram o meu percurso académico e me aplaudiram a cada passo.

À Professora Doutora Paula Guerra por todo o carinho, paciência, conhecimento, generosidade e auxílio durante este ano. Sem si, não era possível.

Aos meus (amigos) convidados que em tudo enriqueceram este trabalho com a sua colaboração.

À minha namorada que de tudo fez para me encorajar nesta grande etapa. O teu amor e a tua luz são o exemplo pelo qual me guio para continuar.

Aos meus bórros, às tardes passadas no sofá da Catarina, aos almoços que fiz (e aos que não fiz também), boleias, fitas, cartolas, capas e “passeios” a Espanha. A vida com vocês é linda (e caótica).

Aos meus que representam o infinito por cinco longos anos.

À Alberto Amaral e à família que nasceu no meio do caos.

Aos que estarão sempre no coração e na memória.

Ao meu gatinho *Milo Milo* que foi um ótimo assistente nas longas horas em frente ao computador.

Aos meus pais que me amam de longe. E aos meus avós que elevam esse amor até aos céus.

Que exista sempre uma placa para um piso escorregadio.

A mim.

Hoje o dia está lindo.

Gal

Resumo

O objetivo da investigação recai sobre a temática da formação e reconfiguração da identidade cultural na era da globalização, com foco na dinâmica das artes, mais propriamente, da cinematografia. O estudo será voltado para a indústria do entretenimento sul-coreano (na vertente do cinema), devido à sua forte influência a nível global no que diz respeito às identidades culturais e artísticas. Para além disso, a investigação também terá foco nos processos de comunicação no cinema sul-coreano, no seu impacto mundial e no seu desenvolvimento. Será, então, analisado o fenómeno da “febre cultural sul-coreana” e de como, a cultura do pop e do cinema sul-coreanos, conseguiram atingir o sucesso internacionalmente, através de táticas comunicacionais presentes nos seus objetos artísticos. Nesta investigação, vamos analisar o conteúdo de quatro obras cinematográficas que se revelaram cruciais para o desenvolvimento e expansão da indústria do cinema na Coreia do Sul. Além dessa análise, também usaremos entrevistas semi-diretivas para recolha de dados. Essas entrevistas foram divididas em dois *focus groups*: o grupo de criadores de conteúdos e o grupo de consumidores de conteúdo.

Palavras-chave: cinema; *K-dramas*; Coreia do Sul; *K-pop*; globalização, identidades.

Abstract

The aim of this investigation falls on the theme of the formation and reconfiguration of a nation's cultural identity in the era of globalization, focusing on the dynamics of the arts, more specifically, cinematography. The study will focus on the South Korean entertainment industry (in terms of cinema), due to its strong influence on a global level with regard to cultural and artistic identities. In addition, the research will also focus on communication processes in South Korean cinema, its global impact and its development. The phenomenon of "South Korean cultural fever" will then be analyzed and how South Korean pop culture and cinema managed to achieve success internationally, through communication tactics present in their artistic objects. In this research, we will analyze the content of four movies that have proven to be crucial to the development and expansion of the movie industry in South Korea. In addition to this analysis, we will also use the method of interviews to confirm our hypotheses. These interviews were divided into two focus groups: the content creator group and the content consumer group.

Key-words: cinema; K-dramas; South Korea; K-pop; globalization, identities.

Primeiro Plano

O tema desta dissertação propõe estudar de que modo o cinema sul-coreano se apresenta, reconfigura, desenvolve e influencia os seus espectadores. Propusemo-nos, neste estudo, a explorar como é que uma nação como a Coreia do Sul é capaz de reformular a sua identidade cultural na era da globalização. Vamos focar-nos na ascensão do entretenimento sul-coreano e tentar perceber como é que essa explosão de popularidade se sucedeu. Para isso, será necessário abordar não só a vertente do cinema, mas também a influência do *K-Pop* e dos *K-Dramas*.

O fenómeno da “febre sul-coreana” ainda é relativamente recente, especialmente na abordagem do cinema, por isso, ainda não existem muitos autores que desenvolvam trabalhos sobre o assunto. Mesmo assim, podemos comparar e entrelaçar o processo que está a acontecer gradualmente com o cinema sul-coreano, com o processo que aconteceu, fundamentalmente, com o *K-Pop*.

Como é perceptível, as redes sociais têm um papel fundamental na divulgação e difusão dos conteúdos aos públicos global, porém, existem várias outras estratégias de comunicação que fizeram do entretenimento sul-coreano um sucesso mundial. Sem o *fandom*, por exemplo, não seria possível atingir a visibilidade que, hoje em dia, estas obras atingem. Ter uma base de fãs que se sente ouvida e que participa ativamente na divulgação do conteúdo artístico é uma mais valia. Ser capaz de desenvolver uma relação artista-fã/ produção-fã de uma forma tão engenhosa é uma virtude.

A Coreia do Sul, desde cedo, soube aproveitar a “onda” de atenção que estava a receber, apostando no seu *soft power*: entretenimento. Essa estratégia garantiu ao país asiático um bilhete de entrada para se infiltrar no contexto global. A partir daí, conseguimos perceber a grande influência que a Coreia do Sul e o seu entretenimento têm na sociedade moderna e no *fandom*.

Para melhor aprofundar estes temas e, de modo a confirmar ou negar as nossas hipóteses, adotaremos uma metodologia qualitativa, onde faremos entrevistas, em *focus groups*. Assim sendo, teremos dois grupos com enfoques diferentes: o grupo dos produtores de conteúdo, pessoas do *fandom* que são ativas na divulgação dos

conteúdos que chegam aos fãs, criando objetos, apenas partilhando-os ou transportando-os para outros contextos artísticos; e o grupo dos consumidores, pessoas com uma atitude mais passiva relativamente a esse conteúdo.

Apesar do *feedback* vindo dos fãs, é de extrema importância, na nossa investigação, observar ativamente que tipo de temáticas, contextos e representações são abordadas nos filmes sul-coreanos. Isto para conseguirmos detetar os pontos que afastam e os que aproximam o cinema sul-coreano das obras que se tornaram sucessos mediáticos. Para isso, propomo-nos a fazer uma análise de conteúdo de quatro obras cinematográficas sul-coreanas de grande sucesso e prestígio. Os filmes escolhidos foram *Parasite* (2019), *OldBoy* (2003), *The Handmaiden* (2016) e *Memories of Murder* (2003). Estes dados foram complementados pela realização de dois *focus groups*.

Ao longo da dissertação abordaremos vários autores de modo a enriquecer e dar veracidade ao trabalho. Assim, no primeiro capítulo teremos uma apresentação sobre o cinema sul-coreano, o contexto histórico, social e cultural pelo qual se orienta, as suas motivações, dificuldades e sucesso. No próximo capítulo focamo-nos mais na nova “onda” de reconhecimento que a Coreia do Sul está a experienciar, com a ascensão do *K-Pop* e dos *K-Dramas*. Será necessário explorar o impacto da *Hallyu* no cinema e o papel do *fandom* na disseminação e expansão do entretenimento sul-coreano.

Nos próximos capítulos, mais técnicos, falaremos das questões e objetivos da investigação, como pontos norteadores de toda a dissertação e abordaremos a constituição das entrevistas. Após isso, entraremos na análise de conteúdo dos filmes selecionados por nós.

Após uma pequena análise e discussão dos dados obtidos através das entrevistas e do conteúdo cinematográfico analisado e o capítulo onde abordaremos as conclusões obtidas através deste estudo, encerraremos a dissertação, confiantes de que algo de novo e importante tenha sido acrescentado ao tema científico escolhido.

1. Sequência - O Cinema Sul-Coreano

Ao longo do tempo, o cinema foi-se tornando numa expressão significativa da identidade nacional e global, refletindo temas e elementos culturais sul-coreanos nos seus *frames* (Kim, 1991). Assim, podemos afirmar que o contexto histórico, cultural e social são bases importantes que moldaram o desenvolvimento do cinema sul-coreano, até como hoje o conhecemos.

O cinema tem o poder de refletir não apenas as preocupações contemporâneas da sociedade, mas também alocar os espectadores a refletirem sobre questões mais profundas relacionadas à identidade nacional, às tradições, à cultura e aos seus valores partilhados. Kim (1991) revela como existem elementos capazes de influenciar diretamente a produção cinematográfica, nomeadamente os seus temas, estilos e mensagens presentes nas diversas obras de cinema.

Estas obras cinematográficas evidenciam características distintivas das restantes indústrias, estabelecendo uma relação intrínseca com a história e a cultura do país: refletem e reagem aos eventos históricos, valores culturais e mudanças sociais na Coreia do Sul, enquanto abordam temas como identidade nacional, tradições, questões políticas e sociais, entre outros (Lee, 2001).

Deste modo, é importante entender o contexto sociocultural por trás destas produções cinematográficas, visto que nos permite apreciar e analisar as obras de uma forma mais ampla dentro da própria cultura sul-coreana e a contribuição desta para o panorama cinematográfico global (Guerra, 2020).

Neste aspecto, é vital falarmos da história política da Coreia do Sul, incluindo eventos como a colonização/ocupação japonesa (1910-1945), que deixou uma severa cicatriz na cultura e nas camadas sociais da Coreia do Sul. Também a Guerra da Coreia (1950-1953) veio impactar a formação da identidade nacional e cultural do país e dos seus cidadãos, especialmente devido à recorrente opressão e ao constante medo de uma iminente invasão. Eventos traumáticos como a divisão entre as duas Coreias, a ditadura militar e as lutas pela democracia moldaram a nação e o seu espírito nacionalista, acabando por gerar géneros cinematográficos utilizados para transmitir

essa mensagem, como filmes de guerra, dramas políticos ou comédias sociais (Lee, 2001).

Nos últimos anos, como já descrito anteriormente, tem-se registrado um crescente reconhecimento internacional e uma maior aproximação das tradições culturais sul-coreanas, como a música, a arte e a literatura. Consequentemente, a maneira como esses elementos são apresentados e interpretados na produção artística do país tem sofrido alterações. Relativamente aos aspectos sociais, é relevante serem apontadas as mudanças na estrutura familiar, as transformações urbanas e a evolução dos valores sociais como pilares que influenciam, tanto os temas abordados nos filmes, quanto as estéticas cinematográficas. É, portanto, devido a estes aspectos sociais e históricos que hoje a Coreia do Sul nos apresenta uma identidade única, apesar de historicamente bastante recente.

Talvez devido a esta instabilidade social e às invasões históricas, bem como a influências externas que Kim (1991) argumenta ter existido uma forte construção de uma narrativa nacionalista, especialmente durante o período autoritário de Park Chung-Hee (1963-1979), com o processo de industrialização acelerado que influenciou profundamente a produção cinematográfica do país.

Assim, os filmes apresentam frequentemente temas como a identidade nacional, conflitos políticos, lutas de classe e mudanças sociais significativas, providenciando uma abordagem única e facilitada da evolução da sociedade coreana ao longo do tempo.

Através da integração desses desenvolvimentos socioculturais e históricos mais abrangentes no mundo cinemático, Kim (1991) mostra-nos como o cinema sul-coreano reflete não só a realidade do país asiático, como também justifica as suas narrativas e temáticas culturais e nacionalistas.

Por isso, esta indústria é descrita como um “cinema nacional”, pelo desejo dos cineastas de expressarem as nuances da vida no país, refletindo a identidade nacional e contribuindo para a construção de uma identidade cultural coletiva (O'Regan, 2002).

A realização de uma observação e interpretação da história e cultural é um ponto essencial para conseguirmos entender a progressão cronológica do cinema da Coreia do Sul, bem como o seu papel na arte e cultura, como um elemento crucial para a

manifestação da identidade nacional do país e do seu povo.

Assim como o *K-Pop*, o cinema sul-coreano, nas últimas décadas, emergiu como um fenómeno global. O mesmo fez-se sentir desde as telinhas nos chamados *K-Dramas*, cada vez mais presentes nos serviços de *streaming*, aos telões do Festival de Cannes.

Segundo é descrito por Berry (2002), a história do cinema sul-coreano é uma narrativa de sucesso até à data, que passou por uma transformação significativa ao longo dos últimos anos, desde a sua “época de ouro” (nos anos 60) até aos dias de hoje. Podemos mesmo afirmar que o desenvolvimento e crescimento da indústria cinematográfica foram uma das transformações mais amplas da sociedade sul-coreana (Kim, 1991).

Esse sucesso pode ser descrito através de vários fatores que impulsionam o desenvolvimento e crescimento da indústria cinematográfica sul-coreana, até se tornar como a hoje conhecemos: uma potência internacional.

O autor introduz-nos a uma combinação de fatores cruciais como as políticas culturais estratégicas, cada vez mais presentes em todas as áreas culturais sul-coreanas, devido ao visível crescimento da importância e influência cultural do país, os investimentos governamentais e as estratégias de marketing bem sucedidas, que contribuíram para o crescimento e reconhecimento global desta indústria na Coreia do Sul. O governo desempenhou um papel ativo e importante no apoio à indústria cinematográfica do país, promovendo e desenvolvendo a mesma diariamente, através de medidas como subsídios, quotas de exibição para filmes nacionais, fornecendo todos os tipos de financiamento e investimentos nas infraestruturas necessárias para estas produções acontecerem, que impulsionaram o crescimento deste setor (Berry, 2002).

Dentro dessas estratégias, Berry destaca os seguintes aspetos como fatores-chave que contribuíram para essa inovação e diversidade, fazendo com que esta vertente se destacasse no mercado global competitivo, enquanto ofereciam histórias universais que ressoam com um público vasto e diversificado, com pessoas de diferentes culturas e origens:

- A capacidade e sensibilidade dos cineastas sul-coreanos de criar narrativas cativantes, onde são capazes de abordar questões sociais e políticas de forma

provocativa e criativa e abordar temas universais, como o amor, a identidade, a família e o conflito, de uma maneira autêntica, de forma a emocionar e conquistar tanto o público “doméstico” quanto o internacional;

- A grande qualidade artística e a originalidade das produções;
- A capacidade do cinema sul-coreano de se adaptar, evoluir e responder às mudanças sociais, políticas e tecnológicas que o país atravessa;
- A cooperação multifacetada entre os diferentes setores da indústria, incluindo produtores, atores, diretores e distribuidores;
- A utilização de efeitos visuais mais avançados e inovadores (Shin e Stringer, 2005);
- A projeção de narrativas não lineares, com temas provocativos, complexos e únicos, que diferenciam o cinema sul-coreano das restantes indústrias cinematográficas (Shin e Stringer, 2005).

Choi (2010), apresenta-nos um ponto complementar sobre o sucesso emergente do cinema sul-coreano. A ascensão dos cineastas locais como contadores de narrativas ousadas e provocativas, que desafiam as convicções culturais e que chamam a atenção dos públicos mundiais.

É importante salientar que este sucesso não se descreve apenas no aspeto económico e/ou comercial mas, acima de tudo, reflete um fenómeno cultural, artístico e social muito mais profundo (Berry, 2002). Tal, a ser provado, pelo facto das produções cinematográficas do país atraíram, não apenas, os grandes públicos “em casa”, mas também ter vindo a ganhar um maior reconhecimento internacional, na conquista de grandes prémios alguns dos mais importantes festivais do cinema do mundo e na aclamação da crítica estrangeira.

Nesse aspeto de inovação, as personalidades do cinema, como diretores, roteiristas, produtores, entre outros, e a sua ascensão têm um papel fundamental na ampliação das “fronteiras” do cinema sul-coreano contemporâneo (Choi, 2010).

O “Renascimento do Cinema Sul-Coreano” é tido como o período cinematográfico da última década, que é marcado por um notável crescimento criativo e sucesso global, é descrito como o fenómeno que ilustra a ascensão dos cineastas locais

como figuras relevantes para o cenário cinematográfico global (Choi, 2010).

O autor reforça a perspectiva de Berry (2002) e salienta a importância da coragem e a provocação presentes nas narrativas cinematográficas sul-coreanas atuais, que desafiam as normas convencionais e exploram temas complexos e universais, enquanto tentam apresentar uma visão ousada da sociedade contemporânea em que vivemos.

Através deste fenómeno de “Renascimento”, os diretores, produtores e outros elementos importantes da indústria não se limitavam somente a “entreter o público”, mas faziam com o que mesmo refletisse sobre questões culturais, políticas e sociais emergentes, tanto na Coreia do Sul, como fora da mesma.

São destacadas personalidades do cinema como Park Chan-wook, diretor e produtor de *The Handmaiden* (2016), *Oldboy* (2003), *Lady Vengeance* (2005) e a sua mais recente obra-prima, *Decision to Leave* (2022), Bong Joon-ho, diretor de *Memories of Murder* (2003), *The Host* (2006), *Mother* (2009), *Okja* (2017) e o seu maior sucesso até à data *Parasite* (2019) e o polémico Kim Ki-duk, diretor de *Pietà* (2010), *3-Iron* (2004), *Moebius* (2013) e o seu mais aclamado filme *Spring, Summer, Fall, Winter... and Spring* (2003), que ganharam reconhecimento mundial pelas suas obras. É também de se referir o filme multinacional *Snowpiercer* (2013), dirigido e escrito por Bong Joon-ho e produzido por Park Chan-wook.

Estes cineastas desafiam as convenções narrativas típicas, enquanto exploram temas de cariz político, social e cultural complexos, resgatando questões importantes sobre a identidade, o desejo humano, o sofrimento, o amor e, sobretudo, sobre a história e sociedade coreanas, de maneira única e provocativa (Choi, 2010; Berry, 2002).

Segundo Choi (2010), a ascensão e sucesso desses cineastas têm contribuído, não apenas a colocação do cinema do país no mapa global, mas também para uma maior diversidade e prestígio na indústria cinematográfica sul-coreana, que vem para estimular o interesse internacional pelas produções do país e gerar colaborações internacionais.

Podemos afirmar que o “Renascimento do Cinema Sul-Coreano” não é apenas representativo de um “desabrochar criativo” na indústria cinematográfica do país, mas

também da sua afirmação, impacto e relevância no cenário cinematográfico mundial.

Kim (2005) apresenta-nos mais um fator que levou ao sucesso do cinema sul-coreano no panorama mundial. Os festivais de cinema, tão aclamados pela media e pelo público, apresentam, cada vez mais, produções e personalidades sul-coreanas nas suas nomeações e vitórias, servem como “eventos na promoção” e celebração do cinema do país.

A crescente presença em festivais de cinema, tanto “domésticos” como internacionais, contribuiu para a formação da identidade nacional, fornecendo uma plataforma segura e basilar para os cineastas sul-coreanos exibirem os seus projetos e interagirem com públicos mais abrangentes (Kim, 2005).

Assim, os festivais de cinema servem como uma plataforma aberta para a exposição das obras cinematográficas do país, onde se estabelecem contactos entre as diferentes partes da indústria, se gera reputação e influência mutuamente os estilos e tendências cinematográficas adotadas por esta área do entretenimento (Stringer, 2003).

No seguimento desta abordagem, podemos, mais uma vez, destacar a importância que o Governo Sul-Coreano, no desenvolvimento das suas medidas ao apoio das artes no país já mencionadas (Berry, 2002), teve para o possível crescimento e aparição destas obras em grandes “telões” por todo o mundo.

Apesar do sucesso desta vertente artística ser inegável, é evidente que também existem desafios que precisam de ser superados. Segundo o relatório que nos é apresentado por Kim Su-bin (2019), apesar do aumento das vendas, existe uma tendência à queda preocupante nas admissões ao cinema. Isto apontando uma mudança visível no comportamento dos públicos da atualidade, especialmente nas camadas sociais mais jovens, e gerando um desafio na monetização do cinema. Com o decorrer do tempo, e com o problema das questões económicas, a monetização dos bilhetes de cinema foi crescendo.

Para além disto, e voltando um pouco ao desafio comportamental: registou-se uma mudança na preferência do público relativamente ao consumo de entretenimento e uma crescente concorrência de outras formas de entretenimento (Kim Su-bin, 2019). Isto, apontado com o surgimento das novas plataformas de *streaming* e o, cada vez mais

fácil, acesso aos conteúdos *online*, facilitando o comodismo de assistir filmes em casa em vez de terem de dirigir-se a um cinema. É indiscutível como a conveniência e elevada variedade de opções oferecidas pelas plataformas de *streaming* podem ter sido uma das grandes “culpadas” para o fenómeno cinematográfico registado.

Porém, esta mudança deve ser tomada como um “aviso” a uma melhoria procurada na indústria cinematográfica sul-coreana, uma demanda crescente por conteúdos e géneros que não são tão representados no cinema do país e, sobretudo, uma necessidade de inovação e maior diversidade nas suas produções, de modo a continuar a atrair e cativar o público, garantindo a sua relevância no mercado, cada vez mais, globalizado e competitivo (Kim Su-bin, 2019).

Por outro lado, o trabalho de Kim Young-jin (2013) destaca a capacidade da indústria cinematográfica sul-coreana de se manter inovadora e em constante adaptação, para atender às demandas de um mercado em igual evolução e superar os desafios anteriormente apontados, desenvolvendo chaves e estratégias que garantem a sustentabilidade e crescimento generalizado desta área, o seu sucesso internacional e a sua expansão criativa.

Algumas das novas chaves para o sucesso no cinema sul-coreano, que exigem uma atenção reforçada às tendências de mercado, passam pela incorporação de elementos bem sucedidos no panorama internacional nas produções sul-coreanas, a exploração de novos géneros narrativos, novos formatos, técnicas cinematográficas e a procura de novas formas de *storytelling* criativas, de modo a criarem uma maior ligação com o público (Kim Young-jin, 2013).

Por fim, será necessário referir a importância das estratégias de marketing inovadoras e de o quão relevante é ter em atenção a expansão do cinema sul-coreano para novos mercados internacionais e nos “aproveitarmos” favoravelmente do crescente interesse global pelas produções cinematográficas deste país asiático.

Apesar de serem muitos os desafios que esta indústria atualmente enfrenta, são em igual número as oportunidades que advém dessas “adversidades”: enquanto a queda das admissões ao cinema representa uma ameaça à sustentabilidade da indústria, a capacidade de adaptação e inovação da mesma e das suas personalidades

integrantes (diretores, roteiristas, produtores, entre outros), reflete-se como uma esperança para o crescimento e a relevância contínuos do cinema sul-coreano no cenário mundial.

Apesar do visível sucesso desta indústria, existem desafios que geram alguma incerteza relativamente ao seu sucesso futuro, num contexto global em constante mudança. São levantadas reflexões sobre a verdadeira capacidade de competir num mercado cada vez mais saturado e competitivo, levantando preocupações sobre a sustentabilidade do cinema sul-coreano (Shim, 2014).

Com a crescente proliferação destas obras de entretenimento vindas de diferentes países e culturas, os cineastas sul-coreanos são deixados com o desafio de se fazerem destacar e atrair mais audiências à volta do globo (Shim, 2014).

Por isso, o autor reforça a necessidade contínua de inovação e adaptação por parte dos cineastas sul-coreanos para garantir a relevância e o sucesso a longo prazo da indústria cinematográfica do país.

Porém, enquanto nos tentamos aproximar e adaptar aos públicos internacionais, deparamo-nos com outra problemática: a necessidade de manter a sua identidade cultural própria, vingando no mercado global. Essa problemática é, então, tida como outra preocupação relevante. Os cineastas são confrontados com o desafio de equilibrar a preservação da identidade cultural sul-coreana com as demandas e expectativas de um público internacional diversificado (Shim, 2014).

Ter uma compreensão vasta destas questões é essencial para identificar os desafios e as oportunidades que moldaram a evolução futura do cinema sul-coreano. A indústria deve se manter criativa, dinâmica, e resiliente diante dos desafios e oportunidades do mercado global competitivo, de modo a garantir o seu contínuo crescimento e relevância no cenário internacional, pois o atual sucesso não é uma garantia do sucesso futuro.

2. O Encantado Mundo da *Hallyu*, *K-pop*, *K-Dramas* e *Fandom*

Quando se fala na arte sul-coreana e no sucesso do cinema sul-coreano, temos obrigatoriamente que mencionar a *hallyu*, a *korean-wave*, que descreve o fenómeno do crescimento da procura internacional pela cultura sul-coreana. Essa procura e interesse pode ser feito em várias áreas culturais, como a moda, culinária, a cultura das “novelas” televisivas (mais conhecidas como *dramas* ou *K-Dramas*), o cinema e, aquela que mais se tem destacado nos últimos anos: o *K-pop* ou pop coreano (Guerra, 2021).

Justamente por causa desse grande destaque e influência do “boom” da cultura sul-coreana para o mundo, não poderíamos falar de nenhum aspeto dessa globalização, sem mencionar também, como o *K-Pop* foi revolucionário para como a Coreia do Sul é vista internacionalmente. Segundo Yoon (2018), o subgénero musical *K-pop* pode ser interpretado como um “produto artístico transnacional”, isto é, tem como principal objetivo conectar-se com as audiências nacionais e internacionais em diferentes níveis para criar o conceito de “imaginação global”. Comparativamente ao fenómeno do *K-Pop*, podemos assumir que também a cultura dos *K-Dramas* é um fenómeno social, cultural e dos media.

Como analisado por Guerra e Sousa (2021), a popularização deste estilo musical é uma das maiores preocupações da indústria visto o seu carácter global, algo que, como apontam, “é visto por milhões de usuários em poucas horas da sua estreia”. Devido a essa popularização, não apenas das músicas e dos *MVs*, mas também das “novelas digitais”, cada país deve ter uma abordagem estratégica quase que personalizada. No contexto português - sendo um país pequeno, onde estas artes tiveram o seu *boom* há relativamente poucos anos, o investimento e uso das médias digitais é extremamente importante (Galloway, 2020).

Apesar de os *K-dramas* (novelas coreanas) serem provenientes da Coreia do Sul, não são de consumo exclusivo da população local coreana; muito pelo contrário, atualmente, estas produções artísticas são consumidas, na sua maioria, por telespectadores internacionais. Esta perspectiva pode ser comparada com a afluência

do *K-Pop*, no estudo de Yoon (2018), onde a produção desta arte é sobretudo direcionada para o consumo “*non-korean*”.

Assim como a música (Bennett & Rogers, 2016) está profundamente envolvida com a preservação da *memorabilia* e o crescimento da coleção pessoal de bens associados à mesma, também na comunidade dos *K-Dramas* conseguimos perceber um envolvimento dos fãs com a merchandising dos seus *doramas* favoritos. Para além da propriedade de colecionar, segundo Choi e Roald (2015) associado ao *K-pop*, estas pequenas ações que começam como um “desejo pessoal”, acabam por se tornar num desejo de fazer parte de um “movimento maior”: pertencer a um *fandom*.

Segundo Oliver (2020), *K-Pop* pode ser entendido como um produto da globalização. Por esse motivo, e acrescentando a teoria de Regev (2013), pode ser considerado um produto cultural que é feito para satisfazer as massas, mas preservando as características do país de onde provém. O mesmo pode ser transportado para a teoria do fenómeno do cinema sul-coreano.

O *fandom* e a participação, integração e atividade dos fãs é considerada essencial para o funcionamento da indústria, essas interações são uma qualidade inerente da história cultural (Duffett, 2015). No campo do cinema, os fãs são indispensáveis para manter a indústria, assim como para o sucesso do conteúdo que lhes é apresentado, sem o poder da *fanbase* não existiria uma proclamação tão grande do produto, sendo que os fãs são uma parte integrante da distribuição orgânica dos produtos.

Assim como é descrito no estudo de Guerra e Sousa (2021), existem várias formas com as quais os artistas podem interagir com os fãs, como em *vlogs*, aparições em *talk shows* e nas redes sociais, contribuindo para o crescimento da lealdade dos fãs e para o reconhecimento dos mesmos como uma parte integrante dessa relação. Baseado em parte do estudo de Duffett (2013, 2015) e transportando essas análises para a temática do cinema sul-coreano, concluímos que estas estratégias que implicam que os fãs acompanhem as medias onde os artistas que eles apoiam estão inseridos, criam um sentimento de validação e reconhecimento entre os participantes do *fandom* como “admiradores” de um ator, *K-Drama* ou filme particular, fazendo com que procurem,

também, se identificar nessa identidade conjunta - o *fandom* a que pertencem.

Quando falamos de *K-Dramas* e *K-pop* e a maneira como ambos interagem com os seus respectivos *fandoms*, podemos associá-los. Atualmente, várias “novelas” sul-coreanas e as suas produções são vendidas através de *DVDs Blu-Ray* onde estão gravados os episódios, *CDs* com o *soundtrack*, posters, em plataformas como o YouTube e o Weverse LIVE (antigo V Live) existem contas dedicadas à publicação de *behind the stage* destas produções, canais de reação às mesmas e, sobretudo, contas em várias plataformas como X (antigo Twitter), Youtube, Instagram, Facebook, etc, dedicadas apenas à calendarização dos novos filmes e doramas sul-coreanos que estão em exibição, já estiveram ou ainda vão estar, entrevistas exclusivas, jogos com os atores, entre outros tipos de *goodies*.

Para além do uso de atores conhecidos como estratégia para atrair a atenção das massas para a cinematografia sul-coreana, essas produções mas, especialmente, a indústria das novelas coreanas faz uso de personalidades conhecidas do universo do *K-Pop*, revestindo o cast de *idols* em ascensão e apresentando um *soundtrack* com músicas de grupos, artistas e bandas conhecidos.

Apesar do *K-pop* ser orientado para as culturas mais juvenis é importante referir o facto de ser cada vez mais comum se verificar um número considerável de fãs mais velhos: normalmente familiares que “seguem” os gostos dos filhos (Lie, 2012).

Neste tipo de indústrias, os símbolos físicos de nostalgia, como os *CDs*, *posters*, *photocards*, *lightsticks*, entre outros, têm um grande papel no sucesso da obra. Estas iniciativas vem do forte investimento em reestruturar as estratégias e técnicas de marketing e dar valor às opiniões dos fãs, sendo que estes produtos são criados e *designed* com especial atenção aos gostos dos mesmos. Para além disto, estas indústrias (especialmente à semelhança da indústria do *K-Pop*) investem particularmente na criação de produtos variados e altamente colecionáveis (Alberto & Guerra, 2019).

Como aponta Choi (2014) nos seus estudos, a indústria musical da Coreia do Sul (*K-Pop*) passou de apenas uma perspectiva de “troca” entre os artistas e produtos e os fãs para uma perspectiva de relação de proximidade entre esses objetos e os fãs que os consomem, de forma a criar um ambiente de maior valor.

No estudo de Sousa e Guerra (2021) denominado *Ultimate bias. Memorabilia, K-pop and fandom identities*, as mesmas abordam a questão da criação de uma nova identidade refletida da vivência em comunidade de fãs ou *fandom*. Uma das entrevistadas neste estudo, Alexandra Borges, deu o seguinte *insight*:

“(...) pertencer a um *fandom* cria uma certa identidade diferente de nós próprios, e a sensação de que participamos em algo e de que pertencemos a algum lugar, e muitas amizades e aprendizagens resultam disso. Através dessa aprendizagem, certos factos sobre nós mudam e criam essa identidade diferente. Mas penso que não só a identidade, mas também a forma como se vê o mundo e as outras pessoas.”

Isto é, pertencer a uma comunidade pode ser um precursor para a criação de uma nova identidade pessoal que reflita essa convivência em grupo. Porém, dessa nova personalidade também podem advir questões mais preocupantes, como a da ilusão cultural que se cria devido à maneira como são apresentados certos comportamentos nos *K-Dramas* e filmes sul-coreanos. Isto é, em muitas destas obras a Coreia do Sul é apresentada em níveis extremos, sejam positivos ou negativos e, devido a isso, os espectadores não ficam com uma perspetiva geral daquilo que é a verdadeira realidade do país, o que leva a pensamentos como: “Quero casar com um coreano, eles são mais respeitadores!”, “Porque é que os homens não são todos assim?”, “Até mesmo quem é mais pobre consegue viver bem.” E também os pensamentos contrários: “Os coreanos são demasiado gananciosos.”, “Eles trabalham demais.”, “Vivem em pobreza extrema.”

John Urry (1990) introduz a teoria de “the tourist gaze” que explica o fenómeno de como os turistas consomem as culturas estrangeiras através das imagens idealizadas pelos veículos midiáticos e pela social media. Nesse ponto, é possível perceber como o cinema sul-coreano molda a visão dos turistas sobre a Coreia do Sul. Os *K-Dramas* são uma grande fonte de idealização e fetichização da cultura sul-coreana aos públicos internacionais. Este fenómeno apresentado por Urry (1990) é a explicação pela o autor

se guia quando afirma que essas imagens idealizadas criam expectativas específicas sobre o país e a sua cultura.

Segundo Kratz e Reimer (1998), a cultura pop como resultado do sistema capitalista é um dos grandes fatores para os indivíduos serem capazes de escolher uma identidade, o que causa um aparecimento de uma nova variedade de subculturas (Guerra & Quintela, 2018), que são potencializadas pela difusão de conteúdo cultural através da internet (Manago, 2015; Choi, 2015; Jin, 2016).

Podemos associar a forma como a cultura sul-coreana é consumida com a teoria estudada por Stuart Hall (2005). Assim como Hall (2005) afirma, estamos perante o aparecimento de novas identidades culturais que permitem a integração dos indivíduos no *fandom*, ultrapassando os limites do gosto musical. A criação dessa identidade permite aos indivíduos se integrarem numa cultura de socialização e partilha de ideias sobre o seu gosto comum. Os indivíduos começam a fazer parte de uma cultura ativa, que os impulsiona a se assemelharem uns aos outros e difundirem o seu gosto e conteúdos a outros potenciais indivíduos que se possam juntar ao *fandom*. No caso do *K-Pop*, especialmente quando falamos da memorabilia, os integrantes dessa cultura reconhecem-na quase como a sua “cultura nativa” (Sousa e Guerra, 2021). Assim, os fãs relacionam-se com os produtos que consomem e, por sua vez, contribuem para a sua divulgação, sentindo-se fundamentais e responsáveis pela difusão do *K-Pop* a outras pessoas e comunidades (Sousa e Guerra, 2021).

Comunicação Estratégica. No seu trabalho, Guerra e Sousa (2021) também apresentam uma perspectiva interessante sobre a distribuição desta arte e as estratégias utilizadas para a sua popularização, os padrões de beleza e os *idols* como “iscos” de atenção. As empresas que gerem estes artistas são vistas como *gatekeepers* que exploram a imagem dos *idols* e a exportam para os utilizadores internacionais como uma imagem imaginária de “modelos de grande qualidade por um preço reduzido” (Sun, 2020). A indústria do *K-Pop*, para além de ser a “produtora” dessas personalidades, é também uma indústria que fomenta a crença da comunidade global (Guerra & Sousa, 2021).

Na indústria do cinema sul-coreano e das novelas também podemos encontrar

grandes empresas distribuidoras de música com grandes portos de “lançamento” de atores para o mercado sul-coreano, construindo uma nova e apelante personalidade para os mesmos: criação da ideia dos *all-rounded artists*. Uma das estratégias mais diretas usadas para atrair um maior público a consumir a cinematografia sul-coreana é o uso de atores que foram popularizados internacionalmente através dos *K-Dramas* e fazer fruto dessa sua personalidade; O mesmo acontece no reverso - usar os *K-Dramas* como um mecanismo para “lançar” bons artistas que protagonizaram peças cinematográficas, de modo a gerar um fluxo de *views* para os seus trabalhos antigos. Por exemplo, o filme *Parasite*, de 2019, reúne grandes nomes da indústria de atores como Park Seo-joon, Lee Sun-kyun, Choi Woo-shik e Park So-dam. Em *The Handmaiden*, temos atrizes como a Kim Tae-ri e a Kim Hae-sook e em *Oldboy* o ator Yoo Yeon-seok.

O filme *Burning* (2018) é um ótimo exemplo dessa estratégia também, mas de uma perspectiva um pouco diferente: em vez de usarem uma personalidade conhecida no meio do *fandom*, estenderam a oportunidade de sucesso a um nível superior fazendo uso do nome de Steven Yeun, ator americano-coreano, com uma carreira internacional extensa. Assim, atingiram uma maior internacionalização desta obra, angariando 205 indicações e 58 vitórias em variadas premiações de cinematografia à volta do globo, perdendo apenas para *Parasite*. Para além dessa estratégia, já começamos a ver uma perspectiva contrária a surgir, apesar de não ser um fenómeno tão recente como o que pode parecer, atualmente acontece em maior afluência: atores sul-coreanos a ser inseridos em produções em *Hollywood*.

Como exemplo temos, mais uma vez, Park Seo-joon, que interpretou o Príncipe Yan, no Filme *Marvels* (2023) do Multiverso da Marvel e Lee Jung-jae, que depois do tremendo sucesso de *Squid Game* (2021) na Netflix, agora faz parte do elenco de *The Acolyte* (2024), uma série estadunidense baseada na saga de filmes Star Wars. Um exemplo mais antigo é o de Lee Joon-gi que, em 2016, interpretou a personagem Lee no último filme da saga adaptada dos jogos eletrónicos *Resident Evil*, *Resident Evil: The Final Chapter*.

Este fenómeno também pode ser observado através do crescimento do *fandom* e da crescente demanda para que estes conteúdos artísticos sejam distribuídos com

maior facilidade. Atualmente, especialmente quando falamos de novelas coreanas, tem se verificado um aumento significativo da presença de produções sul-coreanas nos serviços de *streaming*. No que toca ao cinema, temos visto, também, um aumento de produções por diretores sul-coreanos a serem distribuídas pelos cinemas locais, a nível mundial, e a presença de certas obras de renome em grandes serviços de *streaming*.

3. Câmera Metodológica

Para além do que já foi desenvolvido na revisão bibliográfica anteriormente apresentada, achamos relevante aprofundar conhecimentos e tentar analisar mais detalhadamente que estratégias comunicacionais e processos de comunicação cultural influenciaram positivamente (e também negativamente) o sucesso da indústria cinematográfica sul-coreana.

Para isso, vamos precisar também de aprofundar um pouco como essas produções artísticas se refletem na nossa sociedade portuguesa e como se “moldam” de forma a ressoarem com os nossos públicos, especialmente os mais jovens. Para isso, teremos de nos focar um pouco no fenómeno da “febre da cultura sul-coreana”, na globalização dos conteúdos, no culto da pessoa/ personalidade e na mudança comportamental, tanto da nossa, como da sociedade sul-coreana.

Para além destas temáticas, será necessário aprofundar o crescimento exponencial de outras formas de entretenimento cultural como os *K-Dramas* e desenvolver como estes podem tanto representar uma ameaça, como uma oportunidade, para a indústria cinematográfica sul-coreana. Até certo momento, será necessário comparar o fenómeno do cinema com o *K-pop*, devido à sua similaridade de influência.

É a pensar nesta perspetiva que pretendemos utilizar a metodologia das entrevistas como principal meio para a nossa pesquisa qualitativa, com as seguintes fases de ação:

1. desenvolvimento do guião;
2. fase das entrevistas;
3. análise dos dados;
4. organização e descrição da informação;
5. ponderação e apresentação das conclusões.

Para além disto, as entrevistas serão divididas em dois focus groups, de entre 4 a 5 pessoas. No primeiro grupo, criadores de conteúdo, pessoas que dedicam parte da sua atividade online à difusão da cultura e entretenimento sul-coreano e, no segundo

grupo, pessoas residentes na cidade do Porto ou regiões próximas que consomem diariamente das várias vertentes do entretenimento sul-coreano.

Em primeiro lugar, vamos recolher as características sociográficas de todos os entrevistados e, após essa recolha prévia, seguimos para as questões que se dividem em 4 partes:

Parte 1: Representação face ao entretenimento sul-coreano - Isto é, queremos saber como é que este tipo de cultura é recebida em Portugal e que tipo de repercussões traz.

Parte 2: Perspetivas face à identidade cultural sul-coreana - Pretendemos perceber como é que o consumo deste tipo de entretenimento veio moldar os comportamentos e perspetivas dos seus recetores e a sua identidade.

Parte 3: Abordagem do cinema sul-coreano e da K-wave - Nesta parte estamos à procura de responder a como o cinema se tornou um sucesso mundial e a evolução cultural que isso veio trazer.

Parte 4: Impactos no quotidiano - Como o próprio título indica, tentaremos perceber que tipo de impacto o consumo deste entretenimento tem no dia-a-dia dos recetores.

Para além de ser necessário perceber o contexto e impacto da hallyu na vida dos fãs e de analisar as suas perspetivas sobre a ascensão da popularidade do entretenimento sul-coreano, achamos necessário considerar também o contexto mais interno. Isto é, analisar a história, temas, pontos e abordagens que estes filmes querem transmitir ao público global. Por isso, para além das entrevistas, foram escolhidas quatro obras do cinema sul-coreano com bastante impacto social e cultural, que desafiam as perspetivas internacionais dos fãs da cultura sul-coreana e são ricos em valiosas morais. Os filmes escolhidos foram *Parasite* (2019), pela sua importância na globalização da cultura do cinema sul-coreano, *OldBoy* (2003) e *Memories of Murder* (2003), pelas suas perspetivas muito pessoais da vida diária, cultura sul-coreana e sistemas de opressão e *The Handmaiden* (2016) pelo seu carácter histórico poderoso e único, contado da perspectiva de duas mulheres queer.

Destas quatro obras, faremos uma análise de conteúdo que se rege pelos seguintes pontos:

1. Relevância cultural e/ou histórica: ponto onde vamos analisar o contexto social e cultural que nos é apresentado nas obras e como é que este reflete a vivência e os ideais sociais do povo sul-coreano.
2. A ideologia propagada: pretendemos observar que tipo de apelos ou críticas estão a ser feitas nos filmes e como é que eles nos apresentam as crises e/ou vitórias dos cidadãos sul-coreanos.
3. Recessão e impacto: ponto onde vamos tentar perceber que tipo de impacto estes trabalhos podem vir a ter nas perspectivas dos recetores.
4. Narrativa e personagens: analisar como é que ambas estão estruturadas e reunir os pontos mais importantes e interessantes que devam ser levantados
5. Estilo visual: não há nada mais importante que o visual para conseguirmos distinguir aquilo que estamos a observar, este ponto servirá, sobretudo, para perceber como é construída a atmosfera visual destas tramas.
6. Trilha sonora: assim como no ponto anterior, esta última seção servirá para conseguirmos traçar a atmosfera cinematográfica das obras, mas com enfoque apenas no som.

3.1. Objetivos e questões da investigação

Esta investigação terá como principais pilares norteadores duas grandes perguntas de partida e três principais hipóteses às quais procuramos responder.

Pergunta 1: De que formas se pode manifestar a influência da indústria de entretenimento sul-coreana em Portugal - Porto?

Esta pergunta foi formulada com base na observação da crescente presença e influência da cultura sul-coreana em países estrangeiros, incluindo Portugal. Pretende-se compreender como essa influência se manifesta no nosso país, com foco na cidade do Porto. Além disso, é entendido a necessidade de explorar as diferentes formas pelas

quais as pessoas em Portugal (no Porto) são expostas e contactam com a cultura sul-coreana, sobretudo por meio do cinema.

Hipótese 1: uma das formas mais predominantes de como se manifesta a cultura é através das entidades artísticas e culturais (cinema, kpop, etc);

A nossa primeira hipótese sugere que uma das formas mais predominantes de manifestação da cultura sul-coreana em Portugal, é através de entidades artísticas e culturais, como o cinema e o estilo musical *K-pop*. Essas manifestações podem ser observadas no culto à personalidade de artistas sul-coreanos, na popularidade das suas produções artísticas, como filmes e os *K-Dramas*, e nos processos de comunicação cultural que promovem a disseminação e aceitação da cultura sul-coreana no país.

A relevância desta hipótese reflete-se na crescente exposição e acesso das pessoas em Portugal às produções culturais sul-coreanas, impulsionadas pela globalização e pelas novas tecnologias de comunicação, que facilitam o compartilhamento e consumo de conteúdos internacionais. Com a proliferação de plataformas de *streaming*, redes sociais e eventos culturais, como festivais de cinema e *shows* de *K-pop*, os portugueses têm maior acesso a essas expressões culturais sul-coreanas. Além disso, a popularidade de filmes como *Parasite*, *Train to Busan*, entre outros contribuem para aumentar o interesse e a influência da cultura sul-coreana em Portugal.

Assim, o cinema sul-coreano tem ganho destaque, através dos festivais de cinema internacionais e em circuitos de exibição, proporcionando ao público português uma visão mais ampla da riqueza e diversidade da cinematografia sul-coreana.

Pergunta 2: Quais é que foram as estratégias mais utilizadas para levar o cinema sul-coreano para o mercado internacional (português incluído) e quão bem sucedidas foram?

Esta segunda questão foi elaborada com o intuito de investigar as estratégias adotadas pela indústria cinematográfica sul-coreana para expandir a sua presença e alcançar sucesso no mercado internacional, incluindo no mercado português. Considerando o crescente interesse global pelo cinema sul-coreano, é relevante entender quais foram as abordagens utilizadas para promover e distribuir as suas obras internacionalmente. Para além de apenas entender, procuramos avaliar a eficácia dessas estratégias, o seu impacto e popularidade, em território português.

Hipótese 2: as táticas comunicacionais utilizadas passaram pela adaptação da linguagem artística de modo a acompanhar o processo de globalização digital;

Hipótese 3: devido à globalização, conseguimos perceber que a Coreia do Sul (sistema artístico/ do cinema) “sofreu” uma reconfiguração cultural para se adaptar ao público internacional;

A segunda e a terceira hipóteses que formulamos sugerem que as estratégias utilizadas para levar o cinema sul-coreano para o mercado internacional, incluindo Portugal, foram baseadas em táticas de comunicação estratégica adaptadas ao contexto da globalização digital. A reconfiguração cultural da Coreia do Sul, especialmente no campo cinematográfico, foi necessária para se adequar ao público internacional e aumentar sua visibilidade global. Essa adaptação envolveu a necessidade da produção de filmes com temas universais, com que as audiências de diferentes origens culturais, de alguma forma, se pudessem identificar e a crescente participação ativa em festivais de cinema internacionais, de modo a promover a cultura cinematográfica sul-coreana.

Estas hipóteses são importantes pois consideraram o contexto da indústria cinematográfica sul-coreana, que passou por uma transformação significativa nas últimas décadas, onde evoluiu de um mercado predominantemente “doméstico” para uma indústria reconhecida internacionalmente, diante da crescente concorrência e da necessidade de se destacar neste mercado globalizado e, cada vez mais, saturado.

É importante destacar que essa adaptação das narrativas dos filmes sul-coreanos, de modo a torná-los mais acessíveis e relevantes para as audiências internacionais, foi uma das principais estratégias adotadas pelo país asiático. A incorporação de elementos universais, questões sociais contemporâneas, abordagens estilísticas que transcendem barreiras culturais e temas como o amor, a família e a amizade tornaram o cinema sul-coreano atrativo e cativante para os públicos ao redor do mundo, incluindo em Portugal.

3.2. Entrevistas

Após a pré-seleção dos entrevistados, podemos começar a efetuar as entrevistas. Os entrevistados poderão manter o anonimato, caso assim desejem, apenas tendo de fornecer as informações sociográficas necessárias para a investigação, sendo elas:

- idade;
- identidade de género;
- local de residência;
- profissão;
- qualificação escolar.

Estas informações serão necessárias para conseguirmos efetuar uma divisão dos entrevistados e analisar possíveis padrões que possam surgir. Para além disso, servirão para termos uma melhor percepção da nossa amostra e como é que isso pode impactar o estudo.

O questionário será aplicado a dois grupos distintos de “fãs” do cinema e entretenimento sul-coreano, em grupos de 4 a 5 pessoas, numa entrevista conjunta. Cada um desses grupos terá um foco específico: primeiramente, pretendemos entrevistar “influencers” e indivíduos que sejam ou já foram ativos e conhecidos nas redes sociais pela difusão de conhecimento sobre a cultura sul-coreana. O segundo grupo será focado apenas em “fãs” que consomem do entretenimento sul-coreano

diariamente e fazem parte do *fandom*, não criando conteúdo, mas expondo outro tipo de conteúdo e divulgação na internet.

A escolha destes dois grupos recaiu sobre a necessidade de dividir os entrevistados pela ação que eles tomam perante o que lhes chega desta indústria.

É importante ressaltar que as entrevistas serão feitas via online, através das plataformas Zoom e Google Meet, devido à maior facilidade de acesso e conforto de todos os envolvidos. É estimado que as entrevistas tenham aproximadamente 1 hora e 30 minutos de duração, devido à quantidade de perguntas e entrevistados em simultâneo. A transcrição das entrevistas estará disponível para consulta nos anexos.

É pretendido que os grupos realizem uma discussão saudável destes temas e levantar possíveis novos pontos. No decorrer, analisaremos também os comportamentos dos entrevistados. O processo da entrevista foi dividido em cinco partes, onde a primeira consiste, então, na recolha dos dados sociográficos dos entrevistados. A partir daí, começa o guião da entrevista que contempla as restantes quatro partes e as suas respectivas perguntas que se enquadram no tema introduzido nessa secção de questões. O guião aplicado nas entrevistas estará disponível nos anexos.

O primeiro grupo a ser entrevistado foi o de criadores de conteúdo. Nesta entrevista contamos com a presença de 5 mulheres: Bruna, Sara, Sara, Ana e Maria. Todas elas desenvolvem diferentes tipos de conteúdos ligados à cultura e entretenimento sul-coreanos. Foi-lhes pedido para que, se estivessem confortáveis, partilhassem um pouco da sua atividade nas redes sociais e o que as motivou a criar conteúdo sobre a Coreia do Sul. Achamos que seria pertinente e necessária esta introdução sobre as personalidades “públicas” com quem estabeleceremos uma conversa, de modo a que consigamos perceber um pouco mais sobre o conteúdo produzido e distribuído pelas entrevistadas.

Assim sendo, no primeiro grupo, tivemos a presença de Bruna Pires (@daebakbruna no Instagram, Youtube e Tiktok), repórter voluntária da Embaixada da Coreia do Sul em Portugal e consultora online de viagens para a Coreia do Sul. A Bruna, de 30 anos, dedica a sua atividade online à difusão de conhecimento cultural, histórico e de entretenimento sobre a Coreia do Sul. Para além disso, aprofunda as ligações entre

o nosso país e o país asiático, dando a conhecer as similaridades e diferenças das nossas vidas diárias, a alimentação, lazer e, até mesmo, maquilhagem e vestuário. Uma verdadeira amante do cinema, entretenimento e cultura sul-coreanos.

Nesta mesma entrevista, contamos com a presença de Sara Passeira, de 25 anos, mestre em Estudos Asiáticos e fã da cultura do entretenimento sul-coreana. Em 2021, durante a sua viagem à Coreia do Sul, fez uso da sua conta de Instagram pessoal (@sarapasseira) para divulgar os locais por onde passou e as experiências que viveu em viagem, fazendo publicações diárias com informações culturais relevantes e diretas. Em 2022 criou o “segmento” *Bwa Bwa* (“Vejam Vejam” traduzido literalmente do coreano para o português), onde começou a publicar, na sua conta pessoal, *reviews* de filmes e *K-Dramas*. Apesar de, neste momento, já não estar em atividade, criou conteúdo preciso e gerou divulgação para a cultura do entretenimento sul-coreana.

Sara Gomes, de 31 anos, para além de enfermeira, é administradora da conta de instagram @kdramalovers_pt, perfil dedicado a fãs de “novelas” sul-coreanas. Sara, em colaboração com duas amigas, dedica parte do seu tempo para gerir a conta de Instagram e dar a conhecer aos usuários a cultura sul-coreana. Nesse mesmo perfil, fazem *reviews* e dão recomendações, maioritariamente, de *K-Dramas* porém também fazem jogos interativos e atividades que permitem aos recetores conhecer melhor os atores, conteúdos e notícias de outros ramos do entretenimento, como a cosmética, a música (*K-Pop*) e a culinária. Para além disso, é importante destacar que a página habitualmente estimula a partilha de conteúdos criados pelo *fandom*, como *fanarts*, *video edits*, entre outros.

As últimas duas convidadas do primeiro grupo são irmãs e partilham o gosto pela cultura do entretenimento sul-coreana, Ana Teixeira, de 26 anos e Maria Teixeira (@traces_of_ines), de 19 anos, junto com a mãe, administram uma loja de artesanato (@aurora_crafz no Instagram) que, neste momento, desenvolve projetos focados e inspirados na cultura sul-coreana. Para além disso, Maria é ilustradora e dedica-se sobretudo à criação de ilustrações alusivas a *K-Pop* e a *idols*, criando conteúdo para as redes sociais. As irmãs são, ainda, parte de uma equipa de organização de eventos

(@hamkkecrew.events) que tem como enfoque as várias áreas de entretenimento sul-coreano.

O segundo grupo de entrevistados, com jovens de idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos, foi o grupo dos consumidores de entretenimento e cultura sul-coreana. Estes quatro jovens, duas mulheres e dois homens, consomem diferentes tipos de vertentes do entretenimento sul-coreano diariamente e contribuem, de forma orgânica e passiva, para a disseminação desse conteúdo. Como parte integrante do *fandom*, convidámos este grupo de pessoas a responderem às questões de modo a percebermos como é que se caracterizam as perspetivas do *fandom* em relação à popularização do cinema e entretenimento sul-coreanos. Os nossos convidados foram Bruna, Luís e Gustavo, de 20 anos, estudantes e residentes de São João da Madeira e Santa Maria da Feira (Luís), e Carolina, de 24 anos, uma Podcast Media Director residente em Setúbal.

4. A Composição de um Roteiro

Os filmes escolhidos para análise foram *Parasite* (2019), *Memories of Murder* (2003), *The Handmaiden* (2016) e *OldBoy* (2003). Dois destes filmes (2003) foram produzidos e lançados à priori do “boom do K-pop”, por volta de 2016/2017, *The Handmaiden*, que desafia contextos não só culturais, mas também históricos e sociais, foi lançado durante o início da ascensão da “onda sul-coreana”, mas só vem a ter o seu verdadeiro reconhecimento internacional algum tempo mais tarde. *Parasite* (2019), em particular, foi o filme sul-coreano com mais sucesso internacional até aos dias de hoje, foi considerado um fenómeno mundial. Indicado a mais de 200 prémios e vencedor, de entre muitos, da Palma de Ouro no Festival de Cannes de 2019 e o Óscar de Melhor Filme em 2020. Apesar das diferentes temáticas e abordagens, todas estas obras partilham uma reflexão similar: dar a conhecer perspectivas da cultura, sociedade e ou história da Coreia do Sul, de forma forte, estratégica e crua.

***Parasite* (2019)**

Parasite é um filme sul-coreano, de 2019, que fez um grande sucesso a nível internacional. O filme contou com mais de 200 indicações a prémios à volta de todo o globo e venceu mais de 90 dessas premiações. Foi condecorado com o Oscar de “Melhor Filme”, em 2020, sendo o primeiro filme de língua não-inglesa a atingir este marco. No Festival de Cannes, em 2019, *Parasite* ganhou a Palma de Ouro.

Dirigido por Bong Joon-ho, um dos grandes nomes da cinematografia sul-coreana na atualidade, esta obra traz uma inovadora reflexão sobre a pobreza, desigualdades e o sistema de sociedade de classes. O filme faz uso do humor e da sátira como grandes impulsionadores da trama dramática. No filme convivemos com duas famílias distintas: a família Kim, a viver em situação precária, num apartamento sujo, apertado e sufocante, que não apanha luz solar. Os quatro membros desta família vivem angustiados e em constante preocupação. Por outro lado, a família Park vive de forma confortável e luxuosa, numa mansão que abunda de luz e modernidade. Durante o

decorrer do filme acompanhamos o percurso da família Kim que, ao ver uma oportunidade de melhorar as suas condições de vida, tenta se apoderar da mansão da família Park infiltrando-se aos poucos, como “parasitas”.

Parasite é um filme que pretende despertar os telespectadores, sobretudo, para as desigualdades económicas e sociais que ainda se fazem sentir, em grande número, na Coreia do Sul. Devido à crescente inflação que enfrentamos em todo o globo, nas últimas décadas temos visto emergir vários problemas sociais e económicos, como o aumento das rendas, a crise e a precariedade habitacionais e um alto nível de desemprego, sobretudo jovem.

O crescimento económico exponencial da Coreia do Sul - conhecido como “O milagre no Rio Han” - começa em meados de 1960, logo após a Guerra das Coreia (1950-1953), quando o país começa a se desenvolver industrialmente. O país asiático investe na substituição dos campos agrícolas por fábricas e transforma os seus agricultores em fabricantes e, assim, dá-se uma modernização tecnológica muito forte. Quando se dá a crise financeira de 1997, a Coreia do Sul reestrutura a sua abordagem com o governo e com os negócios, fazendo com que o país não sinta tão fortemente essa crise. Os esforços para enriquecer o país foram evidentes, porém, também trouxeram uma divisão significativa entre as classes sociais. Culturalmente, foi importante a modernização e desenvolvimento económico sul-coreano no período de 1960 a 1990, mais ou menos, porém criou uma linha forte entre os mais ricos e os pobres. Este filme lembra esse passado histórico, preserva as suas repercussões na sociedade moderna sul-coreana, e conecta o recetor com o presente vivido no país asiático.

Porém, apesar desta obra de Bong Joon-ho ser focada e alertar para a precariedade que certas famílias coreanas vivem, é um tema que ressoa com a nossa própria vivência, mesmo que estejamos “do outro lado do mundo”. A sua extrema importância cultural reside na maneira como o mundo sul-coreano nos é apresentado. De uma forma cruel e nua. O filme aborda temas universais, como a luta de classes, a coexistência de pessoas com extrema riqueza e pessoas extremamente pobres na sociedade moderna. O sucesso internacional de *Parasite* acontece devido, exatamente,

a este fator: a capacidade de Bong Joon-ho de construir uma narrativa sem rodeios, com uma abordagem única e que é capaz de ressoar no cotidiano de todas as pessoas que a vejam, de uma forma ou de outra. Foi o poder desta exposição, dos telespectadores de identificarem a situação ou a do país representada na tela, que fez deste filme um sucesso mundial, com uma mensagem universal.

Bong Joon-ho faz uso da sátira e, com ela, cria uma narrativa com uma crítica severa ao capitalismo e à estrutura de classes capitalista. Esta obra explora profundamente como se encontra o estado atual da habitação na Coreia do Sul: em crise e desigual e injusto em termos de rendas. O filme obriga os telespectadores a se envolverem na narrativa e a refletir sobre as injustiças estruturais da nossa sociedade.

A família Kim é a poderosa representação da classe operária que por mais trabalhadores sejam, os seus esforços e habilitações parecem ser em vão. Esta família vê-se presa na sua pobreza, representada pela casa sufocante, quase como uma cela, onde habitam. A narrativa direciona o nosso pensamento para a certeza que não existe maneira de sair do nosso “lugar”, devido às barreiras impostas pelo sistema capitalista: os pobres sempre serão pobres. Faz-nos também refletir que, às vezes, temos de fazer “coisas loucas” por uma vida melhor, assim como a família Kim, sem outra saída, decide se infiltrar e apoderar da riqueza de outras pessoas.

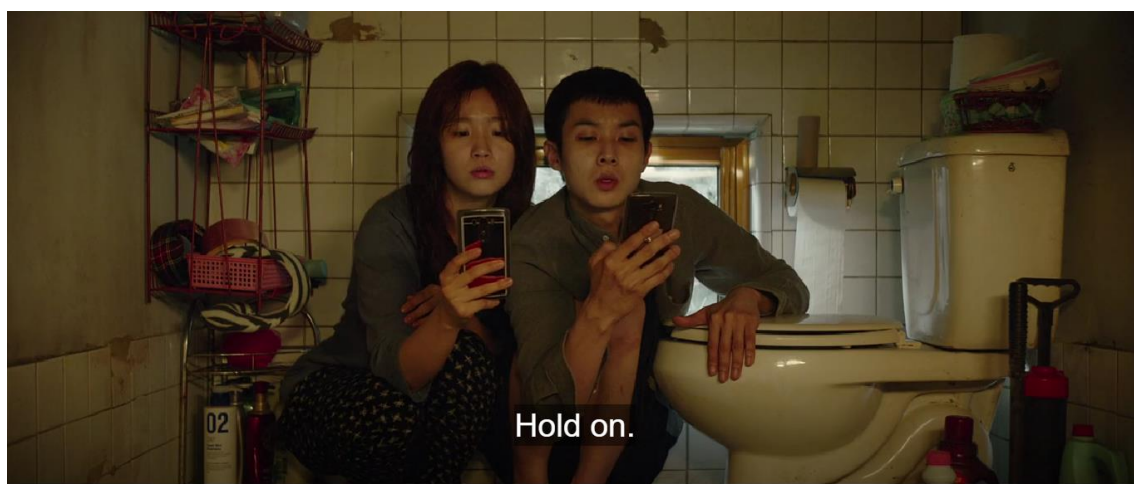


Figura 1. Representação da pobreza da família Kim.

Em contraste, a família Park representa uma elite privilegiada que não tem consciência das dificuldades que as pessoas mais pobres enfrentam e que se isola na sua própria riqueza, não lhes permitindo se aproximar de outras realidades.



Figura 2. Representação da riqueza da família Park

Esta obra cinematográfica faz-nos questionar o sistema social e económico a que nos submetemos e desafia-nos a responder à pergunta: Será correto dar mais valor à riqueza e à hierarquia do que ao mérito pessoal?

Receção e Impacto. Devido à sua temática universal, *Parasite* foi aclamado por todo o mundo, tornou-se um verdadeiro sucesso. Logo após o seu lançamento, a obra foi recebida pela crítica internacional de forma muito positiva, ganhando, desde cedo, destaque. Mas foi, especialmente, após vencer o Óscar de Melhor Filme em 2020 que o filme se tornou um novo ponto de interesse para os internautas. A sua receção positiva também se deveu muito à familiaridade vivida através da narrativa e das personagens e como as mesmas eram descritas e apresentadas. Apesar do filme ter uma temática bastante pesada, por ser muito real, é fácil de “digerir”. É poderosa, exatamente, por ter um bom equilíbrio entre o sério e o ridículo (o humor). Foi também essa reflexão da vida diária de vários trabalhadores à volta de todo o mundo que fez deste filme um impacto mundial: a capacidade de se reconhecerem numa tela, da sua situação ser representada e tratada com tanto tato. Ainda assim, não podemos afirmar que *Parasite* causou impacto a certas classes sociais, a mensagem é clara para todos e serve, para as

pessoas mais privilegiadas, como um “abre olhos” para estarem atentos àqueles que os rodeiam.

Assim como aconteceu com a família Kim, que desesperados e angustiados com a sua vida, decidiram tomar ações drásticas e moralmente questionáveis para conseguirem se sustentar; atualmente, vivemos numa realidade onde muitas pessoas são obrigadas, todos os dias, a tomar decisões por desespero ou falta de esperança. É este o maior impacto que o filme nos traz: a realidade.



Figura 3. Inundação na casa da família Kim, após fuga da casa dos Park

Parasite apresenta uma narrativa cuidadosamente construída e pensada ao pormenor, o diretor explora questões sensíveis e gráficas conjugando-as com elementos de comédia e drama. A atmosfera do filme, apesar de compassada e humorística, vai, aos poucos, se transformando num thriller psicológico. A tensão do filme vai aumentando no seu decorrer e com ela, aumenta também a complexidade das cenas e dos personagens.

Podemos dividir o filme em duas partes distintas: a primeira metade apresenta-se como uma comédia, onde acompanhamos a ascensão manipuladora da família Kim ao se infiltrar na mansão dos Park. A segunda parte transforma-se num terror psicológico quando os segredos mais sombrios começam a ser relevados.

No decorrer da obra, vamos conhecendo intimamente cada personagem (especialmente da família Kim) e percebendo quais são os motivos pessoais que os movem. Kim Ki-jung (filha) é retratada como uma menina cheia de habilidades e muito

inteligente, mas que se depara com muitas questões morais. A personagem de Ki-jung serve para mostrar ao telespectador a profundidade dos dilemas éticos que são vividos diariamente pela classe operária.

Já a família Park é descrita como ingênua e sem plena noção das dificuldades enfrentadas pelas pessoas menos privilegiadas, inconscientemente desumanizando aqueles que estão socialmente “abaixo” deles.



Figura 4. Família Kim invade e começa a viver na mansão, enquanto a família Park está fora

Parasite é portador de um estilo visual muito próprio e podemos, sem dúvida, afirmar que é um dos elementos mais notáveis deste filme. O diretor usa os espaços de maneira simbólica para propagar a temática principal do filme: a divisão de classes. O porão onde vivem os Kim é sujo, escuro e apertado, com evidentes sinais de desgaste e mofo; é o reflexo da situação que aquela família vive: de desespero, opressão e escuridão. Para além do aspeto físico do local, a luz também tem um papel muito importante na trama. No porão a família Kim convive num ambiente ausente de luz, ou seja, distante da vida e da esperança.

Em contrapartida, os Park vivem em uma mansão luxuosa, espaçosa, moderna e com muita luz, símbolo da riqueza e da ingenuidade que avassala o dia-a-dia daquela família.

Para além disto, temos um símbolo muito importante ao longo do filme que antecipa o desenrolar da narrativa: as escadas que a família Kim tem de subir. Essas escadas são a simbologia para a subida na sua posição social e as trocas de poder entre as famílias.



Figura 5. Escadas que juntam a mansão dos Park com o porão da família Kim

Em vários ângulos de câmara, os Park são estrategicamente colocados “acima” dos Kim, para reforçar a ideia de uma família estar socialmente acima da outra. Até a localização das casas enfatiza esse aspeto: A família Kim vive no subsolo, enquanto que a família Park vive no ponto mais alto de uma colina.

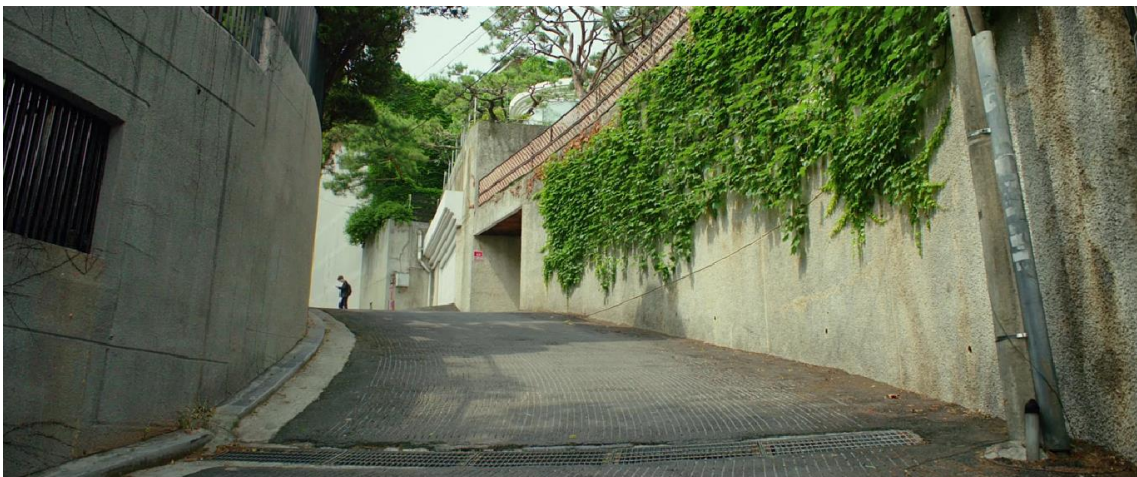


Figura 6. Colina que liga a casa da família Park, no cimo, ao porão dos Kim.

A trilha sonora, apesar de subtil, é eficaz e dá a intensidade necessária a cada cena. Composta por Jung Jae-Il e variada entre melodias mais suaves a sonoridades mais intensas, pode ser considerada o perfeito complemento para esta narrativa poderosa e estilo visual tão único. A música ajuda a criar uma atmosfera, seja de tensão, como de vitória, dando a cada momento o seu devido impacto e emoção. A trilha sonora é extremamente eficaz em transmitir e projetar as emoções que nos são apresentadas e reflete, perfeitamente, a dualidade da narrativa.

OldBoy (2003)

OldBoy (2003) é considerado um dos filmes mais icónicos da Coreia do Sul. Dirigido por Park Chan-wook e segundo filme “Trilogia da Vingança”, esta obra desempenhou um papel importantíssimo para o lançamento do cinema asiático ao público ocidental. Em 2004, *OldBoy* ganhou o Grande Prémio do Júri no Festival de Cannes, pelas mãos de Tarantino.

O filme segue a história de Oh Dae-su, que, durante 15 anos é mantido em cativeiro, submetido a tortura psicológica e sem explicações sobre o porquê de estar ali “enjaulado”. Um dia, através de uma sessão do telejornal (único objeto que tem consigo naquela estranha prisão), descobre que é o principal suspeito do homicídio da sua esposa, aí tenta o suicídio, mas falha. Em pouco tempo, começa a adaptar-se ao tom mórbido e gelado do quarto e prepara-se para o pior que possa acontecer.

Quando, finalmente, é libertado apenas com peças de vestuário, dinheiro e um telemóvel, ainda sem perceber o porquê de ter sido isolado ou, até mesmo, o porquê de o terem libertado, decide começar uma jornada em busca da sua identidade esquecida e de respostas para as suas perguntas. Nessa busca por vingança, Dae-su acaba por se ver envolvido num jogo muito mais sinistro do que o que estava à espera. Esta primordial obra do cinema sul-coreano traz-nos uma reflexão sobre a vingança, a moralidade, arrependimento e a justiça e como esta pode custar muito mais do que o que estamos dispostos a pagar.

OldBoy foi um dos grandes pilares para a construção desta atenção global para o entretenimento sul-coreano. Apesar deste processo ter sido gradual e ter vindo a ter

o seu pico apenas em 2016-2017, com a explosão do K-Pop e dos K-Dramas, podemos afirmar que, especialmente, no cinema este filme é visto com uma grande revolução.

A obra do início dos anos 2000 abriu muitas portas para que outros filmes pudessem ser reconhecidos, tanto em termos narrativos, como em termos de estética visual. A Coreia do Sul foi um país que passou por muitas transformações políticas, sociais e económicas nas últimas décadas. Muitas dessas transformações foram radicais e marcadas por episódios de opressão que geraram uma sensação de trauma nacional.

Durante 35 anos (de 1910 a 1945), a Coreia do Sul sofreu uma ocupação do seu território pelo Japão, tornando-se uma colónia do mesmo. Apenas 5 anos depois - em 1950 - começa a Guerra da Coreia, que dura 3 anos. Após estes episódios de opressão extrema deu-se uma série de vitórias de regimes autoritários ao governo do país, até meados dos anos 80. Estes eventos deixaram profundas cicatrizes na identidade cultural deste país.

O filme *OldBoy* é uma excelente e sentimental metáfora a toda a história de tribulações, perdas, sofrimento e vingança sentidas por todo o povo sul-coreano. Estes sentimentos e cicatrizes estão intimamente ligados com a forte identidade cultural do país, influenciada pela sua história avassaladora. Oh Dae-su representa o país, que foi preso sem saber porquê, emocionalmente reprimido e confuso com as razões pelas quais teve de sofrer durante tantos anos. O personagem principal é o símbolo da Coreia do Sul e de todos os inocentes que foram reprimidos no período das ditaduras militares sul-coreanas.

Assim como Dae-su, o país asiático lida diariamente com as repercussões destes eventos e com os sentimentos de vingança, rancor e memórias negativas, sendo incapazes de seguir com as suas vidas sem entender o porquê do seu sofrimento. Também podemos apontar outro aspeto em que o filme se conecta com o impacto das ditaduras e guerra: no clima de constante paranoia. Devido à imensa instabilidade política, instalou-se naquele povo um clima de vigilância, desconfiança e medo. Esse aspeto pode ser visto através das interações entre o protagonista (Oh Dae-su) e o antagonista (Lee Woo-jin) de *OldBoy*.

Assim como em *Parasite* (2019) este filme também cria espaço para uma reflexão sobre a modernização da Coreia do Sul e foca-se, sobretudo, na maneira como temos de adaptar as nossas tradições e a nós mesmos de maneira rápida, devido às mudanças sociais que podem acontecer num curto espaço de tempo.

OldBoy é focado na temática da vingança e nas consequências que ela traz à vida tanto da vítima, como do opressor. A obra desafia os telespectadores a refletirem sobre a natureza deste sentimento e ação e perceberem como se torna um ciclo vicioso. Lee Woo-jin e Oh Dae-su ficam presos nesse ciclo e levantam a questão: será que a violência pode mesmo nos ajudar a atingir a justiça que ansiamos? Ao longo do filme estas questões vão se aprofundando mais e mais, através de todas as interações dos personagens principais. Também é criticada como a falta de comunicação e a propagação de segredos podem destruir vidas.

Lee Woo-jin carregava consigo um segredo que apenas Oh Dae-su, involuntariamente, estava consciente; este pequeno acontecimento levou a um efeito dominó que nos trouxe até àquele quarto durante 15 anos. Após esses anos, Woo-jin continuou a manipular Dae-su para que ele caísse numa relação incestuosa com a sua filha, como ele tinha com a sua irmã, e estas tivessem o mesmo destino. Ambos os personagens, incapazes de lidar com o seu trauma e dores do passado, recusaram comunicar-se e escolhem a vingança, tomando decisões drásticas e devastadoras. Assim, o período de aprisionamento do personagem principal não se caracteriza apenas numa simbologia para a opressão física que a narrativa sugere; simboliza, também, um ato de opressão psicológica das memórias e traumas.

Por fim, o filme explora com muita destreza este sentimento de culpa e opressão, de sede de vingança, busca por uma identidade própria, busca por algo que não se resume apenas ao sofrimento que vivemos. Esta obra explora a vida de um povo aterrorizado por dezenas de anos, através da alma de um homem que não sabe quem é. Podemos mesmo dizer que, para além de uma ficção bem sucedida, este filme é um ato de propaganda à história oprimida da Coreia do Sul.



Figura 7. Momento em que Dae-su se depara, pela primeira vez, com o seu opressor

OldBoy foi um grande marco para o cinema sul-coreano, sendo que foi uma obra extremamente bem recebida no país e, até mesmo, internacionalmente. Apesar de não ser um filme aclamado pela crítica midiática, é considerado uma obra “de culto”, sendo que gerou uma onda de *followers* para este tipo de narrativas pesadas e *plot twists* intensos.

A seguinte cena de *OldBoy*, onde o personagem principal luta com um grupo de pessoas, sozinho apenas com um martelo, tornou-se icónica entre os internautas e é, frequentemente, lembrada como um exemplo de uma cena de ação inovadora e bem arquitetada.



Figura 8. Plano em sequência da icónica luta no corredor

Foi devido ao seu impacto internacional que, em 2013, é lançado um remake norte-americano de *OldBoy*, dirigido por Spike Lee e protagonizado por Josh Brolin. Embora o remake não tenha sido um sucesso devido à falta de profundidade e intensidade do mesmo, que não ressoavam com o original, mostra o quão importante *OldBoy* (2003) foi para o cinema de ação, sendo que, mesmo dez anos depois do seu lançamento, quiseram reviver e adaptar esta narrativa.

Apesar da receção positiva, na generalidade, esta obra cinematográfica também gerou algumas controvérsias pelo seu carácter muito violento e temáticas macabras e, ainda, pouco exploradas. Neste filme tocamos em temas como a tortura psicológica, manipulação e relações incestuosas, que podem ser um ponto sensível para certos telespectadores, e que causam alguma repulsa no público.

Mesmo assim, não podemos negar que *OldBoy* é uma obra-prima, um clássico do cinema contemporâneo, admirado por poderosos diretores, cineastas e críticos, como Quentin Tarantino que elogiou esta obra pelo seu impacto emocional e originalidade.

Para além disso, *OldBoy* foi um importante passo, tanto para diversificar e expandir os horizontes do cinema contemporâneo, como para tornar o cinema sul-coreano uma força inovadora no contexto global.

Este filme apresenta-nos personagens complexas, com histórias de vida extremamente sofridas, que carregam a dor da perda e a impotência de não saberem quem são. Os personagens principais desta trama são movidos pela sua sede de vingança e, por isso, conseguem atingir uma dimensão e profundidade muito únicas. Estas personagens são desenvolvidas e modificadas ao longo do filme, baseado nas situações que enfrentam, por isso, podemos observar uma mudança muito drástica de comportamentos em alguns personagens. Oh Dae-su é um personagem principal muito rico em emoções: ele passa por vários estados comportamentais ao longo do filme, primeiro sente-se injustiçado, depois aceita o seu destino e, finalmente, é movido

pelo sentimento de perda, insignificância e vingança. Oh Dae-su passa da confusão à impotência e daí passa à violência.

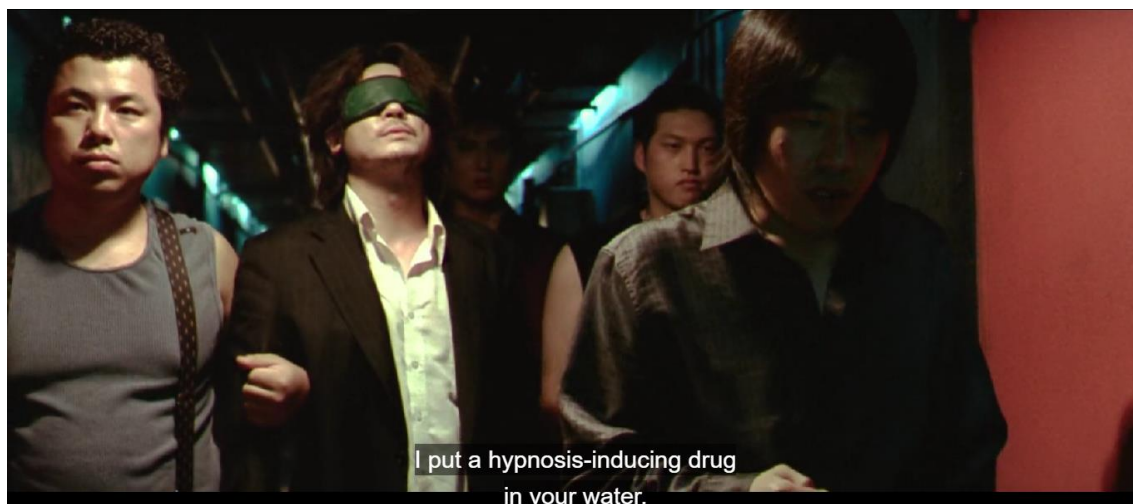


Figura 9. Cena onde Dae-su é levado, poucos momentos antes de perceber que raptaram Mi-do, depois desta cena sucede-se a cena da luta no corredor

Todos os personagens apresentam uma moralidade ambígua e complexa. Procuram a justiça, mas não o conseguem fazer através de meios justos, por isso recorrem à violência desenfreada.

Personagens tão completos e humanos como estes, que sucumbem à loucura e ao desespero, só podiam ser construídos numa narrativa tão bem articulada como a de OldBoy. A narrativa intensa foi construída como um thriller psicológico, marcado de bastante mistério.

Neste filme, experienciamos a dor de um homem que perde tudo e se esquece de quem é e qual é o seu propósito no mundo. Acompanhamos os 15 anos em que está preso, aquela melancolia e lentidão de todos os dias serem os mesmos, sem contacto com o mundo exterior, se não com uma televisão, que apenas o angustia mais e mais. Após longos 15 anos, apenas acompanhamos a sua jornada durante 5 dias a tentar desvendar o porquê de tudo o que lhe aconteceu durante mais de uma década.

Na trajetória do filme, os 5 dias de liberdade ocupam a maioria do screen time, o que reforça ainda mais a ideia de que Dae-su viveu uma melancolia enfadonha durante

15 anos para, depois, em apenas 5 dias redescobrir toda a sua identidade. A narrativa é marcada por momentos de *flashbacks* que nos disponibilizam mais conhecimento sobre os acontecimentos passados da vida dos personagens e cheia de plot twists macabros que mantém o telespectador em êxtase.

Tanto o protagonista, como o antagonista são personagens ambíguas: um dia a presa pode se tornar o predador e vice-versa. O protagonista sai do seu lugar de opressão e procura a vingança através da violência, enquanto que o antagonista, Lee Woo-jin, usa da violência como mecanismo de vingança pessoal para se libertar dos seus traumas passados. Ambas estas personagens foram muito bem construídas e dinamizadas.

Mi-do, filha de Dae-su, com quem ele acaba por estabelecer uma relação incestuosa, é também uma personagem muito importante e enigmática para a narrativa, pelo que a mesma simboliza: ela é apenas um peão no jogo de Woo-jin, que conseguiu manipular e usar dos segredos mais obscuros de Oh Dae-su para o levar à desgraça.

O estilo visual de *OldBoy* é muito único, sendo um dos seus aspetos mais relevantes e falados entre os internautas. O diretor, Park Chan-wook, utiliza pequenos toques de surrealismo numa estética de realismo, cores muito saturadas e *neos* e sequências de shots únicas para criar uma sensação de desconforto constante. O filme também tem a capacidade de misturar cores mais intensas e saturadas que dão uma sensação de náusea, com tonalidades mais escuras e mórbidas, configurando uma dualidade muito própria à narrativa, mas mantendo sempre uma sensação constante de apreensão.



Figura 10. Após cena de intimidade incestuosa, Woo-jin deixa um “presente” a Dae-su

Para além disso, o diretor utiliza planos de câmara inovadores como o plano em *point of view (pov)* e os planos *over-the-shoulder*, para dar maior dimensão aos personagens e colocar os telespectadores no lugar dos mesmos, os *close-ups*, onde podemos analisar com maior intensidade as emoções dos personagens e o uso de *dutch angles* (ângulos inclinados), para fomentar uma sensação de desequilíbrio, perturbação e desconforto nos telespectadores. Por exemplo, a icónica cena de luta de Dae-su, já mencionada anteriormente, foi filmada num único plano sequencial, o que transmite uma mensagem de urgência e adiciona muito realismo à cena. A trilha sonora de *OldBoy*, composta por Jo Yeong-wook, é também um dos pontos mais importantes e memoráveis desta obra. Diferente de muitos outros filmes, em *OldBoy*, as composições sonoras não são apenas de “plano de fundo”, elas são pontos fundamentais para ambientar as cenas e ditar o estado psicológico dos personagens. Para além de uma jornada visual, o compositor conseguiu criar uma jornada sonora, que nos faz viver as dores e traumas do personagem principal.

Jo Yeong-wook não tem medo de ser ousado e mistura elementos clássicos, com sonoridades mais modernas, para dar uma nova profundidade e dualidade ao filme. A melodia clássica transmite uma sensação de tragédia iminente, sendo que as melodias mais eletrónicas e modernas trazem uma sensação de rapidez e urgência às cenas.

Esta mistura entre o “antigo” e o contemporâneo também pode ser uma analogia aos dilemas que Dae-su vive, após estar 15 anos preso e ver um mundo completamente diferente depois de ser libertado. Existem vários temas que se repetem ao longo do filme, porém, um dos mais marcantes foi na cena final onde Oh Dae-su e Lee Woo-jin, finalmente, se enfrentam e as verdades sobre o passado são reveladas, a escolha musical foram As Quatro Estações de Vivaldi, criando um contraste gigantesco entre o que estamos a ouvir e o que estamos a ver. Numa cena onde colidem os portadores de extrema violência, ao som de uma das mais aclamadas obras de Vivaldi.

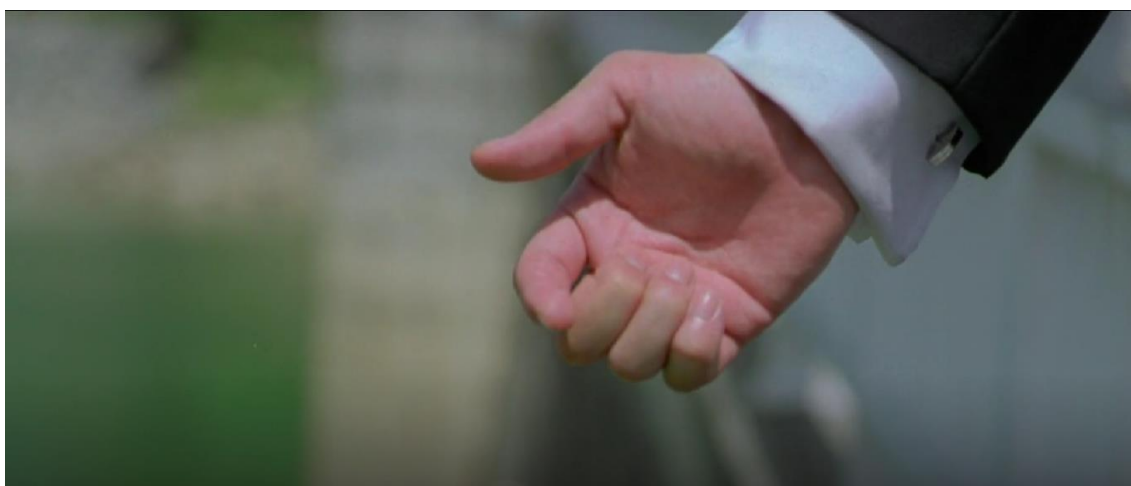


Figura 11. Woo-jin revive a perda da irmã, ao som de Vivaldi

Portanto, nesta obra, a trilha sonora é como uma “arma de manipulação”, que confunde o espectador. O som manipula as nossas emoções e brinca com a nossa sensação de bem-estar, causa um grande impacto emocional e traz dualidade e divisão às cenas.

Novamente, na icónica luta do corredor, em vez ter sido utilizado um tema energético, o compositor optou por uma trilha sonora mais suave, que permite intensificar a realidade brutal da luta visual que está a acontecer.

The Handmaiden (2016)

The Handmaiden (2016) é um filme sul-coreano, dirigido por Park Chan-wook, que nos conta a história de Sook-hee na sua missão secreta para seduzir, manipular e roubar

toda a fortuna de Hideko, uma herdeira japonesa que vive isolada no interior do país, durante os anos 1930. Esta obra foi adaptada do romance vitoriano *Fingersmith* de Sarah Waters, porém, transcrito para o contexto coreano durante a época da ocupação japonesa.

A narrativa segue a trajetória de Sook-hee, desde o ponto em que é “contratada” para manipular a “Lady” Hideko, até à reviravolta final. A nossa “criada” é colocada na vida desta herdeira propositalmente, com a missão de fazer com que Hideko se apaixone e case com “conde” Fujiwara, de modo a que, juntos, consigam roubar-lhe a fortuna. Porém, nem tudo corre como esperado e sentimentos inesperados podem arruinar todo o plano meticuloso de Sook-hee.

Em 2016, *The Handmaiden* foi selecionada como uma das obras finalistas à Palma de Ouro no Festival de Cannes e, em 2018, na septuagésima primeira premiação dos BAFTAs ganhou a categoria de Melhor Filme Estrangeiro. Para além dos prémios, o filme foi muito aclamado entre os internautas, especialmente a comunidade LGBTQIA+ e na comunidade feminina, por ser considerado uma ode sáfica ao feminismo. Este filme é passado na década de 1930, durante a época da ocupação japonesa na Coreia (1910 - 1945), momento histórico que marcou o percurso, identidade e a cultura de ambas as Coreias para sempre. Durante os anos da ocupação, o povo coreano viveu uma intensa repressão económica, social e política, durante quase quatro décadas, o Japão lutou para apagar a identidade coreana, os seus costumes, língua e roubar os seus recursos. Como é evidente, este foi um período muito brutal da história das Coreias e, exatamente por isso, é um ponto sensível de ser falado. Apesar de todos os sentimentos de dor e opressão, hoje em dia, muitas obras artísticas sul-coreanas remontam a estes tempos para glorificar o poder de resistência do povo coreano.

Porém, o contexto histórico do filme não é o seu ponto principal, serve apenas como um pretexto para explorar e criticar as dinâmicas de poder. A obra expõe vários traços da subjugação cultural que os coreanos enfrentam durante a ocupação japonesa. O tio de Hideko é um exemplo perfeito dessa necessidade de “apagar” as suas raízes

coreanas e adotar os costumes dos opressores para conseguir sobreviver: o mesmo adota a cultura japonesa e começa a falar japonês apenas para conseguir poder.

Para além de entre coreanos e japoneses, esta dinâmica e abuso de poder manifesta-se entre homens e mulheres e entre classes sociais. Para o seu tio, Hideko é como uma boneca que serve para satisfazer os desejos dos homens, por isso, força-a a ler contos eróticos para que ela aprenda como funcionam as relações íntimas.

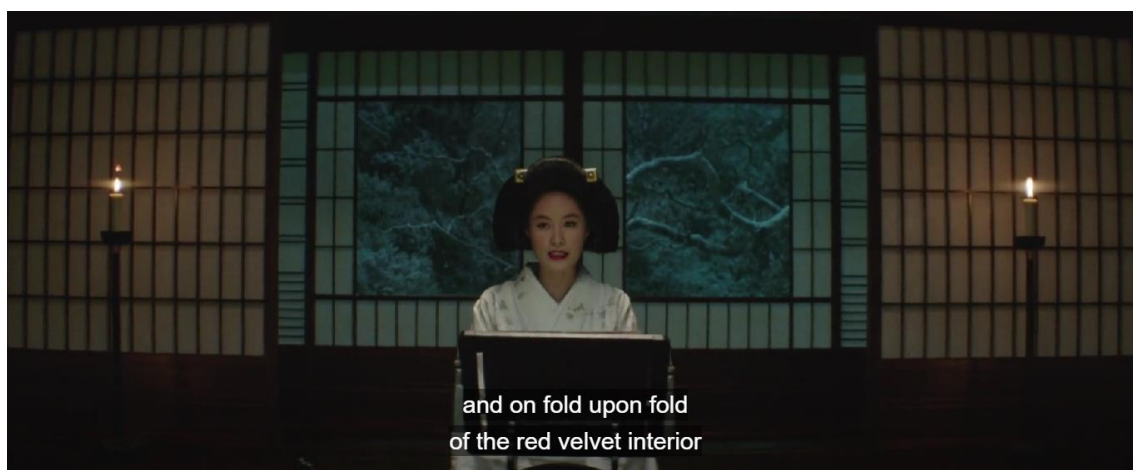


Figura 12. Cena de leitura erótica na biblioteca

Esta reflexão não serve apenas como uma metáfora sobre a repressão da sexualidade feminina, mas também nos dá uma perspectiva menos brutal da realidade vivida durante um regime colonial: a opressão sexual e as mulheres de conforto coreanas, que eram meros objetos para satisfazer as necessidades sexuais dos militares japoneses. *The Handmaiden* desafia normas sociais e questiona o papel das mulheres na sociedade. Dá ao espectador novas perspectivas sobre a sexualidade feminina e coloca-o frente a frente com relações íntimas de poder muito complexas. Esta obra provoca as representações tradicionais da mulher e dá protagonismo a duas personagens femininas complexas que desenvolvem um relacionamento sáfico (ou lésbico), sem estereótipos e sem rodeios. Para além disso, ao longo da narrativa, podemos observar uma inversão dos poderes: aquelas mulheres que antes eram oprimidas de várias formas, agora decidem traçar os seus próprios caminhos e construir um destino melhor para elas.



Figura 13. Cena onde Hideko e Sook-hee destroem os livros eróticos

Apesar deste ser um filme de época, é muito atual, pois o machismo continua a ser uma grande problemática na sociedade moderna. *The Handmaiden* critica as estruturas de poder que marginalizam as mulheres e as diminuem e apoia a destruição desses sistemas políticos e sociais. A mensagem desta narrativa pode ser aplicada a qualquer contexto na sociedade em que hoje vivemos, como uma ode à força da mulher.

Para além de glorificar as mulheres sul-coreanas e a sua resiliência, o filme glorifica toda a comunidade feminina que sofre de abusos de todos os níveis, todos os dias. E, enquanto houver descriminação sobre as mulheres, seja ela sexual, cultural, educacional, política, entre outras, esta obra cinematográfica continuará sempre atualizada.

A narrativa tece uma crítica feroz aos sistemas de opressão impulsiona a desconstrução dos mesmos na nossa sociedade, especialmente de sistemas como o colonialismo e o patriarcado que, até hoje, em várias zonas do globo são uma realidade muito brutal. Park Chan-wook foi capaz de criar personagens femininas que representam as lutas diárias das mulheres de forma sublime e fez com que essas protagonistas desafiassem as “normas de conduta” impostas por uma sociedade dominada por homens.

Sook-hee e Hideko representam não apenas a história do povo que as acolhe, mas também a história de muitas mulheres em todo o mundo. Estas personagens não representam apenas uma época histórica, representam a vivência numa sociedade arcaica que vigora até hoje.

Sendo este considerado um filme erótico, a exploração de temáticas como a opressão sexual é muito pertinente. A narrativa comunica-nos a perspectiva de que as mulheres são meros objetos carnis para os homens, que podem ser usadas e descartadas, tirando-lhes todo o valor enquanto seres humanos. Estas cenas poderosas causam impotência em quem vê, de não conseguir fazer nada, causam repulsa e fazem com que nos apercebamos que a nossa realidade não está muito longe da de Hideko.

A certo ponto da narrativa, percebemos que acontece uma inversão de poder, quando Sook-hee e Hideko aceitam os seus sentimentos e fogem, juntas, da opressão masculina que as prendia. *The Handmaiden* é um grito de empoderamento para todas as mulheres que sentem que estão num local de opressão sexual, racial, social, política, laboral, etc.; é uma representação metafórica e nua da vida de muitas mulheres, com um “pano” de fundo histórico e cultural que, para além da luta feminina, fala da luta de um povo.

A receção de *The Handmaiden* foi extremamente positiva, tanto pela crítica, como pelo público em geral. O seu sucesso deve-se, sobretudo, à capacidade do diretor de conjugar personagens fortes e complexas, numa narrativa histórica e social ambígua, com cenas visualmente fortes e ousadas. A sua exibição no Festival de Cannes de 2016 fez com que o mesmo ganhasse um novo impacto a nível internacional.

Este filme foi uma das grandes obras a contribuir para a expansão das fronteiras do cinema sul-coreano para o mundo, enquanto abordava temas sensíveis como o poder colonial e a opressão sexual. Na sociedade atual, a vida sexual das mulheres ainda é vista como um tabu, especialmente em sociedades mais fechadas como a da Coreia do Sul, a produção e apresentação de um filme tão desafiador e ousado como *The Handmaiden*, que explora a sexualidade feminina sem rodeios é algo extremamente inovador.

Para além disso, o filme também acabou por ter um impacto muito grande na comunidade LGBTQIA+, por dar visibilidade a relações lésbicas autênticas, sem estereótipos. Infelizmente, essas relações ainda são vistas como um fetiche para homens, por isso, foi refrescante ver como Park Chan-wook conseguiu abordar este tema sem cair nesse “buraco”, algo raro no cinema *mainstream*. Ter uma representação de uma relação abertamente sáfica foi um poderoso passo para o cinema da Coreia do Sul, por ser um país ainda muito fechado sobre certos assuntos, facultando uma nova perspectiva sobre a sexualidade e empoderamento feminino.

Apesar da positiva receção, também foram tecidas críticas em relação às cenas sexuais explícitas, alguns críticos afirmaram que elas podiam ser consideradas desnecessárias por “convidarem” o olhar masculino. Estes comentários vem, sutilmente, provar a relevância da mensagem que *The Handmaiden* transmite.



Figura 14. Cena de intimidade entre Sook-hee e Hideko

Esta narrativa pode ser dividida em três grandes partes. A primeira parte é apresentada do ponto de vista de Sook-hee, onde conhecemos as suas verdadeiras intenções e todo o esquema que está por detrás do seu aparecimento na vida de Hideko. Logo no princípio do filme também conseguimos perceber um pouco do background de destruição e miséria que Sook-hee carrega consigo.

No desenrolar desta parte conseguimos perceber que Sook-hee começa a desenvolver sentimentos genuínos pela outra mulher, o que parece que dificultará o

plano acordado entre Sook-hee e o “conde” Fujiwara. No entanto, a primeira parte do filme culmina com Hideko a expressar o seu desejo de se casar com Fujiwara, o que nos transmite a mensagem de que as manipulações foram um sucesso.

A segunda parte é descrita do ponto de vista de Hideko e altera todas as nossas perspectivas sobre o que acontecera até ali. É nesse momento que os telespectadores descobrem que Hideko estava ciente do plano desde o início e ela sim, estava a manipular tanto Fujiwara, como Sook-hee. Para além disso, nesta parte conhecemos um pouco mais sobre o passado obscuro da personagem e dos abusos que a mesma sofreu. Estas descobertas inesperadas dão uma maior profundidade à personagem e à sua história.

Esta é a parte que traz mais *plot twist* ao filme e nos mostra como Hideko não é uma vítima, mas uma parte consciente do plano que aspiraram contra ela, para conseguir escapar do sofrimento em que se encontra.

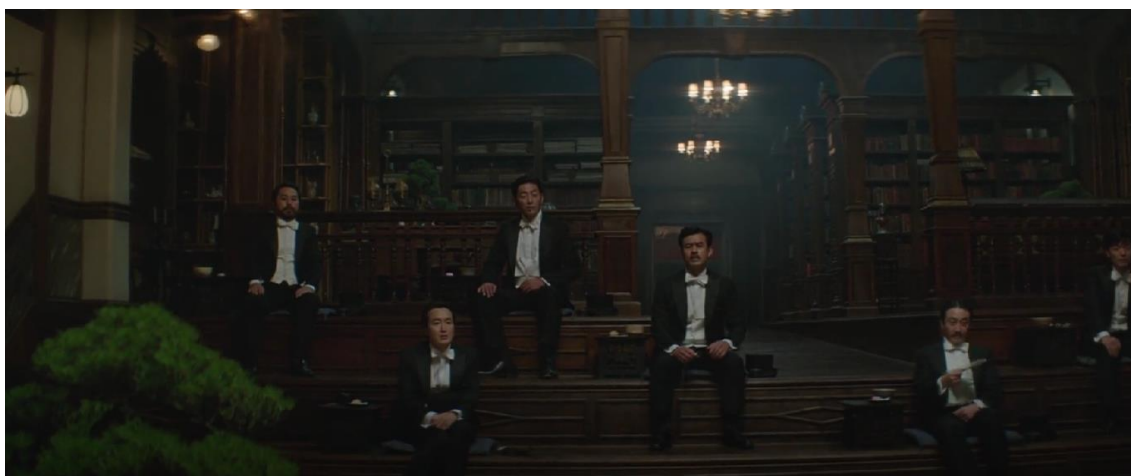


Figura 15. Sessão de leitura de um conto erótico para homens de alta sociedade

Na terceira e última parte, finalmente vemos o desfecho deste jogo de manipulação. Sook-hee e Hideko unem-se após descobrirem que se manipulavam mutuamente e, enquanto Fujiwara tenta finalizar o seu plano e internar Hideko, as duas mulheres conseguem fugir e escapam juntas. Nesta última parte, as protagonistas

conquistam, finalmente, a sua liberdade física e emocional, após vários momentos de abusos e traições.

Os homens da trama (Conde Fujiwara e Kouzuki, o tio de Hideko) são uma representação do poder tirano que sistemas machistas como o patriarcado e o colonialismo perpetuam, enquanto que as mulheres são símbolos de resistência e mudança. O filme encerra, então, numa nota bastante positiva, onde celebra a libertação feminina dos sistemas de opressão que as prendiam. Sook-hee e Hideko finalmente estão livres, felizes, afastadas do controlo masculino e juntas.

Park Chan-wook é conhecido pelo seu estilo visual meticuloso e sofisticado, por isso, não é mentira que pudemos chamar *The Handmaiden* uma obra-prima estética do cinema sul-coreano. As cores utilizadas, a cenografia e os detalhes de produção não tem apenas o propósito de acompanhar a narrativa, neste filme, eles são essenciais para a ambientação histórica das cenas. No início do filme, estamos rodeados de cores frias que nos transmitem uma sensação de isolamento, elas transformam os cenários em ambientes opressivos e sufocantes. À medida que a narrativa se desenrola, aos poucos, os cenários começam a tomar cores mais quentes e vibrantes, especialmente à medida que o relacionamento de Hideko e Sook-hee evolui. Este esquema de cores mais quentes vem representar a paixão, desejo das duas mulheres, simboliza a liberdade. Podemos destacar o vermelho, o rosa e o dourado como cores da intimidade feminina que o filme apresenta, da libertação emocional e da sensualidade sem opressão machista.



Figura 16. Fachada do edifício onde Hideko vive

Para além desta reflexão de sentimentos, as cores também têm um papel importante para nos ajudar a contrastar culturalmente as sociedades representadas. Os elementos da cultura japonesa e ocidental são sempre expostos a cores mais tradicionais e sofisticadas, como os tons de madeira, os cinzas e os verdes escuros, criando um ambiente mais sombrio, opressor, de sofisticação e poder. Já os elementos culturais coreanos são vistos através de uma luz de resiliência, com tonalidades vibrantes como os vermelhos, dourados, rosas e verdes claros, simbolizando a luta e a libertação.

Os cenários carregam um importante papel na construção da atmosfera da narrativa e são fundamentais para a disseminação da mensagem do filme. Por exemplo, a mansão onde a maior parte da ação se desenrola pode ser dividida em dois estilos arquitetónicos: o japonês e o ocidental. Esta junção de estilos simboliza a fusão de culturas que aconteceu no período de ocupação japonesa na Coreia, pode também refletir a divisão interna dos personagens. Para além disso, a presença do ocidental também pode ser vista como uma crítica ao modernismo e à necessidade dos indivíduos “esconderem” parte da sua cultura para serem respeitados.



Figura 17. Mansão em tons escuros, representação do sofisticado e do simbolismo cultural

Park Chan-wook faz ainda uso das divisões da casa e das portas para acentuar o sentimento de opressão e das personagens se sentirem constantemente observadas e

controladas. Muitas vezes, não é possível perceber tudo o que está a acontecer porque dá a sensação que existe sempre algo escondido por detrás das portas, refletindo as traições que aguardam os personagens.



Figura 18. Representação das portas, na cena temos a constante sensação que algo as observa

Outro espaço importantíssimo para a narrativa é a biblioteca onde Hideko é obrigada a estudar através dos livros eróticos, este espaço é imponente, com estantes altas e com uma iluminação dramática. Este cenário simboliza a imensa opressão sexual, física e emocional que o tio obriga Hideko a passar. Os livros e uma biblioteca, tradicionalmente, representam o peso do conhecimento, porém, neste caso, estes elementos refletem o peso da opressão psicológica que o patriarcado tem sobre as mulheres. As cenas de erotismo têm um papel chave no desenvolvimento da narrativa. À medida que as duas mulheres vão se apaixonando e descobrindo a sua liberdade sexual, o estilo visual do filme muda de figura e começa a ter cores mais vibrantes, espaços mais brilhantes e quentes, enfatizando os sentimentos de libertação.

A trilha sonora de *The Handmaiden*, composta por Jo Yeong-wook, é o complemento perfeito para o tom que a narrativa assume. As músicas são melancólicas e delicadas, com uma mistura de instrumentos tradicionais e instrumentos clássicos, que transportam o telespectador para a época e local onde a narrativa se desenvolve. A sonoridade mais clássica durante as cenas evoca a sensação de suspense e sensualidade presente em todo o filme.

Esta trilha sonora ajuda a traçar o ritmo do filme, navegando entre o aumento da tensão presente em cena e o reforço da sensualidade e da intimidade. Nesta obra, é possível perceber que a música serve como um amplificador das emoções e do impacto das mesmas nas cenas de maior importância.

O toque sensual dos sons é algo muito destacável, pois eles refletem a relação romântica de desejo que existe entre Hideko e Sook-hee e evocam o erotismo característico da narrativa.

***Memories of Murder* (2003)**

Memories of Murder (2003) é um filme sul-coreano dirigido por Bong Joon-ho, que segue a história do detetive Park Doo-man na busca por um *serial killer* na província de Hwaseong, na Coreia do Sul, durante o período de ditadura militar do país.

Este filme é baseado em eventos reais ocorridos no país asiático entre os anos de 1986 e 1991, estes assassinatos foram um grande marco para a Coreia do Sul na época, visto que as autoridades nunca foram capazes de identificar o criminoso. Tratando-se esta obra de uma história real e muito sensível para a sociedade sul-coreana, Bong Joon-ho conseguiu tratar o assunto com o seu devido cuidado e importância, tornando *Memories of Murder* uma verdadeira obra-prima do cinema sul-coreano.

A narrativa começa com o assassinato de uma jovem com algumas marcas evidentes de tortura e abuso, alguns meses depois é encontrado outro corpo deixado com as mesmas características que o primeiro, após estes incidentes os detetives Park Doo-man e Cho Yong-koo entram em cena para tentarem apanhar o assassino das jovens. Porém, a investigação não os leva a lado nenhum e os mesmos veem-se obrigados a trabalhar em conjunto com Seo Tae-yoon, outro detetive que está convencido que estes crimes não são mera coincidência e que Hwaseong pode estar a ser assombrada por um *serial killer*. Aí, o corpo de uma terceira jovem é encontrado e, junto dele, começam a surgir pistas sobre o paradeiro desse assassino.

Até hoje, *Memories of Murder* é considerado um dos melhores filmes de Bong Joon-ho, que, após o tremendo sucesso de *Parasite* (2019), foi considerado um dos principais diretores do cinema a nível global.

Relevância Cultural e Histórica. *Memories of Murder* é inspirado nos eventos reais que aconteceram na Coreia do Sul na década dos anos 80, o caso do *Serial killer de Hwaseong* que, muitas pessoas acreditam, até hoje, não ser um indivíduo singular. Estes crimes tiveram um impacto profundo na sociedade sul-coreana da época. Os assassinatos de várias jovens avassalaram as pessoas de toda a Coreia do Sul e geraram um clima constante de medo e ansiedade entre os cidadãos, esse clima só piorou porque, apenas em 2019, quase 20 anos após o lançamento do filme é que a verdadeira identidade do criminoso foi descoberta. O filme capta de forma esplêndida esse sentimento de impotência perante a incapacidade das autoridades locais de resolverem o caso.

Para acrescentar a essa ansiedade, naquela época ainda se vivia na Coreia do Sul um regime de ditadura militar, isto é, ainda existia muita opressão política que fazia com que as pessoas estivessem em constante alerta e medo. O filme reflete essa perspectiva, especialmente enquanto tece críticas aos sistemas e estruturas da época, mas também reflete todo o período de transição política da ditadura militar para a democracia e o quão sofrido foi esse processo. O sistema de justiça que nos apresentam no filme é corrupto e ineficiente, o que nos faz questionar: Afinal o quão “desatualizado” está este filme? A resposta é que esta obra continua a ser muito real e atemporal, sendo que reflete muitos dos problemas que ainda vivemos, com os sistemas políticos e sociais que elegemos. O filme tece críticas também à força policial bruta e ao contexto de opressão política em que os sul-coreanos se encontravam.

Esta obra tem o poder de conectar um trauma social generalizado pela Coreia do Sul com temas de extrema importância, como as injustiças, a falta de segurança e o desespero, numa época que era marcada pela opressão política e social. *Memories of Murder* ecoa na memória do povo sul-coreano, não apenas como a representação de um crime real, mas também como dar visibilidade a uma nação marcada por diversas e intensas tensões sociais e históricas.

A principal temática da obra é a sua crítica feroz à ineficiência das instituições públicas sul-coreanas, especialmente no quesito da aplicação da lei e ao autoritarismo

que se fazia sentir naquela sociedade. O filme levanta muitas questões que nos fazem olhar para a sociedade moderna com diferentes olhos, até certo ponto, faz-nos perceber que continuamos presos num ciclo de injustiças sociais, políticas e judiciais. Que a justiça nem sempre favorece as vítimas e os inocentes, mas que continua a socumbir às garras do capitalismo e do poder.

Apesar deste filme representar uma realidade dos anos 80, a sua mensagem pode, facilmente, ser transportada para os dias de hoje e para qualquer parte do globo. Para além disto, *Memories of Murder* apresenta-nos uma investigação marcada pela incompetência e pelo uso de meios ilegais - como a tortura, chantagem e falsificação de provas - para, depois, por maiores que tivessem sido as tentativas, continuarem sem rastro do assassino. Bong Joon-ho criou uma narrativa onde não existem heróis, onde a noção de justiça se vai apagando.



Figura 19. Cena onde descobrem que o principal suspeito é inocente

O diretor foi capaz de criar uma obra que questiona a futilidade do ser humano e as consequências que o desespero pode trazer, especialmente quando nos encontramos perante um evento traumático. Os protagonistas não escolhem os métodos mais fidedignos para concluir o caso, porém, fazem-no com boas intenções, mesmo assim, continuam a falhar e a ter a sua moralidade questionada. Bong Joon-ho

reflete um pouco a sua visão mais pessimista sobre a própria condição e moralidade do ser humano.

Memories of Murder foi muito aclamado tanto a nível nacional, como internacional. Até a atualidade, é considerado um dos melhores filmes do diretor Bong Joon-ho e é visto como uma pérola nacional. Culturalmente, o filme causou um grande impacto, não apenas por “desenterrar” um caso não resolvido dos assassinatos de Hwaseong, mas especialmente, por criticar abertamente a atitude das autoridades da época.

Essa reflexão foi importantíssima pois foi um novo sinal de alerta para o povo que enfrentava as consequências de uma transição política. Para além disso, o verdadeiro caso só encerraria oficialmente a partir de 2006, apesar de nada ter sido confirmado pelo diretor, o *timing* a que este filme foi lançado faz-nos questionar se não tivesse sido algum tipo de mensagem para continuarem a investigar o crime.

Há quem considere que *Memories of Murder* foi o filme que lançou Bong Joon-ho para o olhar do cinema internacional e foi o grande precursor da sua ascensão e grande sucesso no cinema mainstream, que culminou no sucesso de *Parasite* em 2019. Este também foi um dos primeiros filmes sul-coreanos que, apesar de contarem uma história local, a sua mensagem pode ser transportada temporalmente e geograficamente. *Memories of Murder* foi um filme que ajudou a abrir um caminho para que mais diretores pudessem contar histórias nacionais, fazendo ressoar nas pessoas a nível universal.

Nesta narrativa, seguimos dois personagens principais, Park Doo-man e Seo Tae-yoon, dois detetives extremamente diferentes que são obrigados a investigar um caso de múltiplos assassinatos juntos. Ambos os detetives têm suspeitas diferentes sobre o caso e maneiras diferentes de agir. Park Doo-man é um polícia local que usa métodos brutais para tentar descobrir pistas e acredita que a intuição é a sua melhor arma, já Seo Tae-yoon, é um investigador de Seoul muito mais racional e com o trabalho orientado por evidências.

Apesar das suas diferenças e de todos os esforços que fazem, ambos os homens se sentem impotentes em relação aos assassinatos que investigam. À medida que a investigação avança, eles vêem-se encurralados em becos sem saída e enfrentam-se com as suas próprias limitações. Ao se verem incapazes de alcançar a justiça, tomam decisões desesperadas e ilegais, que dão frutos a questões morais, porém, esses métodos também não dão efeitos e a busca por um culpado começa a tornar-se cada vez mais pessoal.



Figura 20. Representação da impotência dos detetives de avançar com a investigação

O filme é um thriller policial, que contém pequenos elementos de humor negro, que auxiliam a formar a ambiguidade e profundidade dos personagens e a tecer alguma tensão narrativa. Park Doo-man e Seo Tae-yoon são dois homens moralmente questionáveis, que agem em consequência do desespero e isso torna-os muito mais humanos. Bong Joon-ho criou dois personagens principais que não agem como heróis, que também estão limitados às suas capacidades pessoais, o diretor conseguiu construir personagens com as quais é fácil o público se identificar e compadecer, dando-lhes muito mais profundidade e genuinidade.

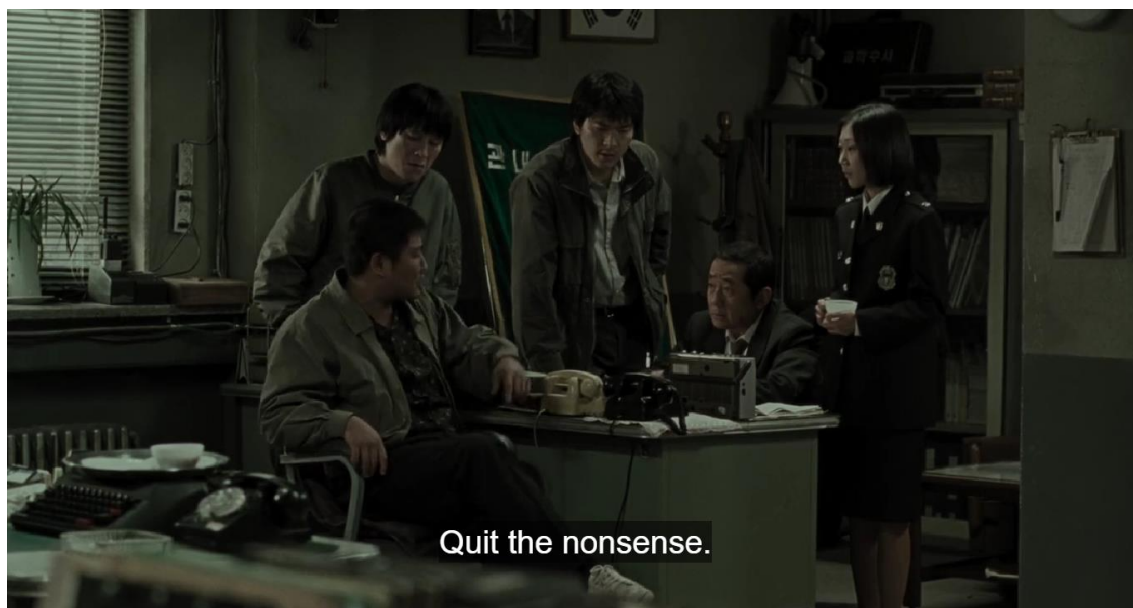


Figura 21. Cena onde os detetives discutem e discordam dos métodos um do outro

O tema principal da narrativa passa, então, pela crítica nua aos sistemas e estruturas sociais sul-coreanas, especialmente as de justiça, porém a ambiguidade moral que é levantada durante todo o filme é um dos principais pontos a ser falados. O facto de o filme não ter uma resolução clara para o caso reflete a incerteza e injustiça real do evento que aconteceu em Hwaseong.

A cena final do filme é marcada por um salto temporal, onde Doo-man já se encontra aposentado, mas ainda consumido pela culpa de não ter conseguido encontrar o assassino, volta ao local onde encontram o corpo da primeira vítima. Nesse campo, ele cruza-se com uma jovem que o reconhece e lhe conta que um homem misterioso também tinha visitado aquele lugar há pouco tempo e que tinha comentado com ela que ele tinha feito algo muito importante ali no passado. Park questiona a jovem sobre a aparência do sujeito com quem ela falou, ao qual ela responde que ele parecia uma pessoa “completamente comum”.

Esta última frase reforça o mistério, a frustração e a paranoia de um caso não resolvido. O assassino pode ser qualquer pessoa, e continua em liberdade, este pensamento é cultivado para não dar descanso ao telespectador e impactar emocionalmente, tanto os personagens, como o público.

O estilo visual de *Memories of Murder* reflete uma atmosfera de mistério e paranoia que envolve aquela pequena cidade rural. As paisagens são sombrias e apresentadas num esquema de cores frias que transmitem a impotência das pessoas perante aqueles crimes. O diretor utiliza a paisagem rural a seu favor para criar uma união perfeita entre uma beleza única e um sentimento de opressão que é sentido pelas pessoas que vivem fora das grandes cidades.

O uso das cores teve extrema importância neste filme, sendo que as cores de tonalidades escuras e as sombras tiveram um forte impacto no decorrer da narrativa. A presença de chuva ou a utilização de cenas noturnas passam uma sensação de melancolia e tenebrosidade ao filme.



Figura 22. Cena noturna, onde a polícia passa por uma mulher sozinha a andar à chuva

Kim Hyung-koo, o diretor de fotografia de *Memories of Murder*, fez uso das sombras de forma perfeita: as cenas estão sempre enquadradas de forma a que a ausência de luz do ambiente externo pareça consumir os personagens, refletindo a sua impotência diante do trágico caso que acompanham.

Apesar das cenas de ação serem poucas, conseguem captar de forma eficaz o suspense do filme. Essas cenas são filmadas de uma forma mais bruta, com movimentos de câmara mais bruscos e pesados e planos mais específicos como os *low-angles shots*,

planos *handheld* e os planos em sequência (*long takes*, sem cortes), para enfatizarem o caos interior dos personagens e criar uma sensação de urgência.



Figura 23. Plano dos detetives no primeiro local do crime.

O momento final do filme é considerado um dos mais impactantes pelo público em geral. No momento em que Park Doo-man, depois de muitos anos, se apercebe que o assassino continua à solta e, provavelmente, a frequentar todos os sítios pelos quais fez as suas “matanças”, o seu rosto enche-se de remorso e frustração. A câmara faz um shot aproximado da face do personagem e o mesmo olha diretamente para os espectadores, com uma expressão de desânimo. Bong Joon-ho utiliza a técnica de quebrar a quarta parede para causar algum tipo de desconforto em quem assiste. Enquanto isso, Park Doo-man olha para os telespectadores numa tentativa de partilhar a sua dor e angústia. Porém, há quem acredite que a verdadeira razão desta cena recai sobre o facto do assassino não ter sido identificado e puder estar entre os espectadores numa sala de cinema comum.

O final do filme é pouco claro e deixa uma sensação de muitas incertezas, mas, ao mesmo tempo, reflete uma obsessão interminável pela busca deste *serial killer*. O poder desta última cena centra-se pela sua simplicidade e pelo seu silêncio, não sendo necessária uma sonoridade dramática.



Figura 24. Cena emblemática do filme, onde o detetive Park Doo-man encara o público e existe uma quebra da quarta barreira

Bong Joon-ho decide acabar o filme numa nota de frustração que exemplifica perfeitamente o sentimento de descobrir que a justiça nem sempre é algo atingível.

Nesta obra, os sons são usados de forma minimalista. A trilha sonora, composta por Taro Iwashiro, conjuga uma série de peças suaves que geram momentos de introspecção. A sonoridade neste filme não é um ponto essencial, ela serve apenas de auxílio para construir a atmosfera trágica da história. A trilha sonora não se foca em despertar emoções no espectador, ela apenas rodeia a atmosfera, o silêncio é o principal objeto que retira do público uma reação. Este pode ser considerado até um filme bastante silencioso, pelo seu caráter tão sensível e real, a música não desempenha um papel fundamental na narrativa. Em muitos momentos, os sons ambiente como a chuva, os ruídos e o vento são as estrelas que intensificam a sensação de desespero e isolamento.

Como a nossa vida não tem discografia de fundo, esta ausência de música faz com que o espectador tenha uma experiência mais imersiva e realista, sentindo todas as emoções à flor da pele e se identificando com os personagens e as suas angústias.

5. Tramas e Apropriações

A ascensão do K-Pop veio abrir portas para que outras vertentes do entretenimento sul-coreano pudessem brilhar, como é exemplo o cinema. O recente sucesso da cinematografia do país asiático é indescritível e tende a aumentar a cada dia. A Coreia do Sul e o seu entretenimento tornaram-se uma verdadeira influência no mercado global (Nye, 2004).

Appadurai (1996) apresenta o conceito de “fluxos culturais globais”, isto é, como é que as culturas se apresentam e agem na era da globalização. O autor divide esses fluxos em cinco principais dimensões, às quais denomina de “scapes”. Cada uma dessas dimensões descreve a maneira como uma nação pode abordar e acionar os seus pontos fortes de modo a penetrar nas outras culturas (Guerra, 2010).

A ascensão do entretenimento sul-coreano, no formato de *K-Pop*, *K-Dramas* e cinema, pode ser vista como uma repercussão de um alto fluxo de conteúdos e imagens culturais que transcendem as suas fronteiras e entram nos mercados globais, como até no mercado português. A dimensão dos *mediascapes* é particularmente importante para conseguirmos entender como é que o entretenimento sul-coreano se globalizou.

Os *mediascapes* descrevem os fluxos de distribuição global de conteúdos, informações e imagens culturais através dos serviços media. Os *K-Dramas*, os filmes e as redes sociais são os principais meios que podemos apontar para essa difusão.

Todos os entrevistados expressaram que conseguem perceber que tem existido um aumento significativo na divulgação e criação de conteúdo nas redes sociais. Sara Gomes comenta que tem percebido que, cada vez mais, existem contas como a sua no Instagram, dedicadas ao entretenimento sul-coreano (Guerra, 2020).

Esse conteúdo é consumido pelos diferentes públicos e, a partir daí, vai moldar a percepção sobre a Coreia do Sul e criar novos hábitos culturais, como o aumento de produtos sul-coreanos. Foi comum entre todos os entrevistados também essa perspectiva do aumento consumo e, até mesmo, substituição de alguns produtos ocidentais por produtos sul-coreanos. Os entrevistados levantam como exemplos a gastronomia, *skin care*, maquilhagem, atividades de lazer, entre outros. Carolina comenta “os looks carregados e “cakey” foram trocados pela pele suave e brilhante; os

hambúrgueres que jantamos ao fim-de-semana com amigos começam a ser substituídos por noites de ramen; as idas à discoteca começam a ter como concorrência as salas de noraebang (karaoke)”.

Para além da dimensão mediascapes, também podemos associar os ethnoscapas - movimento de pessoas, turismo, emigrantes e refugiados - aos pontos anteriormente referidos.

O aumento da curiosidade em relação a um país e o aumento do consumo de produtos locais dessa mesma região, geralmente, gera curiosidade. Devido à imagem cultural da Coreia do Sul criada pelo seu entretenimento, o turismo cultural tem aumentado exponencialmente.

Porém, é necessário denotar que também existem consequências negativas adjacentes a estes fluxos “devido à disseminação de informação distorcida”, como argumenta Bruna Soares.

Joseph Nye (1990 e 2004) desenvolve uma teoria do *soft power*, em resposta à maneira como um país consegue influenciar outros sem recorrer à força física ou à opressão político-económica. As ferramentas de *soft power* podem ser, como o autor descreve, a cultura, os valores políticos, o entretenimento, entre outros e esta influência é exercida de uma forma mais indireta e subtil.

Segundo Nye (2004), o foco do *soft power* é atrair, moldar as preferências dos outros países e persuadi-los com os valores e estilo de vida que são promovidos pela nação que faz uso dessa técnica. Apesar de existirem três recursos principais de *soft power* no estudo de Joseph Nye (1990 e 2004), é necessário dar mais enfoque ao uso do recurso cultural dessa influência. Atualmente, qualquer país tem o desejo de aumentar a sua influência internacional sem recorrer à força, exatamente por isso é que, cada vez mais, conseguimos perceber vários países a recorrer à estratégia do *soft power*.

A Coreia do Sul é um exemplo nato da adoção dessa estratégia, diz-nos Sara Passeira. A entrevistada discutiu sobre a teoria e sobre como o país asiático, assim que percebeu o poder de influência que tinha em mãos, “nunca mais fez nada a não ser investir no seu *soft power*”. Sara afirma que foi através do entretenimento cultural que

a Coreia do Sul conseguiu se posicionar a nível mundial. Acrescenta, ainda, que o país se estabeleceu quase como uma marca e compara a sua potência com a de outros países. Segundo a convidada, a Coreia do Sul conseguiu se destacar, não apenas pela “sua identidade robusta”, mas sobretudo pela sua “forma de partilhar e divulgar o entretenimento de forma muito inteligente”.

Ana Teixeira também argumenta sobre a importância das redes sociais na disseminação da cultura sul-coreana e na importância da promoção da cultura sul-coreana funcionar como um *soft power*: “A exportação cultural não só fortalece laços internacionais, mas também melhora a imagem do país no cenário global.”

O sucesso do cinema sul-coreano faz parte dessa estratégia de *soft power* que faz uso da sua cultura para ganhar influência global. Como exemplo temos o filme *Parasite* (2019) que foi um sucesso mundial, a crescente popularidade dos *K-Dramas*, do *K-Pop* e de outras formas de entretenimento são formas de expandir a presença da Coreia do Sul no cenário global, através da promoção de uma imagem cultural positiva. Imagem essa que incentiva o consumo de produtos sul-coreanos, o turismo, o aumento do *fandom* e da produção e divulgação de conteúdos levando ao aumento da influência geopolítica da Coreia do Sul.

Os entrevistados Carolina, Luís e Gustavo oferecem exemplos específicos sobre como a comercialização da cultura sul-coreana funciona em Portugal (na cidade do Porto) e reflete esta estratégia de expansão económica e cultural. O crescimento da presença de mercados asiáticos que vendem produtos coreanos como o kimchi, de restaurantes especializados em comida sul-coreana como o icónico barbecue, os eventos organizados por fãs de K-Pop e da cultura, onde são trocados “presentes artesanais e eram criadas atividades em torno dos artistas favoritos”.

Ana Teixeira também deixa a sua perspectiva de como todos “esses fatores combinados explicam a crescente aceitação e influência da cultura sul-coreana no mundo”.

A entrevistada Bruna Pires também expôs um pouco da sua experiência enquanto repórter voluntária para a Embaixada da Coreia do Sul em Portugal. Bruna argumenta que a Embaixada acaba por ter um papel muito importante para a junção e aceitação das duas culturas, devido à alta promoção, apoio e organização de eventos,

conteúdo e sessões de cinema. A entrevistada conta-nos ainda que, na sua opinião, a Embaixada é a grande responsável pela exposição da cultura sul-coreana, para além do *K-Pop*, *K-Dramas* e filmes, focando-se em outras vertentes que representam a sociedade sul-coreana como a tradição, o vestuário típico, a história e o artesanato.

Urry (1990) apresenta o conceito de “the tourist gaze” e como as imagens divulgadas na mídia conseguem criar expectativas sobre a Coreia do Sul ao público em geral. Essa expectativa geralmente é precedida por um desejo de estar em contacto direto com a cultura que idealizamos.

Sara Passeira, na sua entrevista, fala-nos um pouco dessas expectativas que as pessoas podem desenvolver sobre o povo sul-coreano e os seus costumes. A entrevistada dá-nos um exemplo prático de quando foi visitar a Coreia do Sul: um senhor no autocarro deu-lhe uma ventoinha portátil porque reparou que ela estava a suar de calor. Sara comenta que não estava à espera que isso acontecesse, mas que se alinha com a sua expectativa da cultura comunitária, de *entreajuda* no país.

O desejo de estabelecer esse contacto faz com que muitos dos fãs sintam a necessidade de visitar o país e ver ao vivo as paisagens e locais emblemáticos que são expostos nos filmes e nas novelas sul-coreanas. Desse modo, Luís aponta o turismo como uma repercussão direta da popularidade que o entretenimento da Coreia do Sul atingiu.

Porém, existe um senão: a tremenda idealização adjacente à formação desta imagem positiva para o público internacional. Sara e Bruna discutem um pouco sobre como isso pode ser prejudicial para a população sul-coreana. Sara aponta, sobretudo, sobre as narrativas dos *K-Dramas* e as suas características idealistas e “fantasiadas”. A mesma afirma como a realidade mais dura não é apresentada através da grande maioria das novelas sul-coreanas e acrescenta: “Nós temos de perceber que nem toda a gente que vive na Coreia do Sul, vive dentro de um *K-Drama*, de um music video ou de um filme.”

Essa fantasia e, até às vezes, fetichização da Coreia do Sul leva a problemáticas maiores, como os *koreaboos* e *sasaengs*¹, acrescenta Sara.

O cinema sul-coreano, ao contrário das novelas sul-coreanas, e outros veículos de entretenimento, tende a transmitir uma abordagem mais real dos assuntos, onde, apesar de glorificar a resiliência do seu povo, não esconde os seus erros, nem as frustrações vividas no país.

Este cinema moldou-se ao longo do tempo pelo contexto histórico, cultural e social em que o povo asiático viveu. A sua história de opressão, guerra e ditadura influenciou e inspirou muitas das obras sul-coreanas que hoje vemos.

A ocupação da Coreia pelo Japão foi um dos eventos mais marcantes para o desenvolvimento social deste povo, exatamente por isso é que, no cinema, a opressão, a supressão de traumas, o aprisionamento e a liberdade são temas muito recorrentes. Os filmes analisados *OldBoy* (2003) e *The Handmaiden* (2016) são dois exemplos de como o diretor Park Chan-wook foi capaz de retratar os mesmos sentimentos, raízes históricas e ideologias de forma tão diferente, com narrativas e desfechos tão opostos.

A entrevistada Maria Teixeira, acrescentou como muitas obras sul-coreanas exploram certas dinâmicas influenciadas pela história e contexto social. Maria afirma que as abordagens das “dinâmicas familiares complexas e questões de identidade”, são como uma exploração da “tensão entre as tradições e a modernidade” sentido pelo povo sul-coreano. A entrevistada propõe ainda que “o cinema sul-coreano é conhecido por seu uso inovador de gêneros, especialmente o horror e o suspense que pode refletir ansiedades sociais e políticas”.

John Tomlinson (1991) critica o conceito de globalização cultural e introduz a teoria do imperialismo cultural. O autor acreditava que certas culturas dominantes, como a Europa e os Estados Unidos, refere, exercem uma influência sobre as culturas não dominantes. Tomlinson (1991) argumenta que quanto mais fluxo de bens culturais

¹ *Koreaboo* e *Sasaeng* são termos usados para descrever pessoas que mudam o seu aspeto físico ou de valores para se assemelhar a uma pessoa coreana, normalmente assumindo uma postura de idolatração doentia com a cultura (*koreaboo*), o que pode levar depois a outros comportamentos abusivos, como o *stalking* e a invasão de privacidade dos artistas e famosos sul-coreanos (*sasaeng*).

existirem da cultura dominante para as restantes, mais perto chegaremos da homogeneização cultural, onde as culturas não-dominantes correm o risco de perder as suas identidades. O imperialismo cultural ocorre, sobretudo, através dos meios de comunicação mediáticos, do cinema, da música e de outras vertentes do entretenimento.

Gustavo realça levemente esse aspeto e argumenta sobre a diminuição do racismo e xenofobia na Coreia do Sul, pelo que “alguns *K-Dramas* e *Manhwas*² já exploram outras culturas”. Luís fundamenta esta perspectiva e afirma: “Desde que a sua cultura ficou a ser cada vez mais consumida pelo mundo “exterior”, com certeza vemos mais representações de “estrangeiros” em todas as suas obras.” Acrescenta ainda como as ideologias sul-coreanas vem a evoluir com esse contacto, um país “bastante conservador, com ideias e imagens de “beleza” bastante definidos” a representar pessoas que não entram nesses critérios.

No que toca ao cinema, só há pouco tempo é que se tem registado uma maior diversidade de filmes a serem premiados e com maiores números de bilheteira, até há relativamente pouco tempo os filmes de Hollywood dominavam o panorama do cinema global, o que levou a uma “americanização” da cultura.

No filme anteriormente analisado *The Handmaiden* (2016) podemos perceber, numa escala diferente, o conceito de “imperialismo cultural” a acontecer entre o Japão e a Coreia. O Japão, enquanto cultura dominante, impõe aos coreanos que adotem os seus costumes, língua e ideais em troca da sua sobrevivência. Claro que, não podemos associar o conceito descrito por Tomlinson (1991) a 100%, pois o mesmo refere-se à pressão estabelecida pela globalização cultural. Mesmo assim, é interessante observar como é que o filme aborda a base deste conceito através da história real da Coreia do Sul.

Com essa crescente diversidade de culturas representadas no cinema, houve uma abertura para que a Coreia do Sul se inserisse no panorama global e começasse a exercer uma forte influência internacional, apesar de não ser considerada uma cultura

² Termo coreano que designa um *comic book* proveniente da Coreia do Sul.

dominante. Como já referido anteriormente, o país asiático utilizou do seu *soft power* de modo a conseguir se expandir globalmente. A Coreia do Sul usa, então, desta estratégia para abrir os seus próprios horizontes, especialmente através do cinema e do *K-Pop*, e influenciar o público internacional.

É também importante referir que essa influência não é unilateral (Tomlinson, 1991) e é cada vez mais comum vermos atores de outras nacionalidades em filmes, novelas e séries sul-coreanas, assim como também é notável o processo contrário.

No entanto, Bruna Soares denota que o crescimento da popularidade da cultura sul-coreana não tem apenas pontos positivos. A entrevistada traz uma perspectiva crítica sobre como ainda existe algum tipo de resistência na receção desta nova cultura. Apontando a xenofobia e o preconceito contra culturas não-ocidentais. Esta perspectiva remete à teoria de Tomlinson (1991) onde o mesmo expõe como as sociedades tentam resistir a influências culturais externas. Bruna sugere que a aceitação ainda está em evolução, devido às ideologias e população mais envelhecida em Portugal.

Em contrapartida, Luís e Gustavo argumentam com uma perspectiva mais positiva sobre a receção ao entretenimento sul-coreano em Portugal. Luís menciona o aumento e dimensão dos eventos culturais, como “filmes e encontros de K-Pop”, diz. Já Gustavo discute a crescente presença de lojas asiáticas no Porto e o interesse pelos seus produtos culturais. Carolina também suporta esta ideia, se debruçando sobre o aumento dos espaços dedicados à gastronomia sul-coreana e asiática no Porto.

Como refere Lee (2001), as obras cinematográficas sul-coreanas são capazes de refletir de forma muito natural toda a história, sociedade e cultura do país. Essas narrativas são os espelhos de um povo e, por isso, abordam de forma sublime as vivências, dificuldades e vitórias da Coreia do Sul. Assim, nas obras que analisamos podemos ver como é que esta perspectiva se desenrola: em todos os filmes existe uma camada de crítica a certas estruturas sociais e lembrança à resistência e resiliência do povo sul-coreano.

Apesar disso, as narrativas continuam a ser relevantes internacionalmente e fazem com que o público em geral se identifique em algum momento do filme; Como

aponta Kim (1991), apesar do seu caráter histórico, tradicional e cultural muito próprio, os temas abordados são universais. A história de um país nunca é só dele. Oswald Spengler sugere na sua obra *Der Untergang des Abendlandes (A Decadência do Ocidente, 1918)* a teoria de que todas as civilizações seguem um padrão cíclico de crescimento e declínio. Segundo o autor, esse fenômeno cíclico não pode ser evitado e continua a acontecer com as grandes culturas do mundo.

Spengler acreditava que a história se repete sempre da mesma forma: uma civilização ascende e depois, eventualmente, entra em declínio para ser substituída por outra civilização e assim continua o ciclo. As sociedades seguem o mesmo padrão e, por isso, acabam por se assemelhar muito.

A ascensão da cultura do entretenimento sul-coreana, que se deu devido ao boom do *K-Pop*, após essa explosão caracterizou-se como um processo de adaptação lento, como ambas as Brunas comentam nas suas entrevistas. Na sua perspectiva, apesar de ser claro o crescimento do consumo de conteúdo cultural sul-coreano, ainda existe espaço para evoluir mais, como se tem visto nos últimos tempos onde, onde a tendência tem sido aumentar.

Mesmo assim, é necessário ressaltar que o crescimento de uma sociedade, depois do seu *boom*, é sempre mais demorado, até chegar ao seu pico, estabilizar e entrar em declínio, como apresenta Spengler (1918).

Christopher Booker escreveu o livro *The Seven Basic Plots: Why We Tell Stories* (2004), onde explica como todas as narrativas podem ser reduzidas a sete premissas específicas. Na sua análise, Booker sugere que todas as histórias são desenvolvidas com atenção a personagens que passam pelo mesmo tipo de reflexões sobre encontrar o sentido para a vida e sobre a superação, de uma forma ou de outra.

O autor afirma que não importa a cultura ou o contexto das obras, os personagens são sempre expostos a certos impulsos que os levaram a uma das sete tramas básicas. Ele considera que isto acontece por existir uma união subjacente às histórias culturais de cada país e dinâmicas que refletem a similaridade de experiências que residem no psicológico humano (Guerra, 2022b, 2022b).

Todos os filmes analisados anteriormente confirmam esta perspectiva. O contexto cultural onde estas obras nasceram não é familiar a toda a gente que as viu, porém, a sua popularidade deveu-se ao facto de muitos receptores se identificarem intimamente com as personagens, as suas dores, o seu propósito.

Booker (2004) aponta um aspecto muito interessante, onde refere que as histórias refletem a necessidade intrínseca de lidar com a moralidade e com a tragédia. *Parasite* (2019), *OldBoy* (2003) e *Memories of Murder* (2003) lançam uma reflexão clara sobre a ambiguidade da moralidade e como a nossa tragédia pessoal, emocional ou, até mesmo, externa nos desafia a repensar os nossos valores.

À priori de Christopher Booker, já Carl Jung tocava na questão psicológica adjacente a este acontecimento.

Jung (1959) desenvolveu a teoria do “inconsciente coletivo”, isto é, para além do nosso inconsciente pessoal, composto pelas nossas experiências e memórias individuais, existe uma camada mais profunda da psique que é partilhada por toda a humanidade: o inconsciente coletivo. O autor propõe que os arquétipos (estruturas e padrões universais que integram o inconsciente coletivo) manifestam-se através de símbolos como a arte, literatura, mitologia, religião e folclore. Esses arquétipos são a explicação para o facto de diferentes culturas partilharem personagens e temáticas semelhantes nas suas produções artísticas.

Assim, é impulsionados por esse “inconsciente coletivo”, que somos capazes de nos identificar com as problemáticas, dilemas e temáticas levantadas em todos os filmes que foram analisados neste trabalho. Para além disso, os padrões definidos para as personagens e para as narrativas, que estão caracterizados *The Seven Basic Plots: Why We Tell Stories* (2004) de Booker, como projeções do inconsciente humano, fazem com que seja mais fácil nos revermos em certas atitudes, sentimentos, situações ou dilemas independente do contexto cultural, do espaço ou tempo que estejam a servir como *background* para a ação.

As irmãs Maria e Ana Teixeira, levantam a importância do *fandom* várias vezes durante o decorrer da entrevista. Como já explorado em capítulos anteriores, o *fandom*

é um dos fatores-chave para a divulgação e ascensão da cultura sul-coreana em Portugal. É através do conteúdo produzido pelos fãs que o público generalizado “dá de caras” com conteúdo do entretenimento sul-coreano.

Todos os demais entrevistados partilham da mesma opinião e abordam o tema, considerando que o *fandom* tem um impacto estrondoso no sucesso deste tipo de entretenimento e em como a Coreia do Sul é representada globalmente.

Como já abordado anteriormente, relativamente ao *K-Pop*, Sousa e Guerra (2021) afirmam que os fãs relacionam-se com os produtos que consomem e, por isso, contribuem para a sua divulgação. A entrevistada Maria desenvolve como “Os fãs têm mostrado o seu apreço através de redes sociais, criando comunidades online onde partilham a sua paixão por artistas coreanos, dançam coreografias, e discutem sobre os últimos lançamentos.” Isso acontece pois os membros do *fandom* sentem um tipo de responsabilidade em relação à expansão do conteúdo, sendo fundamentais para a sua difusão a outras comunidades (Sousa e Guerra, 2021). Ana reflete sobre este ponto e associa-o não apenas ao *K-pop*, mas também a outras vertentes, como o cinema: “Além disso, a presença ativa de comunidades de fãs contribui para a disseminação e promoção desses filmes.”

Esta grande participação e auxílio dos fãs deve-se, sobretudo, à sensação de pertença e necessidade dentro do próprio *fandom*. Os fãs sentem que são necessários e que as suas opiniões importam e são ouvidas (Sousa e Guerra, 2021). Desenvolveu-se uma perspectiva de proximidade, uma relação, entre os objetos e os fãs que os consomem (Choi, 2014), contribuindo para esta vontade intrínseca de continuar a divulgar e apoiar os artistas.

Para além do *fandom*, é possível perceber algumas outras estratégias que fizeram do entretenimento sul-coreano uma potência mundial.

As irmãs Ana e Maria Teixeira referem a importância da participação e reconhecimento em festivais de cinema internacionais, a iniciativa de estar presente neste tipo de festival e não apenas nos locais faz com que aumente a visibilidade dos filmes a nível global (Kim, 2005).

Ana considera que estabelecer “parcerias” com plataformas de *streaming* e cimentar a presença de mais obras cinematográficas sul-coreanas nas mesmas é uma estratégia importante para facilitar o acesso desse conteúdo às populações mundiais. Sara Gomes denota que as redes sociais são um veículo muito eficaz para a expansão dos conteúdos culturais da Coreia do Sul, concordando com os argumentos estabelecidos pelas restantes entrevistadas. Sara acrescenta ainda que no intervalo de 2 anos nota um aumento significativo de “páginas portuguesas com criação de conteúdo sobre a cultura sul-coreana”. A evolução e diversificação dos conteúdos, o carácter da originalidade e a capacidade de reinvenção e dinamismo do cinema sul-coreano é também uma mais valia para o seu sucesso.

Em termos dessa cinematografia, alguns entrevistados expressaram ter percebido algumas evoluções culturais ao longo dos anos. A entrevistada Ana Teixeira, por exemplo, afirmou que, atualmente, encontramos mais diversidade de temas e géneros, narrativas mais complexas e personagens mais aprofundados. Acrescenta ainda que nota uma “maior exploração de questões sociais e políticas, como desigualdade e corrupção” e afirma que isso representa uma “abordagem crítica da sociedade coreana”.

Ana aborda as narrativas e descreve-as como “inovadoras e complexas, muitas vezes misturando géneros e explorando temas profundos” dando-lhe um carácter “original”.

A entrevistada destaca ainda a qualidade da produção, a estética e a técnica avançadas e a inovação como fontes de impacto importantes para a boa experiência cinematográfica que estes filmes trazem. Ana refere os “efeitos visuais sofisticados e design de produção avançado.”

Sara Passeira foca a sua abordagem um pouco mais nos *K-Dramas* e reconhece uma clara evolução, especialmente no que toca à edição. Sara comenta que os “dramas antigamente” eram muito mais melodramáticos, com edições muito fortes e narrativas mais irrealistas. Atualmente, consegue notar-se uma maior sofisticação a nível visual e um maior cuidado narrativo. A entrevistada afirma ainda que no cinema sente que esta

evolução não se manifestou tão fortemente, afirmando que os diretores “sempre fizeram o que lhes dava na gana”.

Maria apresenta uma perspectiva similar à que Kim (1991) nos teoriza. A entrevistada esclarece que o cinema sul-coreano “tem explorado ativamente a cultura, a história e as dinâmicas sociais do país, ao mesmo tempo em que se conecta a temas universais”. Isto é, como descreve Kim (1991), apesar das temáticas apresentadas por estas obras cinematográficas estarem intimamente ligadas ao desenvolvimento histórico e social da Coreia do Sul, não deixam de ser temas pertinentes a serem abordados globalmente. Como aponta Jung (1959), toda a humanidade é capaz de identificar-se e familiarizar-se com certos símbolos devido ao “inconsciente coletivo”. Maria reforça a abordagem de Ana sobre as plataformas de streaming e a produção, narrativa e estética cinematográfica inovadoras. A entrevistada acrescenta à ideia exposta anteriormente pela irmã, Ana, que “o uso de mistura de gêneros, como o horror e a comédia, é uma característica marcante” e adiciona como essa “experimentação” culmina em um “desejo de desafiar convenções”.

Todos os entrevistados concordaram que o cinema sul-coreano é rico em temáticas e abordagens, com fortes convicções e, muitas vezes, focado em questões sociais e políticas que refletem não apenas a situação em que se encontra a Coreia do Sul, mas também são capazes de ressoar no contexto global.

As entrevistadas Bruna Pires, Ana e Maria Teixeira apresentaram ainda uma reflexão muito interessante. A disponibilidade e acesso a legendas e dobragens em português também facilita e estimula o público a consumir mais obras sul-coreanas.

Para além das estratégias referidas, acredita-se que o sucesso do entretenimento sul-coreano também se deu um pouco por “sorte”. Carolina e Gustavo questionam o papel da pandemia, em 2020, na ascensão da cultura sul-coreana a nível mundial (Guerra, 2023). Os entrevistados comentam como houve uma grande afluência de pessoas a entrar para o *fandom* de *K-Pop*, especialmente, e como por estarmos em confinamento, estarmos mais abertos a descobrir sobre novas coisas, explorar novos temas e a descobrir novos interesses. A internet, o fácil acesso à informação, a fadiga e

a experimentação podem ter sido também fatores cruciais para a expansão do entretenimento sul-coreano.

Como fãs do entretenimento sul-coreano, consideram-se parte integrante da cultura do *fandom*. Os fãs reconhecem essa cultura quase como uma “cultura nativa” (Sousa & Guerra, 2021), por isso, é comum moldarem os seus comportamentos à semelhança dos restantes integrantes da cultura. Os nossos entrevistados explicam então, o que mudou na vida deles e nos seus comportamentos após integrarem o *fandom*.

Sara Passeira e Bruna Pires acentuam como começar a gostar de entretenimento sul-coreano as ajudou a terem mais curiosidade sobre o mundo e sobre outras culturas, chegando até a melhorar a sua personalidade e a aceitar com mais facilidade as diferenças culturais entre as pessoas.

Sara Gomes afirma que, desde que se tornou fã do entretenimento sul-coreano, passou a ser parte da rotina dela. Confessou que já não se interessa por “dramas de outros países”, ouve maioritariamente *K-Pop* e, a nível financeiro, agora tem uma “despesa extra” em álbuns. A entrevistada diz ainda que este contacto com o entretenimento a incentivou a experimentar comidas novas e a cuidar da sua pele.

Ana apresenta uma perspectiva semelhante a Sara, porém, fala da sua loja de artesanato e como a estética que envolve os concertos de K-Pop e as produções cinematográficas influenciaram a sua arte. Ana Teixeira termina reforçando que “a apreciação e adaptação da estética e dos valores sul-coreanos enriquecem a minha experiência diária e proporcionam uma maior conexão com a cultura global”.

A sua irmã, Maria, contempla também a influência que os seus gostos tiveram na sua arte, porém levanta duas outras questões muito interessantes. Em primeiro lugar, releva que a sua paixão pela cultura sul-coreana lhe deu “um senso de comunidade”, ao conhecer pessoas, criar laços com fãs das mesmas coisas que ela e fazer amizades novas. Maria admite que está a ter aulas de coreano e como acredita que isso reflete o impacto que a cultura sul-coreana teve nela. A entrevistada afirma

que sentiu a necessidade de aprender a língua para se sentir mais conectada com as músicas, os “diálogos nos *K-Dramas*” e com a cultura na sua generalidade.

Bruna Soares denota como consumir o conteúdo cultural sul-coreano “moldou o meu espírito crítico e abriu os meus horizontes”, fazendo-a ser “mais curiosa” sobre outras culturas. Já Carolina acredita que o seu gosto por entretenimento sul-coreano não afetou a sua rotina, apenas revela que a deixou “mais exposta” e “ofereceu novas perspectivas” em relação aos produtos nos media e à “nossa percepção sobre o mundo e a cultura”.

Por fim, tanto o Luís como o Gustavo abordaram como a partilha deste gosto com as outras pessoas os ajudou carácter social, a fazer amigos e a participar de grupos online de fãs.

Como podemos observar, os fãs da cultura sul-coreana demonstram uma postura bastante similar nos seus comportamentos (Hebdige, 2018). O gosto pelo entretenimento sul-coreano moldou as suas personalidades, como gastam o seu dinheiro, a maneira como se apresentam e, até mesmo, o que decidem comer. É clara a influência e o poder que esta indústria tem sobre a comunidade do *fandom*. Essa influência projeta uma nova identidade para os fãs (Hall, 2005) desta cultura e, dessa forma, enquanto parte integrante do *fandom*, podem começar a nutrir comportamentos semelhantes.

Porém, apesar dos fãs compartilharem o gosto por um objeto em específico, podem demonstrar essa adoração de formas diferentes (Jenkins, 2006), como podemos observar pela diversidade de abordagens feitas pelos entrevistados. Henry Jenkins (2006) aprofunda o seu estudo afirmando que os fãs são, simultaneamente, consumidores e produtores de conteúdo, refletindo a pluralidade de comportamentos que podem existir dentro do próprio *fandom* (Guerra, 2024).

Os nossos entrevistados são a prova de como existem várias representações de fãs dentro da identidade de um *fandom*. Um dos grupos é constituído por produtores de conteúdo, por pessoas que se dedicam à disseminação da cultura sul-coreana nas redes sociais, já o outro grupo é constituído por pessoas que partilham do mesmo gosto mas, são consumidores passivos desse conteúdo (Jenkins, 2006). A disparidade de

respostas e interpretações que aconteceram também confirma a teoria de Henry Jenkins (2006), sendo que o autor defende que os *fandoms* são espaços de partilha, participação e divulgação ativas e, por isso, existirá sempre várias interpretações do mesmo objeto.

Apesar do *fandom* ser um meio onde os fãs desenvolvem uma nova identidade, essa apenas se junta às múltiplas outras identidades do indivíduo (Hall, 2005). Segundo Stuart Hall (2005), é possível o mesmo indivíduo adquirir múltiplas identidades no decorrer da sua vida; dependendo do contexto onde se apresenta, irá agir em conformidade com o que é esperado dele ali. As identidades são, então, construídas de forma relacional, alteram-se conforme o contexto e podem se desenvolver através de eventos circunstanciais ou da interação entre culturas (Hall, 2005).

Epílogo

Com base nos autores abordados, na recolha e análise das entrevistas e dos filmes *Parasite* (2019), *OldBoy* (2003), *The Handmaiden* (2016) e *Memories of Murder* (2003), podemos concluir que o ascensão e sucesso do entretenimento sul-coreano foi um processo lento, que envolveu muitas estratégias, inteligência e apoio dos fãs.

A cinematografia sul-coreana é muito característica, pois reflete uma história e sociedade envolta em sofrimento, guerras, opressão e perda. Mesmo assim, a mensagem destas obras tende a focar-se na glorificação do povo sul-coreano pela sua resiliência, sem deixar de abordar os problemas sociais que enfrentam até hoje. Apesar do seu carácter pessoal e único, grandes diretores sul-coreanos são capazes de conjugar esse background histórico com uma crítica feroz a um tema universal. Isto é, o cinema sul-coreano é capaz de não abandonar a sua história e sociedade, mas, mesmo assim, entregar uma obra atemporal, com reflexões sobre temas que são intrínsecos a todas as sociedades. Esta capacidade de gerar reconhecimento e familiaridade, mesmo sabendo que os personagens estão inseridos num contexto extremamente diferente, é um dos pontos mais impressionantes desta cinematografia.

A utilização do entretenimento como um *soft power* e o desenvolvimento de uma relação íntima entre o *fandom* e o seu objeto de adoração foram os grandes pilares que suportam o crescimento do interesse pela cultura sul-coreana. O país asiático catalisou os seus recursos para desenvolver o seu *soft power*, de modo a conseguir entrar no panorama global como uma potência.

O *fandom* e as redes sociais tiveram um papel fundamental para este crescimento exponencial. Os fãs são produtores e consumidores de conteúdo, isto é, eles não apenas consomem os produtos produzidos do entretenimento sul-coreano, como também tem um papel de criadores: usam o conteúdo original como inspiração para criar e gerar outros conteúdos, desde *video edits* a *fanarts*. O seu papel na difusão do objeto é importantíssimo. A criação de uma ligação de confiança entre os fãs e o entretenimento, dando-lhe voz para expressarem as suas opiniões e fazendo-os se

sentirem ouvidos e respeitados, é o principal passo para atingir um novo patamar de visibilidade nos media.

O desenvolvimento e reinvenção das temáticas, estilo visual e modos de abordagem da narrativa no cinema sul-coreano também terá sido uma mais valia para o seu sucesso. A conjugação entre géneros como a comédia e o thriller, o uso do humor negro (que é bastante característico dos filmes sul-coreanos), a ambiguidade e complexidade das personagens e junção do moderno com o tradicional, são alguns dos pontos que tem vindo a ser desenvolvidos ao longo dos anos no cinema sul-coreano. Este desenvolvimento e melhoria das técnicas, cenários e narrativas colaborou para que a cinematografia sul-coreana ganhasse mais visibilidade.

Relativamente aos *focus groups* e aos filmes analisados, podemos concluir que o cinema sul-coreano se expressa de uma forma muito única e pessoal. Mesmo assim, é capaz de comover o público e catalisar as problemáticas da sociedade moderna global, fazendo com que o espectador consiga se reconhecer nos personagens.

Compreendemos como o *fandom* é um meio de difusão de informação e conteúdo, mas, para além disso, é um meio de abertura para os fãs comunicarem entre si. Nas entrevistas foi clara esta perspetiva, a criação de uma nova identidade, a identidade do *fandom*, que faz com que os seus integrantes, apesar de movidos por coisas diferentes, sintam-se parte de algo maior. A mudança de hábitos, o desenvolvimento de novos ideais e perspetivas também é algo extremamente comum neste tipo de contextos identitários.

Porém, nem tudo é positivo. Esta ascensão também traz consigo algumas consequências negativas como, por exemplo, a “americanização” destas obras por pressão da opinião mediática e dos públicos globais. Quanto maior for a exposição destes filmes a públicos mundiais, maior será também a exigência desses espectadores para que as obras cumpram os requisitos impostos por eles. Por outro lado, temos o perigo que nasce no seio do *fandom*: a idealização, a idolatração e a obsessão.

Devido a estes motivos, a Coreia do Sul conseguiu tornar-se uma influência no mercado global, mobilizando o turismo e o reconhecimento para a sua cultura. Como

referido anteriormente, a ascensão da cultura sul-coreano foi um processo lento, que atingiu recentemente o seu auge. É necessário que o país asiático continue a desenvolver-se e a apostar no entretenimento para que este a sua tendência de crescimento não entre em declínio.

Em Portugal, é evidente que a explosão do entretenimento sul-coreano não passou despercebida. Atualmente, é cada vez mais comum as pessoas portuguesas expressarem a sua apreciação por K-Pop, K-Dramas, pelo cinema ou, até mesmo, pela gastronomia, moda, maquilhagem e tradição. Também é cada vez mais comum a Coreia do Sul ser considerada um “destino de sonho” para uma grande massa da população portuguesa. A prova viva disso é que, ainda esta semana, se realizou o primeiro voo direto entre Portugal e a Coreia do Sul (entre as capitais Lisboa - Seoul). Esses voos serão reforçados para facilitar as relações positivas entre os dois países.

As manifestações desta ascensão refletem-se na crescente presença de mercados asiáticos em Portugal, da abertura de novos restaurantes especializados na gastronomia sul-coreana, na crescente presença de produtos de K-Pop em lojas como a FNAC, produtos de pele e maquilhagem sul-coreanos em lojas de cosmética e farmácias e o aumento dos K-Dramas e filmes nos catálogos portugueses dos serviços de *streaming*. Para além disso, a alta mobilização de eventos para fãs dedicados a idols ou grupos de K-Pop e documentários sobre grupos como os BTS, BLACKPINK e NCT serem expostos nos cinemas portugueses, são importantes manifestações da influência sul-coreana em Portugal. Em termos de redes sociais, também é possível perceber que existem, cada vez mais, contas *portugal based* para as diversas atividades e vertentes do entretenimento sul-coreano.

Devido à demanda mundial adjacente à globalização do entretenimento sul-coreano, estas produções artísticas tiveram de passar por uma adaptação da linguagem artística, de modo a se conseguirem relacionar em contextos completamente opostos ao seu. Apesar disso, a Coreia do Sul nunca perdeu a sua essência pessoal nas obras, apenas as adaptou e modernizou, de modo a serem mais aprazíveis para os públicos que está agora a conquistar.

De um modo geral, a Coreia do Sul pode ser considerada uma potência mundial, distribuidora de entretenimento e cultura, onde a aposta em estratégias de comunicação poderosas foram as responsáveis por essa ascensão. Apesar de terem existido vários fatores de “sorte”, esta expansão nunca foi consequência. A influência sul-coreana provém de variadas estratégias arquitetadas ao longo de muito tempo e pensadas cuidadosamente, um alto investimento nos setores certos e uma rápida adaptação ao panorama global.

Referências Bibliográficas

- Alberto, T.P., & Guerra, P. (2019). Nevermind...What?: memória, nostalgia e os tensionamentos possíveis entre o punk e o museu na exposição Nirvana: Taking Punk To The Masses, E-compós, 23. <https://doi.org/10.30962/ec.1849>
- Appadurai, A. (1996). *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Bennett, A. & Rogers, I. (2016). Popular Music and Materiality: Memorabilia and Memory Traces, *Popular Music and Society*, 29(1), 28–42.
- Berry, C. (2002). Full Service Cinema: The South Korean Cinema Success Story (So Far). In: Young-Key Kim-Renaud , Roy Richard Grinker and Kirk W. Larsen . eds. *Texts and Context of Korean Cinema: Crossing Borders*. Washington, RCW: Sigur Centre for Asian Studies Paper. 7–16.
- Booker, C. (2004). *The Seven Basic Plots: Why We Tell Stories*. Continuum.
- Choi, H. (2014). Value and Value Creation – Popular Music in the Digital Era: The Case of the Independent Music Industry in South Korea. PhD Thesis. University of Manchester.
- Choi, J.B. & Roald, M. (2015). Introduction: Why Fandom Matters to the International Rise of K-Pop. In J.B. Choi, & M. Roald (Eds.). *Pop: The International Rise of the Korean Music Industry* (pp. 1–18). New York: Routledge.
- Choi, J.H. (2010). *The South Korean Film Renaissance: Local Hitmakers, Global Provocateurs*. Middletown, CT: Wesleyan University Press.
- Duffett, M. (2015). Fan Practices, *Popular Music and Society*, 38(1), 1–6.
- Duffett, M. (2013). *Understanding Fandom: An Introduction to the Study of Media Fan Culture*. New York: Bloomsbury Academic.
- Galloway, K. (2020). Musicking Fan Culture and Circulating the Materiality of Taylor Swift Musical Greeting Cards on YouTube, *American Music*, 38(2), pp. 240–261.
- Galuszka, P. (2014). New Economy of Fandom. *Popular Music and Society*, 38(1), pp. 25–43.

- Guerra, P. (2010). *A instável leveza do Rock: génese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal (1980–2010)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/56304>
- Guerra, P. (2020). The Song Is Still a ‘Weapon’: The Portuguese identity in times of crises. *YOUNG – Nordic Journal of Youth Research*, 28(1), 14-31.
- Guerra, P. (2021). So close yet so far: DIY cultures in Portugal and Brazil. *Cultural Trends*, 30 (2), 122–138.
- Guerra, P. (2022a). Can music save lives? The Experience of COVID-19 and the impacts on music-making on young people in their home environment. In O. Crosby, M. & Faludi, J. (orgs.). *Whole Person promotion, women, and the post pandemic Era: Impact and future outlooks* (pp. 142-154). IGI Global.
- Guerra, P. (2022b). Os desacordes do fado e do folclore na modernidade tardia. Um trajeto pelos ativismos musicais do Fado Bicha e de Filipe Sambado. In: Fernandes, C. S., Herschmann, M., Rocha, R. de M., & Pereira, S. L. (orgs.). *A(r)tivismos urbanos. (Sobre)vivendo em tempos de urgência* (pp. 221-250). Sulina.
- Guerra, P. (2023). Underground artistic-creative scenes between utopias and activisms. *Journal of Cultural Analysis and Social Change*, 8(2), 10. Disponível em: <https://doi.org/10.20897/jcasc/14063>
- Guerra, P. (2024). Quebrar o silêncio. Reinventar o lugar. As cidades musicais ao som do Brega. *Farol*, 19(28), 138–152.
- Guerra, P. & Alberto, T.P. (2021) . Welcome to the ‘modern age’: The imagery of punk from the 1970s in the redefinition of the New York music scene of the 2000s and beyond. In R. Bestley, M. Dines, P. Guerra, & A. Gordon (Eds.). *Trans-Global Punk Scenes. The Punk Reader Volume 2* (pp. 165–178). Bristol: Intellect.
- Guerra, P., & Quintela, P. (2018). *Subcultura. O significado do estilo*. Lisboa: Maldoror.
- Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade* [Cultural identity in post-modernity]. Rio de Janeiro: DP&A Editora.

- Guerra, P., & Sousa, S. (2021). Ultimate bias. *Memorabilia, K-pop and fandom identities. Cidades* [Online], Au21 | 2021, Online since 20 October 2021. URL: <http://journals.openedition.org/cidades/4244>
- Jenkins, H. (1992). Strangers no more, we sing: Filking and the social construction of the science fiction fan community. In L. A. Lewis (Ed.). *The adoring audience: Fan culture and popular media* (pp. 208–236). New York: Routledge.
- Jenkins, H. *Cultura da Convergência*. New York: New York University Press, 2006.
- Jin, D. Y. (2016). *New Korean Wave: Transnational Cultural Power in the age of Social Media*. Urbana: University of Illinois Press.
- Jung, C. G. (1959). *The Archetypes and the Collective Unconscious*. Princeton University Press.
- Kim, K.O. (1991). Socio-Cultural Implications of the Recent Invention of Tradition in Korea: An Overview. In: British Association of Korean Studies (BAKS). ed. *BAKS Papers Volume 1*. 7–28.
- Kim, S.Y. (2005). ‘Cine-mania’ or Cinephilia: Film Festivals and the Identity Question. In: Chi-Yun Shin and Julian Stringer . eds. *New Korean Cinema*. Edinburgh: Edinburgh University Press. 79–91.
- Kim, S.B. (2019). KOFIC Publishes 2018 Korean Film Industry Report: Korean Film Admissions Down 3.3%, Total Sales Up 3.3%. Korean Film Council. 4 March 2019. www.koreanfilm.or.kr/view/news.jsp?category=KOFIC_NEWS&seq=1790&blbdComCd=601007
- Kim, Y.J. (2013). Review of Korean Films: The New Keys to Success. In: Korean Film Council (KOFIC) . ed. *Korean Film Report 2013*. Busan: Korean Film Council. 11 – 21.
- Kratz, C and Reimer, B. (1998). Fashion in the face of postmodernity. In A. Berger (Ed.). *The Postmodern Presence: Readings on Postmodernism in American Culture and Society* (pp. 193–211). London: AltaMira.
- Lee, H.J. (2001). *Contemporary Korean Cinema*. Manchester: Manchester University Press.

- Lie, J. (2012). What is the K in K-pop? South Korean popular music, the culture industry, and national identity, *Korea Observer*, 43(3), pp. 339–363.
- Manago, A.M. (2015). Media and the Development of Identity. *Emerging Trends in the Social and Behavioral Sciences*, pp. 1–14.
- Nye, J.S. (1990). *Bound to Lead: The Changing Nature of American Power*. Basic Books.
- Nye, J.S. (2004). *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. PublicAffairs.
- Oliver, W. (2020). *Idolizing Consumption. Na Exploration of the K-pop Albums' Relevance in a Digital Age*. MSc Thesis, Lund University.
- O'Regan, T. (2002). A National Cinema. In: Graeme Turner. ed. *Film Cultures Reader*. London: Routledge. 139–164.
- Regev, M. (2013). *Pop-Rock Music: Aesthetic Cosmopolitanism in Late Modernity*. UK: Cambridge, Polity Press.
- Shahriari, A. (2018). *Popular World Music*. UK: Routledge.
- Shim, D. (2014). Whither the Korean Film Industry? *Acta Koreana*. 14 (1): 213–227.
- Shin, C.Y. and Stringer, J. eds. (2005). *New Korean Cinema*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Stringer, J. (2003). *Regarding Film Festivals*. PhD Thesis. Indiana University.
- Sun, M. (2020). K-pop fan labor and an alternative creative industry: A case study of GOT7 Chinese Fans, *Global Media and China*, 5(4), pp. 389–406.
- Tomlinson, J. (1991). *Cultural Imperialism: A Critical Introduction*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Urry, J. (1990). *The Tourist Gaze*. Sage Publications.
- Williams, J. P. (2006). Authentic identities: Straightedge subculture, music, and the internet, *Journal of Contemporary Ethnography*, 35(2), pp. 173–200.
- Yoon, K. (2018). Global Imagination of K-pop: Music Fans' Lived Experiences of Cultural Hybridity, *Popular Music and Society*, 41(4), pp. 373–389.

ANEXOS

1. Anexo 1. Guião da Entrevista

Representações face ao entretenimento sul-coreano

P1: Como acha que o povo português (no Porto, especialmente) recebeu este tipo de ascensão e comercialização do entretenimento sul-coreano? Pode indicar algumas exemplificações?

P2: Que tipo de repercussões, positivas ou negativas, considera que o contacto com novas realidades (através do entretenimento) traz às culturas envolvidas?

Perspetivas face à identidade cultural sul-coreana

P3: Como acha que a identidade cultural sul-coreana se apresenta e fala com os seus recetores?

P4: Quais são, para si, as justificações para esta disseminação global e reconfiguração desta identidade?

P5: Como sente que o consumo desta indústria sul-coreana mudou as suas perspetivas e identidade pessoal?

Abordagem do cinema sul-coreano e da *K-wave*

P6: Como acha que a *K-wave*, especialmente no cinema, veio moldar os comportamentos e a forma de pensar dos consumidores?

P7: Que tipo de evolução cultural consegue perceber na cinematografia da Coreia do Sul?

P8: Que estratégias de comunicação considera que têm feito o cinema sul-coreano ascender mundialmente – e em Portugal e no Porto?

P9: Quais acredita terem sido os principais pontos que tornaram o cinema sul-coreano num fenómeno de sucesso mundial?

P10: Como vê o fenómeno do crescimento dos doramas (*K-Dramas*) nos serviços de streaming?

P11: Quais as diferenças culturais mais predominantes nestas obras cinematográficas? Como é que elas ressoam na nossa vida diária?

Impactos no quotidiano

P12: Que tipo de impacto o *K-pop*, *K-Dramas*, cinema sul-coreano, entre outros tiveram na sua vida diária? Pode dar exemplos de manifestações quotidianas?

Anexo 2. Transcrição da Entrevista - Grupo 1

Parte 1. Representações face ao entretenimento sul-coreano

Como acha que o povo português (no Porto, especialmente) recebeu este tipo de ascensão e comercialização do entretenimento sul-coreano? Pode indicar algumas exemplificações?

Ana: No Porto, a ascensão do entretenimento sul-coreano, especialmente o K-pop e os K-dramas, tem sido recebida com entusiasmo, principalmente entre os jovens. A popularidade do K-pop manifesta-se através alguns concertos (apesar de tal ainda não ser muito expressivo em Portugal) de espetáculos de cover, festas temáticas em discotecas e bares, além de uma crescente comunidade online de fãs que se organiza em grupos e redes sociais para discutir e promover o conteúdo coreano. A moda e a beleza sul-coreanas também influenciam o público do Porto, com um aumento no interesse por roupas inspiradas nos ídolos do K-pop e produtos de beleza coreanos, como os famosos cosméticos K-beauty, que começam a aparecer em lojas locais. Os K-dramas, disponíveis em plataformas de streaming como a Netflix, têm conquistado uma audiência considerável, com títulos como "Crash Landing on You" e "Itaewon Class" sendo amplamente discutidos nas redes sociais. Além disso, o cinema sul-coreano, impulsionado pelo sucesso de filmes como "Parasite", também desperta interesse entre os cinéfilos da cidade.

A influência coreana no Porto estende-se ainda à gastronomia, com o surgimento de restaurantes coreanos que atraem tanto fãs da cultura quanto curiosos. Eventos temáticos, como feiras e festivais de cultura coreana, têm sido organizados, celebrando e difundindo a cultura sul-coreana na cidade.

Bruna: Eu tenho a noção que, agora, os comentários que eu recebo seja do meu círculo de amigos, seja de conhecidos ou mesmo na minha “bolhinha do Instagram” são todos muito positivos. Ainda outro dia, o meu chefe disse-me “olha, estou à espera disto, vi um filme coreano e gostei muito, e estou à espera que saia a segunda temporada de

Squid Game”. E pessoas que não têm ligação nenhuma com a cultura coreana ou com dramas e K-Pop, simplesmente pessoas “normais”, deram de caras com um filme ou com qualquer coisa coreana e têm reações muito positivas. Interessantes, de curiosidade sobre esta parte da cultura coreana.

E acho que lá está, isto também tem muito a ver com o conteúdo que agora nos chega por causa da internet, porque é tudo muito mais fácil; e pela própria chegada de filmes coreanos ao cinema português. E acho que há cada vez mais opções. De coisas com legendas em português no caso, porque me lembro que, antigamente, havia muitos vídeos que uma pessoa via no YouTube e que não tinham legendas nenhuma- nós víamos pelas imagens, porque não entendíamos nada. Depois começou a haver em inglês, mas muita gente não sabe inglês mesmo em Portugal, e sobretudo no Brasil. De há uns tempos para cá, começaram a haver mais legendas em português, o que também tornou tudo muito mais amplo para pessoas de mais idade e pessoas mais jovens que ainda não aprenderam as línguas. Fazer com que tenham essa possibilidade, de emergir, no nosso “K-Mundo”.

Mas lá está, acho que foram tudo coisas muito positivas. Se há coisas negativas? Há. Mas nós também não chegamos a saber, e há sempre aqueles comentários menos bons. Mas isso é como tudo. E acho que, cada vez mais, existem melhores comentários e mais gente a gostar e conhecer. Aqui em Portugal, acho que só temos a melhorar neste sentido.

Maria: O povo português, especialmente os jovens, parece ter recebido esta nova onda de entretenimento com bastante entusiasmo e interesse. Em várias cidades portuguesas, incluindo o Porto, houve um crescimento visível na popularidade do K-pop. Grupos como BTS e BLACKPINK conquistaram uma base de fãs leal, com eventos e atividades que celebram a cultura sul-coreana a acontecerem cada vez mais frequentemente. Por exemplo, com o aumento de eventos de K-pop, como flash mobs ou festas temáticas em clubes, podemos observar a fusão de culturas e a celebração de estilos musicais diferenciados. Além disso, há também um aumento no consumo de dramas sul-coreanos através de plataformas de streaming, como a Netflix, que

disponibiliza uma variedade de séries e filmes, aumentando ainda mais a acessibilidade ao conteúdo coreano. Os fãs têm mostrado o seu apreço através de redes sociais, criando comunidades online onde partilham a sua paixão por artistas coreanos, dançam coreografias, e discutem sobre os últimos lançamentos.

Sara G.: Na minha opinião, para a grande maioria, que considero desconhecer esta temática, acredito que possa ter gerado alguma curiosidade, penso que não ficaram indiferentes, que essa ascensão foi notada, apesar de não terem muito conhecimento sobre o assunto. Para quem já era fã do entretenimento coreano foi como um sonho idealizado, que se concretizou. Neste caso, e falando também em nome pessoal, foi algo esperado e que trouxe muita satisfação e realização. Em termos de exemplos, surge-me aqui a questão dos dramas sul coreanos, que estão cada vez mais acessíveis (quando anteriormente havia pouca divulgação e pouca acessibilidade, enquanto que hoje em dia há um vasto leque de opções). E adiciono a questão da música também, o ser possível ouvir uma música sul coreana com mais frequência nas rádios portuguesas e ter maior acessibilidade na compra de álbuns, são bons exemplos.

Sara P.: Quando eu comecei a gostar, era algo muito de “nicho” ainda- eu apanhei uma página das 2NE1, na revista Bravo, as revistas que antigamente os adolescentes compravam. E foi daí que surgiu o meu interesse.

Naquela altura, era uma coisa muito nova e muito estranha para os meus colegas, até porque eu vivia num meio pequeno. Então, as pessoas diziam: “Porque é que tu ouves essa música? Tu nem entendes!”. Havia muito esta barreira linguística e cultural, que demorou um bocadinho de tempo a desfazer-se.

A partir de 2015 e 2016, temos a explosão dos BTS, que é muito documentada. E com esta explosão, vemos simultaneamente outras coisas a aparecer- há uns anos sucessivos em que, na cultura mainstream e popular, tem-se vários elementos e obras coreanas a chegar às massas. Esse fenómeno acabou por refletir um pouco em todo o mundo, e em Portugal não foi diferente.

Então, eu acho que, a partir do momento em que a indústria cultural coreana conseguiu penetrar o mercado ocidental, houve naturalmente uma maior recepção das pessoas. Portanto, a entrada, por exemplo, de K-dramas nas plataformas de streaming foi uma “porta aberta” de uma forma muito abrangente, porque quase todos os anos nós temos um K-drama que se destaca e que é falado popularmente pelas pessoas. Tivemos o Squid Game, por exemplo, e temos os K-dramas um pouco mais melancólicos, que às vezes também são falados pelo público português, inclusive Queen of Tears. Ou seja, há sempre algo coreano no nosso contexto nacional, o que é um bocadinho diferente do que acontecia: porque é que as pessoas veem a novela, se elas não entendem nada? A resposta é simples: porque entrou numa plataforma que quebrou essa barreira linguística. Eles conseguiram colocar-se numa posição de interesse global, o que se acaba também por notar. Eu lembro-me da primeira vez que eu vi um CD de K-pop na FNAC: Foi como se fosse Natal e a passagem de ano juntos. Era uma realidade que eu pensei que nunca ia testemunhar. Eu fantasiava ter aquela peça de merchandise, daquele cantor; Ter aquele CD.

Andava nos sites- que eram plataformas internacionais- à procura de obter estas coisas, e chegou a um dia em que as coisas estavam na FNAC. No meu espaço de residência, o que era muito estranho para mim. Mas, depois, vim a perceber que o entretenimento sul-coreano conseguiu fazer-se valer e conseguiu criar interesse. E, a partir do momento em que as pessoas viram que havia essa onda crescente de interesse, comercialmente, nós começamos a ver isto funcionar, tanto nas plataformas streaming, como nas plataformas como a FNAC.

Eu acho que isto, inevitavelmente, levou a que as pessoas perdessem um pouco os preconceitos que tinham. Porque sim, eram preconceitos muitas vezes: quantas vezes um fã de cultura coreana já ouviu “Ah, porque estás a ouvir este chinês? Ou este japonês, ou o que seja?”. É um preconceito, é uma ignorância, e o que estes movimentos e partilhas culturais acabaram por fazer foi levar a que as pessoas se educassem um bocadinho e a reconhecer não só a cultura da Coreia do Sul, mas também a Coreia do Sul em si. E isso foi muito bom, porque é sempre bom ter este tipo de intercâmbio

cultural. Mas, obviamente, sempre haverá pessoas que tenham contato com a cultura, e depois passa-lhes ao lado. É como em todos os casos.

Deste modo, eu acho que a comunidade portuguesa acolheu bem este conteúdo. Foi uma coisa, a meu ver, um bocadinho explosiva. E há ali o web que, apesar de ter sido uma coisa consistente em várias partes do mundo, no Ocidente chegou mesmo “in your face”- e às vezes as pessoas podem cansar-se um bocadinho disto.

Mas a verdade é que a Coreia do Sul se soube fazer valer, o que agora se reflete no maior acolhimento que a população portuguesa tem, em geral, pela cultura coreana.

Que tipo de repercussões, positivas ou negativas, considera que o contacto com novas realidades (através do entretenimento) traz às culturas envolvidas?

Ana: O contacto com novas realidades através do entretenimento pode ter repercussões positivas e negativas. Positivamente, promove o enriquecimento cultural, diversifica referências, facilita o intercâmbio cultural e cria oportunidades económicas. Negativamente, pode causar erosão cultural, ao marginalizar tradições locais, e reforçar estereótipos, dando uma visão simplificada ou distorcida de outras culturas. Ou seja, a cultura coreana, em muitos casos, passa a ser vista por uma lente muito estreita através da qual já não se consegue distinguir a realidade daquilo que é um estereótipo difundido através dos produtos de entretenimento, o que leva a uma percepção limitada da mesma.

Bruna: Às culturas ou às pessoas. Imagina, há sempre certas repercussões. Positivas e negativas. Eu acho que o positivo que há de uma pessoa ser introduzida a uma cultura nova- neste caso, nós portugueses sermos introduzidos à cultura coreana- é sempre conhecer uma cultura nova e estarmos abertos a outras culturas e outras opiniões. Abrir os horizontes e aprender coisas novas, independentemente de qual é a cultura a que estamos a ser introduzidos.

E o negativo, se calhar seria um bocadinho a ilusão, porque o facto de ser entretenimento, não significa que seja a realidade. E quem só vive do entretenimento coreano tem uma ilusão da cultura e do dia-a-dia das pessoas, que acaba depois por não ser aquilo que eles estão a esperar. De não ser a realidade por viverem nos filmes, nos dramas e mesmo nos *music videos*. Então, acho que essa é uma parte muito negativa, as pessoas não distinguem a realidade do que é puro drama ou comédia. Mas lá está, isto são as pessoas. Não sei se é este tipo de resposta que estavas à procura. Dizes que a nossa cultura vai mudar, tendo em conta a outra cultura?

Acho que eles se tornaram mais modernos e mais inclusivos tanto, por exemplo, naquela parte das legendas- eles fazem questão agora de ter legendas. Seja no YouTube, seja mesmo em vídeos de música. Cantores, qualquer coisa. Muitas vezes aparecem legendas em baixo. E isso não existia. Foi sobretudo graças a esta globalização do K-Pop, e a parte da modernização.

O que eu quero dizer: eu via muitos filmes mais antigos, que eram filmes históricos. Filmes mesmo sobre o antigamente ou da época. Agora, é tudo muito mais moderno e já não se toca tanto. Ou seja, hoje em dia já há poucos filmes a serem feitos, a meu ver, sobre o antigamente. Sobre as partes tradicionais, e coisas assim. Ou seja, uma repercussão positiva seria a parte de ser mais inclusivo. E uma negativa seria... não sei se chamo negativo, mas é neutra a parte da modernização. Tanto pode ser uma coisa boa, como pode ser uma coisa má. Eu como gosto da parte tradicional, se calhar gostaria de continuar a ver mais a parte tradicional. Mas não significa que seja mau.

Maria: O acesso a diferentes formas de entretenimento (filmes, música, séries) de diversas partes do mundo enriquece a cultura local e promove a diversidade, a exposição a novas ideias e estilos de storytelling pode inspirar artistas e criadores locais e os elementos culturais que atraem o turismo. Negativamente, consigo pensar nas questões dos estereótipos e na camada de desinformação que ainda existe. O consumo excessivo de entretenimento que promove valores ou comportamentos problemáticos

(como violência ou materialismo) pode influenciar negativamente a sociedade, especialmente entre as gerações mais jovens.

Sara G.: Eu assumo que conhecer novas culturas é sempre muito enriquecedor, faz-nos pensar, julgar as nossas vivências e questionar aquilo que temos como certo. Ao chegar a outras realidades através do entretenimento apercebemo-nos de algumas situações, como questões culturais específicas, que nos pode servir de exemplo, quer por serem negativas ou positivas. Portanto eu diria que a repercussão é maioritariamente positiva. A única questão negativa que me ocorre é o facto de depois sentirmos vontade de conhecer essa outra realidade de perto e as viagens serem caras.

Sara P.: Eu acho que o mundo está todo à beira de um clique- nós só não entramos em contato com as diferentes realidades se não desejarmos. Se nós desejarmos realmente, temos tudo à nossa disposição.

Eu acho que esta partilha que é feita da cultura coreana serviu, de facto, para abrir muitos horizontes. Este tipo de difusão da cultura coreana acaba, no fundo, por nos fazer partilhar crenças; maneiras de ver o mundo; maneiras de navegar o mundo e de sentir o mundo que são muito diferentes e que, no fim do dia, só nos mostram que todos nós somos humanos. E todos nós merecemos respeito pelas nossas crenças e pelo nosso património cultural. Acho que isso é a mensagem, o cérebro mais forte desta atividade intercultural. E efetivamente que isto se nota, como a Bruna disse, numa maior inclusividade, tanto da parte deles como também da nossa parte. Termos mais receptividade para coisas como comida coreana e produtos coreanos nas prateleiras. E até pessoas coreanas, porque às vezes parece um bocadinho estranho nós sentirmos-nos fora de sítio, ou que as outras pessoas se sintam fora de sítio. Porque, por exemplo, se houver caras como as nossas, não conhecemos a outra realidade, não conhecemos o outro, não estamos habituados à presença do outro. Então, quanto mais houver esta amálgama cultural- esta amálgama de conseguirmos estar presentes em diferentes sítios e não haver esse choque cultural enorme de “mas o que é que tu estás aqui a fazer?”- será sempre uma mais-valia que este tipo de contacto continue a acontecer.

Agora, efetivamente uma coisa que eu trabalhei a fundo também na minha tese foi o lado escuro da moeda. Porque é muito bom termos este acesso automático à internet e este conteúdo audiovisual que nos chega e nos apresenta outras realidades mas nós depois também temos de fazer a análise consciente de que as coisas têm um enquadramento. As coisas são criadas com um propósito. As coisas são criadas com uma mensagem. E a mensagem que nos pode estar a chegar pode ser muito redutora do que é a realidade. E, se nós não nos esforçarmos um bocadinho por sair da mensagem às vezes... Pois se nós dermos um K-Drama muito giro Sobre o CEO e a menina pobre e só consumirmos este tipo de *tropes* que existem em vários K-Dramas, o que nós chamamos de Coreia do Sul é uma coisa muito pequenina do que o país é em si. Do que a história significa. Do que este *trope* ser tão valorizado significa nos valores sociais que existem na Coreia do Sul. Portanto, há sempre esta necessidade. Nós fazemos também um esforço para contextualizar esta transmissão intercultural que existe. E isso pode efetivamente levar, se não houver esse esforço de nossa parte de compreender o outro e do outro também nos compreender a nós, a estarmos a idealizar coisas e criarmos fantasias. Até por vezes, podem dar-nos um tipo de mensagem que não é a mensagem certa a ser passada, não é a mensagem que nós devíamos ter sobre a Coreia do Sul e sobre as pessoas que vivem lá todos os dias. Nós temos de perceber que nem toda a gente que vive na Coreia do Sul vive dentro de um K-Drama, de um music video ou de um filme. Portanto, há sempre esse esforço de ter-se de sair disso. Mas há efetivamente quem não sai, e depois criam-se problemas. Como é a problemática dos Korea Boos, dos Sasaeng. Esse tipo de fãs um bocadinho mais “problemáticos”, que existem nesta esfera também.

Mas é como tudo. Lá está, é sempre a moeda a duas caras. O ponto muito positivo de que nos podemos conhecer melhor a nós e aos outros; e o ponto muito negativo de ficarmos um bocadinho obcecados, ou até cegos, com a criação de uma utopia ou com uma ideia que pode não representar a realidade.

Parte 2. Perspetivas face à identidade cultural sul-coreana

Como acha que a identidade cultural sul-coreana se apresenta e fala com os seus recetores?

Ana: A identidade cultural sul-coreana apresenta-se de forma cativante ao público global, misturando tradição e modernidade. Ela expressa-se através de uma combinação de elementos tradicionais, como vestuário e música folclórica, com aspectos da cultura pop contemporânea, como o K-pop e as tendências de moda urbana, que cada vez mais cativam os jovens que procuram aproximar-se de todas as suas representações. Os temas universais abordados em K-dramas e filmes, como amor, família e superação, são apresentados a partir de uma perspectiva coreana, criando uma ligação emocional com os recetores e oferecendo uma visão única dos valores culturais da Coreia do Sul. Além disso, a estética visual refinada e a alta qualidade de produção destacam a cultura sul-coreana como inovadora e sofisticada, contribuindo para sua atratividade global.

Bruna: Eu acho que a Coreia como país e como cultura apresenta-se ao mundo essencialmente de quatro maneiras: Uma delas é o avanço tecnológico. E eles estão muito à frente. O que é conhecido mundialmente- Samsung, LG, Kia, Hyundai... E nós sabemos que são marcas de qualidade. A segunda é o K-Pop, que mostra a animação e a excentricidade cultural, eu acho. A outra, seria os filmes e os K-dramas, e isto mostra-nos mais a parte da cultura e da história; e, depois, temos também a parte da tradição. E isto nós aprendemos através, sobretudo, dos eventos culturais que são feitos. Nós temos isto em Portugal, e existe espalhado pelo mundo todo. Por vários países. O próprio governo coreano tem estes eventos no mundo todo, para mostrar a sua cultura, e nisto nós aprendemos sempre. Por exemplo, danças e cantares folclóricos; as roupas tradicionais; comida; taekwondo... e eu acho que a Coreia é representada por isto. Porque quem ouve falar da Coreia, de certeza que ou sabe que eles são super desenvolvidos, ou já viu um K-drama, ou ouve K-pop. E eu acho que a parte da tradição vem muito pelos eventos. Claro que depois temos livros e a parte dos restaurantes, mas isto só começou a aparecer por causa de uma destas quatro coisas, porque se não fossem os K-dramas ou o K-Pop, não abririam portas para um restaurante coreano ter sucesso aqui em Portugal, ou para um livro de uma autora coreana ser vendido.

Portanto, eu acho que a Coreia está muito bem representada, porque toca em todos os aspectos culturais com estes quatro pontos.

E acho que aqui em Portugal, para terminar, acabamos por ter tudo. Ela está muito bem representada em todos estes quatro pontos. Nós conseguimos ter isto. Claro que somos pequeninos, podiam haver mais concertos, podiam haver mais filmes no cinema. Mas, de qualquer das formas, temos eventos culturais. Vão aparecendo alguns filmes. E acho que as pessoas estão muito recetivas a esta identidade que a Coreia tem.

Maria: Através da música (K-Pop), da gastronomia com os seus pratos emblemáticos como o kimchi e o bulgogi, através da sua própria história e tradição, como a arte do hanbok, o seu traje tradicional e também, se apresenta como um país com um poderoso nível de inovação e tecnologia.

Sara G.: A primeira grande imagem que é transmitida, a meu ver, é a questão do romance e da relação amorosa em si. A necessidade de ter um parceiro e viver uma relação. Depois acrescentaria ainda o fator da educação rígida, do excesso de trabalho, da hierarquia também e da obsessão por um padrão de beleza, também ele rígido.

Sara P.: Penso que já existia aqui alguma noção de que a Coreia do Sul era efetivamente um país avançado. Não é? Ou isso, ou era um bocadinho obscurecido pela Coreia do Norte, numa visão mais "lata" das coisas. Ou as pessoas faziam a visão da Coreia do Norte, ou sabiam que a Samsung e a Hyundai e assim eram as marcas que pertenciam à Coreia e que tinham uma boa reputação perto das pessoas.

Lá está, como em tudo, há este reconhecimento muito forte. E quando não há este reconhecimento muito forte, há este nível de ignorância que ainda persiste, infelizmente. De acordo com a Bruna também, todas estas referências que acabaram por migrar, desde a gastronomia aos livros aos cosméticos, também são uma grande referência na Coreia. Tudo isto partiu da Hallyu. Ou seja, tudo isto veio por consequência do entretenimento causar uma forte impressão no seu público. E, obviamente, a partir do momento em que a Coreia do Sul percebeu que poderia veicular outras coisas através

do entretenimento forte que tinha, não fez mais nada a não ser investir no seu *soft power*. E é sempre um caso muito interessante de relações internacionais e de como é que um país pode se posicionar, quase no panorama global, como uma marca. Porque a Coreia do Sul é quase uma marca. Tu tens sempre um ponto de referência. Isto é uma coisa que é marketing. É muito difícil de conseguir. Tu olhas para Portugal, tens o pastel de nata, e tens mais algumas coisas que se podem contar com a mão. Tu olhas para a Coreia do Sul e tu tens aqui um leque de coisas que são muito reconhecíveis. Um caso interessante, sempre de comparação, é nós olharmos para a Coreia do Sul e olharmos para o Japão, porque são dois casos de *soft power*. Quase que são análogos, porque o Japão também tem esta componente cultural muito forte, nomeadamente através dos animes mas, se calhar, não sai aqui muito dos animes. Mesmo sendo o Japão muito rico culturalmente e partilhando também aqui outros formatos de entretenimento. Não houve esta difusão tão grande. Houve noutras vertentes, mas não desta forma tão *mainstream*. E estão a quebrar aquilo que é o dom ocidental. Quanto à Coreia do Sul, acho que sim. A Coreia do Sul tem uma identidade muito robusta enquanto país, culturalmente, e deve-se de facto ao entretenimento e à forma como eles conseguiram partilhar e divulgar o entretenimento da forma inteligente como o fizeram.

Quais são, para si, as justificações para esta disseminação global e reconfiguração desta identidade?

Ana: A disseminação global da identidade cultural sul-coreana pode ser atribuída a vários fatores interligados. O governo sul-coreano tem investido fortemente na promoção da cultura nacional através da chamada "onda coreana" ou Hallyu, financiando produções culturais, criando estratégias de marketing internacional e desenvolvendo infraestruturas para apoiar a indústria criativa. A indústria de entretenimento sul-coreana é conhecida pela sua elevada qualidade em música, cinema e televisão. A combinação de histórias envolventes, estética visual refinada e inovação tecnológica atrai audiências internacionais. Além disso, os K-dramas e as músicas sul-coreanas abordam temas universais, mas oferecem uma perspetiva cultural e identitária

únicas. Isso permite que o público global se identifique com as histórias e, ao mesmo tempo, conheça a cultura coreana.

Para além disso, posso apontar o uso estratégico das redes sociais, a base de fãs global do K-Pop, a moda e os produtos de beleza como fundamentais na promoção da indústria sul-coreana.

Bruna: Foi graças a várias plataformas e sites e o YouTube e várias coisas e nós passamos a conhecer mais, e também Instagram e TikTok, porque as coisas espalham-se muito mais facilmente. E, para mim, a internet foi o foco disso tudo para começar a mostrar. Claro que, depois, as pessoas podem ver e não receber bem. E, se calhar, recebem bem muito pelo que a Sara estava a dizer- porque há eventos, há coisas a falar, há pessoas a investir nisto para os vídeos serem um produto, o que está a ser vendido, e é muito dinheiro investido nisso. Mas, para além da internet, eu vejo isto como o que permitiu, se calhar também foi um bocadinho de sorte misturado com o trabalho, no sentido de ser preciso haver um hit, um boom, um trabalho principal. Neste caso, por exemplo, acho que na música foram os BTS que foram mais reconhecidos.

Sobretudo, este Boom tem que acontecer nos Estados Unidos, infelizmente, porque se acontecer nos Estados Unidos, o resto do mundo vai saber, e foi isto que aconteceu com os BTS, e hoje, se calhar, no país mais pequeno, eles são conhecidos porque espalharam-se a partir daí. Nos filmes, por exemplo, acho que os Parasitas, porque ganharam os 4 Oscars, e as pessoas acabavam por ver o filme não porque ele era coreano, mas porque foi um filme que ganhou Oscars, e passaram a conhecer esse filme- “olha, tem aqui na Netflix uma coisa coreana, gostei do filme, vou ver isso, se calhar também vou gostar”. Ou seja, acho que foram estes hits, estas mini explosões que aconteceram, e lá está, pode ter sido muito trabalho, e foi muito trabalho, mas também pode ter sido sorte de uma música ser um boom e as outras não. Mas depois, claro, tudo isto aliado ao trabalho que o governo põe, que as embaixadas fazem para mostrar e para ligar as pessoas com a cultura mesmo. Mas o meu pensamento inicial foi a internet, isto foi disseminado por causa da internet.

Maria: A ascensão do K-pop, com grupos como BTS e BLACKPINK, desempenhou um papel crucial na promoção da cultura sul-coreana no exterior. As músicas cativantes, coreografias elaboradas e o uso das redes sociais amplificaram a visibilidade global. Novelas e dramas sul-coreanos, como "Descendants of the Sun" e "Squid Game", conquistaram audiências internacionais e transmitiram valores, a cultura e o estilo de vida sul-coreanos a um público mais amplo. Reforço apenas o papel das redes sociais e das plataformas de media, que facilitam o acesso aos conteúdos e auxiliam na disseminação da informação.

Sara G.: Acredito que maioritariamente este aumento foi desejado para ter uma repercussão económica favorável para o país sem dúvida. Mas deduzo que exista uma componente relacionada com a propagação da cultura, porque consideram o seu modo de vida exemplar e querem mostrar esse sucesso.

Sara P.: Eu acho que isto acaba por ser um bocadinho um tema complexo, porque não podemos dizer “ah, eles fizeram esta coisa e resultou para isto tudo”. Foram várias coisas, não é? E houve também quase uma coisa que aconteceu na Coreia que não aconteceu em vários países, que foi a “standartização” da indústria cultural.

Isto reflete-se numa coisa, que é o sistema dos idols, o sistema de criação do grupo, o sistema dos trainees. Isto é só um exemplo, um mecanismo, que foi utilizado para gerar aqui uma quantidade de talento e gerar aqui um produto final. Os grupos musicais, que depois pudessem ser comercializados com os valores que a Coreia conseguiu reunir nos seus conteúdos, tanto na música como nos filmes, porque por vezes são uma mescla, não é? Aqui há um “bibim”, como eles gostam de dizer, um “bibim” de valores coreanos com valores universais. Há bastante literatura sobre isso e sobre a forma como acabam por ser conteúdos da Coreia do Sul, mas conseguem apelar ao nosso sentido humano.

E isso é muito importante- acho que isso foi o trigger, o disparo da forma como os conteúdos acabaram por se disseminar globalmente. E depois, para além desse fator- que é um fator muito identificável, pelo menos para mim, que estudei isso a profundo-

o empenho do governo é denotável. É uma coisa que nós conseguimos percepcionar com muita facilidade. E isso até a nível micro no nosso país, porque nós, se pensarmos numa embaixada, às vezes não estamos com tanta atenção às atividades de uma embaixada qualquer, porque não há esse contacto. Uma embaixada, se calhar, para alguns países pode ser uma coisa muito administrativa, enquanto que a Embaixada da Coreia do Sul é extremamente dinâmica e proactiva na promoção daquilo que o país é, e na cultura e de partilhar e de criar eventos, tal como a Bruna disse. Há muito esta intenção deles e este trabalho deles de aproximarem as pessoas à cultura coreana e depois isto, obviamente, traduz-se numa maior abertura das pessoas, que veem o seu interesse e o seu investimento na Coreia do Sul a ser refletido. Se dizem, “olha, vem aprender a cozinhar um prato coreano”, “olha, vem aprender a falar coreano”. Se nós tivermos estes lembretes, e se nós já tivermos um bocadinho de interesse pela Coreia do Sul, já temos mais. “Olha, assim, porque não? Porque é que não vou experimentar?”, enquanto que outros países não têm esta desenvoltura. Então, eu acho que estes são dois exemplos muito diferentes, de vertentes se calhar muito diferentes, mas que acabam por explicar que há um esforço consciente e contínuo da Coreia do Sul em manter esta identidade de que nós falamos.

Como sente que o consumo desta indústria sul-coreana mudou as suas perspetivas e identidade pessoal?

Ana: Desde o meu primeiro contacto com a cultura sul-coreana que esta tem vindo a tornar-se um ponto cada vez mais fulcral na minha vida. Começou por ser apenas um novo gosto musical, gastronómico e cinematográfico e hoje em dia é inclusivamente uma fonte de rendimentos. Através do contacto cada vez mais frequente e diário, dei por mim a direcionar o meu negócio de artesanato familiar, a Aurora (@aurora_craftz), para um novo nicho que me atraía muito e que me era fortemente requisitado pelos meus clientes: a cultura sul-coreana.

Mais tarde, com o aumento da procura de eventos relacionados com a cultura sul-coreana, dei por mim a criar uma organização de eventos, baseada no Porto, com esse

fim: disseminar, dar a conhecer e unir todos aqueles que gostam da cultura coreana nas suas mais variadas expressões. Foi assim que nasceu a Hamkke Crew (@hamkkecrew.events), cujo nome significa exatamente “equipa unida” e sendo o nosso slogan “united by k-pop”.

Bruna: Eu acho que a Coreia, a cultura coreana e todo o conteúdo que eu consumo e produzo mudou-me muito. A Bruna que eu conhecia, que existia antes do K-Pop, digamos assim, acho que isto me tornou mais culta, mais interessante, com mais histórias para contar sobre as aventuras que eu vivi na Coreia. E isto só aconteceu, porque lá em 2016 conheci uma bandinha que era super diferente e com cabelos coloridos.

E, sem saber, um dia mergulhei nesse mundo e também acho que sou mais curiosa, mais tolerante, seja a culturas, a opiniões, a coisas que as outras culturas fazem e que eu antigamente dizia, “porque é que estás a fazer isso? Tipo, que raio é isso?” E depois eu digo, “ah ok, a cultura teológica é assim. Que engraçado”. Ou seja, de mente muito mais aberta.

Acho que mergulhar na cultura coreana tornou-me melhor pessoa. Sem dúvida. Sem dúvida que eu sou a melhor, mais culta, de mente mais aberta e tenho muito para contar. E não me imagino hoje em dia, não imagino o meu dia a dia sem alguma influência coreana.

Maria: A popularidade do K-pop e dos dramas sul-coreanos tem promovido uma maior apreciação pela cultura sul-coreana, incentivando o respeito e a curiosidade em relação a culturas diferentes. Para muitas pessoas, especialmente aquelas de origem asiática, a crescente presença da cultura sul-coreana pode ajudar a reforçar a sua identidade, oferecendo representatividade que pode ter sido ausente em outras medias. A influência das tendências de moda e beleza sulcoreanas pode alterar a forma como as pessoas se vestem e se apresentam, moldando suas identidades pessoais e sociais. O consumo de produtos culturais sul-coreanos pode desafiar estereótipos negativos e

preconceitos, promovendo uma visão mais complexa e positiva da Coreia e dos seus cidadãos.

Sara G.: Primeiro de tudo, elevou os meus padrões de homem ideal, porque o que vemos atrás dos ecrãs são sempre homens perfeitos, autênticos cavalheiros e perfeitos exemplares do ser humano. Depois fez-me perceber que nunca estamos demasiado cansados para conquistar o que queremos, o facto de eles trabalharem muito para conseguirem alcançar o sucesso individual, motiva-me a tentar reproduzir na minha vida o mesmo ideal.

Sara P.: Eu acho que vou muito de acordo com isto que a Bruna disse, porque acho que todos os fãs que se imersam na cultura coreana conhecem o antes e o pós Coreia do Sul. Porque acho que nos dá essa flexibilidade, esta curiosidade muito grande por saber mais acerca do mundo, que depois acaba por nos caracterizar enquanto pessoas. Ou seja, há quem fique muito, “ah, só a Coreia, Coreia, Coreia”. Mas há quem, a partir da Coreia, consiga expandir a sua visão do mundo e eu acho que isto aconteceu muito porque as pessoas tomavam aquele dito fantástico de “porque é que tu estás a ouvir se não entendes?”. Eu acho que a música é uma coisa que não se precisa de entender, tal como às vezes tu não entendes um quadro ou tal como às vezes não entendes um filme. Desde que gostes, desde que tu sintas que te comunica algo e que isso reflete os seus valores, quem tu és ou a forma como tu vês o mundo, é o que basta. E acho que isso me levou a ter esta membrana flexível de consumir, lá está, diferentes culturas, diferentes produtos de entretenimento de outros países. Dessa forma, eu às vezes acho que é um bocadinho engraçado ir à minha biblioteca de música porque as pessoas dizem “mas tu tens aqui uma música árabe. Mas tu tens aqui uma música que é albania. Tu sabes falar árabe?”. Não. “Tu sabes falar albanês?”. Não, mas eu gosto da música. Estão a perceber? Às vezes as pessoas acham um bocadinho descabido, mas eu acho que ganhamos muito esta abertura à diversidade cultural que é muito importante, cada vez mais importante nos dias de hoje. Portanto, acho que esse foi um dos aspectos mais positivos da minha experiência enquanto fã.

E depois, dos aspectos mais negativos, se calhar, quando eu comecei a gostar da Coreia, eu tinha certos comportamentos que eu repetia que vinham dos K-Dramas, que era influenciada por aquilo que eu via, e era um bocadinho de género descontextualizado- as pessoas ficavam um bocadinho a olhar para mim, “porque é que estás a vir de máscara para a escola?”. Ainda não havia Covid nem nada e eu ia com aquela máscara do Chanyeol que tinha a cara de ursinho para a escola. E as pessoas ficavam a olhar para mim e diziam “mas o que é que tu estás a fazer?”. E eu sentia-me super especial, porque dizia “vocês não entendem”. Era muito descontextualizado- a máscara facial, para eles, tinha outro contexto e outra utilização que eu não lhes estava a dar naquela altura. Mas eu acho que isso também foi um aspecto positivo, porque depois também tocou na minha própria sensibilidade cultural e na forma como eu me relaciono com outras culturas, fazendo parte do grupo. A maioria de nós que fazemos, somos portuguesas, somos “hetero majority” e é muito importante desenvolver esse tipo de tato, de perceber que tens de te relacionar com essas culturas e tens de te educar de maneira a poderes apreciá-las com respeito, que é uma coisa muito importante. Portanto, no dia de hoje, acho que não há uma pequena parte do meu dia ou um pequeno momento do meu dia que não seja influenciado pela Coreia. Até posso não ser eu, pode ser uma pessoa- “vi um filme coreano, podes me dizer se um produto coreano é bom? Fui ao restaurante coreano”. Já eu própria sou uma referência da Coreia e nós, enquanto fãs, acabamos por nos tornar também um bocadinho embaixadoras, porque passamos a ser quase “a pessoa da Coreia”. E isso também é muito visível no Instagram, quando fazemos a partilha dos conteúdos. Portanto sim, acho que foi uma inserção muito interessante e muito útil no desenvolvimento da minha personalidade e do meu carácter enquanto pessoa.

Uma coisa muito interessante que também pode ser colocada nesta parte é este sentimento de comunidade, porque as amigas que eu fiz por causa destas pequenas referências- ou seja, uma das minhas melhores amigas vive na Madeira, eu conheci-a em mestrado e eu comecei a falar com ela porque eu tinha uma capa dotada dos BT21- agora, somos as melhores amigas de sempre. Este tipo de comunidade, este tipo de reconhecimento, acho que pessoalmente também passa a ser uma coisa muito positiva,

porque, às vezes, tu até podes ter dificuldade em fazer amizades ou em abrir-te mais a pessoas e a dar-te com pessoas e, se tu tiveres este ponto em comum, é muito fácil, porque tu sabes exatamente o que podes esperar daquela pessoa ela gostar ou desta banda ou daquela, podem falar disso, não podem falar daquilo e este sentimento de amizade e de comunidade acho que também é uma coisa muito positiva que entrou na minha vida, a partir do momento em que eu comecei a ser fã de K-Pop.

Parte 3. Abordagem do cinema sul-coreano e da *K-wave*

Como acha que a *K-wave*, especialmente no cinema, veio moldar os comportamentos e a forma de pensar dos consumidores?

Ana: A K-wave, especialmente no cinema, moldou os comportamentos e a forma de pensar dos consumidores ao diversificar as suas preferências culturais e introduzir novos estilos narrativos e estéticos. Filmes sul-coreanos, com as suas narrativas inovadoras e alta qualidade de produção, elevaram as expectativas dos espectadores e influenciaram a apreciação por produções cinematográficas globais. Além disso, esses filmes abordam questões sociais e culturais que estimulam reflexões sobre temas semelhantes em outras culturas. A popularidade do cinema sul-coreano também impulsionou o consumo de outros produtos culturais da Coreia, como música e moda, e fomentou a criação de comunidades internacionais de fãs, conectando pessoas através de interesses culturais comuns.

Bruna: Eu acho que, também se calhar um bocado indo no que eu já disse há bocado, foi mesmo estarem abertos para conhecer culturas novas, porque estás a ver uma coisa nova e abres um bocadinho os teus horizontes para perceber porque é que eles fazem isto desta maneira ou daquela, e as pessoas tornam-se mais curiosas para explorar mais aspetos. Por exemplo, eu vejo um drama e eles estão a comer qualquer coisa. “Olha, vou procurar um restaurante coreano, porque até me apetecia experimentar o que eles estão a comer”. Outra coisa que eu noto muito também são as viagens, porque há cada vez mais portugueses, sobretudo neste caso, a quererem viajar para a Coreia do Sul para

conhecer o sítio que só vêem nos filmes e nos dramas. Para mim, o foco é um bocadinho desse. Esta parte da cultura que veem através dos filmes e dos dramas torna as pessoas cada vez mais curiosas e de mente aberta.

Maria: A popularidade de filmes e séries coreanas, como "Parasita" e "Squid Game", trouxe uma nova onda de interesse pela cultura coreana. Os consumidores estão mais propensos a explorar outros aspectos dessa cultura, incluindo música (K-pop), moda e culinária. O estilo visual e as narrativas complexas dos filmes e dramas coreanos muitas vezes contrastam com as produções ocidentais, o que pode levar os consumidores a quererem experienciar narrativas novas. O estilo de moda e as rotinas de beleza apresentadas em produções coreanas também influenciam os consumidores. Muitos portugueses começaram a adotar tendências da K-fashion e práticas de cuidados com a pele populares na Coreia do Sul. A K-wave pode ter contribuído para uma maior abertura e apreciação por culturas diferentes em Portugal. Isso pode resultar em uma maior aceitação de produtos e serviços de origem estrangeira, além de influenciar a forma como os consumidores percebem a globalização.

Sara G.: Não sei se será uma perspetiva global, mas acredito que sim, mas falando mais especificamente do povo português, existe um choque cultural muito grande, entre a nossa cultura e a cultura coreana. Portanto eu acho que a curiosidade leva-nos a querer ver mais, saber mais e depois consequentemente acabamos por refletir sobre diferenças e ressignificar alguns conceitos e algumas vivências nossas.

Sara P.: Eu tenho um caso muito interessante de uma prima minha que, se não houver esta procura, este interesse ativo de, por exemplo, ir visitar ou de conhecer realmente a realidade do país, há coisas que depois até se podem um bocadinho quase que infiltrar no dia-a-dia. Porque ela consome muitos K-Dramas (ela só vê K-Dramas, ela não é ligada muito a outras coisas) mas ela gosta muito das “novelas coreanas”. Então, eu tenho notado e ela também me tem dito “ai, elas vestem-se assim tão chiques tão bem, tem aquela maquilhagem um bocadinho mais simples”. Ou seja, coisas que ela vê, não é?

Que são coisas que lhe agradam e que eu vejo que ela também começa um bocadinho a incutir no seu comportamento do dia-a-dia. Até a utilização de produtos das maquilhagens coreanas: “olha, queria comprar um tinte, queria comprar uma daquelas cushions”... lá está, não há esta conexão mais profunda com o país de “olha, eu quero ir conhecer”, mas é esta conexão de, “olha, eu gosto”. É um bocadinho estético e superficial, porque ela está um bocadinho a escolher, mas é o tipo diferente de conexões que as pessoas podem ter com os conteúdos que observam. Portanto, acho que pode haver esta dimensão muito rica de “eu gosto mesmo destes conteúdos e quero ir conhecer a realidade quero ir ver onde foram feitos e quero perceber o contexto de *big picture* disto que eu estou a ver aqui”, e este consumo mais mínimo- “olha, ela veste-se bem, isso aqui parece bem”. Pronto, também é uma forma válida de nos relacionarmos com a cultura, se não passarmos, por ventura, nenhuma barreira saudável de queremos fazer cirurgias para ficar coreanos, não é? O caro exemplo do Oli London, que faz aqui um bocadinho de sombra, mas que há estes dois tipos de conexão, que as pessoas conseguem fazer com aquilo que veem e que acabam por valorizar aspectos diferentes daquilo que o entretenimento oferece no fim do dia.

Que tipo de evolução cultural consegue perceber na cinematografia da Coreia do Sul?

Ana: Na diversidade temática e a experimentação com diferentes géneros têm ampliado o alcance dos filmes sul-coreanos, que agora incluem thrillers, comédias e ficção científica. As narrativas tornaram-se mais complexas, com enredos multilayer e desenvolvimento de personagens aprofundado. Há também uma maior exploração de questões sociais e políticas, como desigualdade e corrupção, refletindo uma abordagem crítica da sociedade coreana. Esteticamente, os filmes sul-coreanos destacam-se pela alta qualidade técnica e inovação, utilizando efeitos visuais sofisticados e design de produção avançado.

Também o reconhecimento internacional, evidenciado por prêmios como o Oscar para "Parasite", e a influência da cultura pop, incluindo o K-pop, marcam esta evolução.

Bruna: Eu como não tenho muito conhecimento em cinematografia, e mesmo como não comecei assim há tanto tempo a ver, por exemplo vejo pouquíssimos K-Dramas e comecei por causa do K-Pop e, muitas vezes, sou muito limitada, porque às vezes enerva-me o *plot twist*. Quer dizer, o *plot twist* não é o que me enerva, o que me enerva é o próprio drama que existe lá. Eu não gosto das novelas, digamos assim. Eu vou muito para séries que são mais reais, tipo policiais ou de mistério, e a parte do drama é um drama para mim. Portanto, não tenho muito conhecimento nisso e na parte dos filmes, gosto de ver muitos filmes, mas vejo mais filmes históricos. Portanto, o que eu vou dizer aqui é a evolução que eu noto. Foi o que eu disse há bocadinho, eu acho que cada vez menos há este “tocar” no tradicional, os filmes modernos são cada vez mais modernos e um pouquinho menos tradicionais e históricos. Dramas sim, acho que há muitos dramas históricos que continuam a sair, mas quando eu procuro filmes, os filmes históricos que encontro são todos antigos, com menor qualidade de filmagens e assim, portanto, com a minha falta de conhecimento nesta área, o que eu vou dizer é, o que eu noto na evolução é mesmo uma modernização, de ponto de vista de uma maneira muito simples.

Sara G.: Enquanto expectadora assídua de dramas coreanos, o que eu verifico mais, e atenção que comecei a ver este tipo de dramas em 2020, ou seja, é uma linha temporal relativamente curta, é que tem aumentado a liberdade de expor determinadas situações. Quer elas sejam críticas sobre a sociedade ou sobre as problemáticas locais, como por exemplo o ensino, o suicídio, entre outros, ou seja, exploram mais a fundo questões que podiam ser um tabu maior anteriormente. E nas cenas românticas, já dá para perceber que são mostrados mais detalhes, num caso concreto, uma demonstração de afeto que antes era um beijinho rápido, hoje em dia, em muitos dramas, já se nota um maior envolvimento físico do casal (ainda com muita limitação em relação aos americanos por exemplo, mas ainda assim, com uma evolução).

Sara P.: Eu acho que faz falta até explorarem um bocadinho essa parte da cinematografia histórica porque, tal como nós Portugal, nós temos muitos episódios

históricos que dariam filmes incríveis e não exploramos esse tipo de temas. Porque se calhar, não sei se isto que eu gostaria de dizer está correto, mas acho que também a Coreia do Sul pode até ter um bocadinho uma relação contenciosa com a sua própria história, tal como nós temos em Portugal. E uma coisa que me choca um bocadinho é, por exemplo, a falta de exploração da história das Mulheres de Conforto. Eu acho que este tema das Mulheres de Conforto devia ser explorado, devia ser gritado e as pessoas deviam saber todas que isto aconteceu, não é? Porque, juro-vos, quando eu percebi, pronto, academicamente, que isto tudo tinha sido uma realidade, é um bocadinho triste, porque nós estamos sempre enfiados um bocadinho na história ocidental e nós não sabemos dessas outras coisas que se passam nos outros países, que são de muita, extrema relevância para a humanidade e para a forma como acontecimentos que nós pensamos que conhecemos na palma da mão, que são as Guerras Mundiais e etc. Como é que esses tipos de acontecimentos que nós vivemos aqui afetam outras partes do mundo, pronto, entristeceu-me um bocadinho. Um documentário que eu consegui ver com os meus colegas e que nós tivemos que ver para uma cadeira de mestrado, nós conseguimos encontrar na Apple TV, tivemos de alugar... foi toda uma organização quase paramilitar para conseguir ver um documentário sobre este tema. E mesmo documentários históricos, que é uma coisa que me interessa muito, eu adoro documentários históricos. Gostava muito, muito, muito que houvesse mais documentários históricos. Sei que o Japão tem muitos, e na Netflix há muitos documentários históricos sobre o Japão, e sobre a Coreia não há assim tantos. Portanto, este tema da história, acho que sim, que é uma parte deles muito importante, até porque, se calhar, colmatar esse espaço ia impedir que as pessoas idealizassem a Coreia ao ponto de pensar que é o país mais perfeito do mundo. Não é, tal como nenhum país é, porque tem os seus problemas, tem as suas realidades sociais, e era muito importante que essas realidades também fossem introduzidas a certas pessoas que ficam um bocadinho obcecadas com a Coreia. Noutro sentido, eu acho que a evolução cultural cinematográfica na Coreia do Sul se conseguiu perceber, sobretudo, a meu ver, nos dramas, porque, como a Bruna também disse muito bem, há aqueles dramas que são muito lovey-dovey, muito touchy, muito mel... Eu lembro-me do primeiro drama que eu

vi, que se chamava You Came From The Stars- que foi também um sucesso na Coreia na altura- e eu acho que eu só consegui ver aquele drama uma vez, porque a Sara de 2014, 2013 (não sei quando é que o drama saiu), se a Sara de hoje fosse tentar ver aquilo, eu enervava-me nos primeiros 15 minutos. Havia esse exagero e até essa excentricidade- até a própria edição dos dramas era um bocadinho diferente. Agora aqui mais em termos técnicos de cinematografia, até a edição era um bocadinho diferente. Eu e a minha melhor amiga, lembro-me de estarmos a ver Tempted uma vez juntas na residência também (víamos sempre o episódio juntas, todos os dias), e aquelas edições do fim, deles parados a olhar um para o outro, da pessoa que ia atropelar a outra, e depois o brilhante, e depois a música... Nuns dramas ainda acontece, nos outros acho que houve uma redução, houve assim um tome down, houve assim um “vamos tirar daqui um bocadinho”, mas sim, ainda acontece, mas acho que é muito menos, e que na altura era muito mais perceptível. Mas pronto, acho que, na edição, eles souberam fazer um bocadinho esse strip, essa redução- tornaram-se um bocadinho mais sofisticados-, e depois, em termos de evolução de temas, eu acho que também deram um passo muito grande. Porque lá está, na altura, nós víamos uma predominância maior desses temas das novelas, do soap opera, do drama, da pessoa rica, da família rica... e depois, passamos a ter, se calhar, esses cenários, mas passamos a ter esses cenários, mas explorados de uma forma um bocadinho mais negra e depois passamos a ter mesmo séries que exploram realidades mesmo maduras. Há o exemplo do meu K-Drama favorito de sempre, que é D.P., e D.P. fala sobre a polícia militar, não é? A polícia que vem de trás dos desertores, porquê? Porque há uma taxa muito grande de desertores no Exército da Coreia do Sul, porque há uma taxa de suicídio muito grande no Exército da Coreia do Sul, e porquê que isto acontece? Esta realidade de que há um problema nesta parte do país, não é uma coisa que as pessoas saibam comumente. As pessoas não pensam na Coreia do Sul e não pensam no Exército da Coreia do Sul, dos problemas que o Exército da Coreia do Sul tem. Mas é uma realidade que nos é apresentada através destes dramas, que escava um bocadinho mais este fosso de quase sensibilizar as pessoas. Eu acho que isso é um passo muito importante que eles deram, e acho que a evolução temática que nós conseguimos observar, acabou por enriquecer mais a

cinematografia. Do resto do cinema, eu acho que o cinema coreano sempre fez um bocadinho aquilo que lhe deu na gana, como continuamos a ter as comédias mais hilárias de sempre, não é? Aquelas comédias, aquelas rom-coms fantásticas no cenário tipicamente coreano, continuamos a ter cinema de autor que é quase impossível pôr uma categoria nos cinemas de autor, não é? Acho que eles sempre tiveram uma identidade muito forte, em si sempre tiveram um cinema muito forte e cada realizador faz o seu caminho e trabalha os seus temas e tem o destaque que têm entidades prestigiadas do mundo ocidental, o que é um bom indicador, mas não é um indicador suficiente e não é um indicador que as pessoas deviam procurar para saber se algo é bom. Portanto, é isso.

Que estratégias de comunicação considera que têm feito o cinema sul-coreano ascender mundialmente – e em Portugal e no Porto?

Ana: Na participação e reconhecimento em festivais internacionais e prêmios, como o Oscar, aumentaram a visibilidade global. Parcerias com plataformas de streaming, como Netflix, facilitaram o acesso a esses filmes. Estratégias de marketing, campanhas nas redes sociais e a colaboração com influenciadores têm gerado grande interesse. Em Portugal, exibições especiais e festivais dedicados, como o Festival de Cinema Coreano, ajudam a promover o cinema sul-coreano localmente. A disponibilidade de legendas e dublagens em português também facilita o acesso. Além disso, a presença ativa de comunidades de fãs contribui para a disseminação e promoção desses filmes.

Bruna: Antes de mencionar Portugal, mas já mencionei, eu acho que o cinema também passou a ter mais visualizações, digamos assim porque, isto sem querer ser cliché ou dizer que o K-Pop é o ouro da Coreia, mas aliar, por exemplo, artistas que são, como estávamos por acaso a falar há um bocado, artistas de K-pop, de música em geral, que passam a ser atores ou atores que lancem uma música ou então uma música de uma banda que seja soundtrack de um OST, de um filme, de um drama, acho que isso ajuda muito e eu falo por experiência própria porque eu vejo muitos filmes se eu gostar dos atores. Se houver uma pessoa que me inspira muito a confiança, eu já nem quero ver

aquilo porque já sei que gosto da maneira daquele ator, daquela atriz. Então, acho que puxa muito por aí, porque partindo do princípio que eu já gosto de algum ídolo, de alguma banda, de alguma música e que eu sei que vou poder vê-los noutra registro, isso acho que puxa muito.

Agora, mais especificamente em Portugal, e eu aqui tenho que mencionar a Embaixada, isto mais uma vez é pela minha experiência, porque o que eles fazem é ajudar muito na divulgação e especificamente aqui em filmes. Quando há filmes coreanos, atenção, quando eu digo filmes coreanos podem ser ou não de diretores coreanos, podem ter atores coreanos e não serem filmes feitos na Coreia, por exemplo. A Embaixada, se esses filmes virem a passar em algum cinema em Portugal, sobretudo em Lisboa, muitas vezes é só em Lisboa, há outros que se espalham pelo país, a Embaixada vai divulgar e agora mais especificamente, talvez para quem não souber, a Embaixada tem um grupo de repórteres voluntários que são selecionados todos os anos e ela convida estes repórteres para irem assistir os filmes e os repórteres depois fazem um reel, fazem um post, fazem stories, por exemplo, no momento em que lá estão, falam-se sobre a história, dizem quem são os atores, os diretores, e isto em Portugal, eu acho que ajuda muito na divulgação para além das páginas, por exemplo, do Instagram, que falam sobre a cultura coreana, eu acho que também ajudam a divulgar isto em Portugal, porque nós somos um país pequenino, não há ainda assim muita, muita, muita gente a falar, não há canais que divulguem muito, portanto, os pouquinhos que há, divulgam sempre e eu acho que a Embaixada faz muito bom trabalho nisso porque eles incentivam-nos, eles avisam quando vai haver e incentivam-nos a ir para os repórteres irem e divulgarem isto.

Em Portugal, acho que em relação ao cinema, sobretudo, eu, por exemplo, fui ao cinema uma vez em Braga, ver um filme que lá estava. Não era de um diretor coreano, mas era com atores coreanos, e fui ver ao cinema e estive sozinha na sala. Ou seja, muitas vezes, acho que não é que não haja divulgação, muitas vezes não há interesse, sobretudo na área, tipo, era uma segunda-feira em Braga, não há assim tanta gente que tenha

interesse e não quer dizer que não esteja a ser divulgado. Mas pronto, é isso. Em Portugal acho que é isso.

Maria: A produção de filmes na Coreia do Sul tem se destacado pela alta qualidade técnica, incluindo cinematografia, edição e design de som. Os cineastas têm explorado uma ampla gama de gêneros e estilos cinematográficos, desde dramas intensos até thrillers e comédias, sempre com roteiros originais e marcantes, o que tem atraído muito os públicos mundiais. A participação em festivais de cinema internacionais, como o Festival de Cannes, onde filmes sul-coreanos ganharam prêmios importantes, ajuda a aumentar a visibilidade e o prestígio dos cineastas sul-coreanos. E, mais uma vez, as redes sociais. O uso eficaz das redes sociais e plataformas digitais tem facilitado a divulgação de filmes sul-coreanos para um público global.

Sara G.: A publicidade dos canais de transmissão e as redes sociais sem dúvida. Nos últimos 2 anos noto um aumento de páginas portuguesas com criação de conteúdo sobre a cultura sul coreana. Sejam elas comunidades de fãs, contas de influencers ou criadoras de conteúdo (como a minha).

Sara P.: Acho que efetivamente, enquanto o K-Pop foi um produtor recebido mais facilmente, eu penso que o cinema, tal como a literatura, é uma coisa que demora mais um bocadinho a chegar. Porque não é tão instantâneo como a música, ou como gostar de uma banda e conseguir acompanhar, porque lá está, tens essa ajuda da legenda, essa ajuda de ser online, ou seja, é uma coisa que está sempre alcançável.

Quando tu estás a consumir formatos um bocadinho mais complexos como o cinema, como um livro, já há alguns livros de autores coreanos que passaram para a cultura popular, também em Portugal, mas se falarmos, por exemplo, da poesia coreana, que é uma coisa que requer mais compreensão, mais contexto, e um esforço maior da parte do receptor, e às vezes é muito disso que se trata, quando as pessoas não têm uma ligação tão grande ao cinema. Especialmente agora, que nós estamos habituados a conteúdos de formato muito mais curto. Às vezes é um bocadinho disso que se trata.

No entanto, existe este esforço proativo da Embaixada em fazer esse tipo de divulgação. Aqui no Porto, nós vemos muitas vezes, mas é naqueles cinemas que apoiam mesmo o cinema da autora, ou que são cinemas mais clássicos, por exemplo, no Trindade, no Batalha.

Há, muitas vezes, programas dedicados, meses inteiros dedicados, por exemplo, só a um realizador coreano, ou só a um realizador japonês, ou só a um realizador da nacionalidade, mas lá está, já é uma coisa mais de niche tu conheceres o realizador e, olha, estão a fazer este programa de filmes do Parque Chernobyl na Trindade. Enquanto que os blockbusters coreanos, acho que não passam, assim, tanto para este lado quanto isso, e uma das coisas que acontece é que podes ter um blockbuster muito bom coreano, por exemplo, nós temos o caso do Train to Busan, que a gente sabe que é um excelente filme, em coreano, qual foi a ideia deles? “Ah, sim, este filme é muito bom, as pessoas gostam dele, vamos fazer uma versão ocidental, (que está a ser feita, supostamente), vamos fazer uma versão em Hollywood e vamos vender isto”. É um bocadinho absurdo, na realidade, porque vais ter de estar a traduzir um filme inteiro, e não é só as géneros, é o filme inteiro.

Mas, sim, há uma estratégia de comunicação forte da parte da Embaixada aqui. Culturalmente, também se vê aqui entrar nos meios de comunicação algumas reviews dos filmes, mas, mundialmente... eu vi este caso muito engraçado acontecer recentemente, que a própria indústria ocidental já se cola um bocadinho àquilo que é a cultura coreana para ter atenção, para ter sucesso. E isto eu reparei no caso do último filme da Marvel, que foi Deadpool vs Wolverine, e eles colaram-se ali de uma grande secção.

Eles tiveram dinheiro para uma press-tour, que aquilo foi fantástico. Quem me dera a mim, enquanto profissional de Relações Públicas, que me apresentasse o orçamento daquela press-tour. Aquilo, para mim, foi fantástico, porque eu olhava para um lado, olhava para o outro, e eu via Deadpool e Wolverine em todo lado. E eles pegaram-se ali muito na alavanca do grupo masculino, do K-Pop, que são os Stray Kids. Eles fizeram, efetivamente, uma música para o filme, estiveram com eles na Coreia, eles apareceram no music video que eles fizeram do último comeback deles, estiveram com os membros,

apareceram em inúmeros reality shows coreanos, e aquilo era uma loucura, aquilo parecia que o filme era só para a Coreia. Mas não, também foi uma forma das pessoas, tal como a Bruna disse, fazerem essa ligação: “Mas aquele grupo tem uma música e ainda estão no filme. Ah, temos de ir ver, nem que seja só para ver a música”. “Ah, mas eles aparecem no music video. Então porquê eles aparecem no music video? O que é que esta pessoa está aqui a fazer com esta?”. Este ponto de referência, em si, também não é, ah, vamos colocar porque é engraçado.

Não, isto é estratégico- é a própria indústria americana a ver um valor em aliar-se a referências culturais coreanas. Portanto, acho que tanto se funciona por um lado como para o outro neste nível mais mundial, por assim dizer. E nesta parte do blockbuster. O Cinema de autor é completamente diferente. Nós temos visto e os filmes de autor aliás, valem sempre por eles mesmos, porque ou estão sempre num Cannes, ou estão sempre num Sundance. Ou seja, nos festivais de peso do cinema, há sempre alguma coisa coreana, portanto não há melhor estratégia que essa.

Quais acredita terem sido os principais pontos que tornaram o cinema sul-coreano num fenómeno de sucesso mundial?

Ana: Primeiramente, as narrativas inovadoras e complexas, muitas vezes misturando géneros e explorando temas profundos, destacam-se pela originalidade. A alta qualidade de produção, com atenção à estética e técnicas avançadas, oferece uma experiência cinematográfica impactante. O reconhecimento em festivais internacionais e a conquista de prémios.

Além disso, as campanhas de marketing eficazes e a distribuição através de plataformas de streaming que facilitaram o acesso global.

Bruna: Olha, eu fiz aqui tópicos. O primeiro é, ao coreano ser reconhecido, aquele ponto que nós falámos em ser o boom de qualquer coisa- seja BTS, seja Gundam Style, seja Parasite-, o coreano foi reconhecido e imediatamente abriu as portas para que todos possam ver e para outras coisas agora possam ser introduzidas e ter o seu sucesso. O segundo, eu acho que a arte cinematográfica coreana e o humor coreano são muito

específicos e quem gostar, por exemplo, desse tipo de filmes, calhar não encontra este tipo de humor em outras culturas ou em outras nacionalidades, digamos assim. E o terceiro, acho que a abordagem da cultura da parte mais tradicional, que é algo diferente e torna-se interessante, também é algo único da Coreia. Porque por muito que nós, por exemplo, aqui, a nossa cultura entre aspas europeia, nós temos culturas muito parecidas aqui, mas lá, por exemplo, não se pode comparar a Coreia com o Japão, porque são completamente diferentes, os edifícios são diferentes e, portanto, se alguém quiser ver aquele estilo, aquela tradição, aquela cultura, tem que consumir conteúdo coreano. Então, acho que isso foram os principais pontos que tornaram o cinema coreano em si, que é muito específico e muito especial, digamos assim.

Maria: Como referi na pergunta anterior, acho que se deveu à ampla variedade de gêneros, incluindo drama, thriller, comédia, terror e romance, às narrativas onde frequentemente abordam questões sociais, culturais e emocionais de uma maneira que ressoa com o público global, os personagens bem desenvolvidos e multifacetados e uma cinematografia frequentemente elogiada por sua estética visual única e sofisticada. O reconhecimento internacional (em premiações globais) e a popularização do K-Pop também são fatores importantes a ter em conta.

Sara G.: A criatividade e a diferença cultural. A forma inteligente como apresentam a sua cultura. Aqui ocorre-me um exemplo muito específico, como o drama Squid Game ou Round 6, que entregou um conceito inesperado e diferente, que gerou curiosidade nos espectadores e que cativou muitos deles para conhecer mais sobre a cultura coreana, que foi o meu caso.

Sara P.: Concordo. Há estas linhas muito notáveis do porquê de os filmes começarem a ser tão conhecidos mundialmente, e era também pelos seus elementos distintivos. Havia muita teoria de que os conteúdos coreanos funcionavam bem, começaram a funcionar primeiramente bem nos países que estavam à volta da Coreia, porque refletiam valores tradicionais e valores conversionistas e toda a gente se revia. Só que,

depois, começou a haver essa propagação e essa primeira explicação caiu um bocadinho por terra e deixou de funcionar. Havia um autor muito interessante que dizia que os coreanos tinham um tacto muito específico para criar um tipo de performances que os outros países não tinham. Eles conseguem criar uma narrativa, conseguem criar um panorama cinematográfico que mistura as próprias inspirações deles com aquilo que já existe, que é a inspiração normal, não é? Tu olhares para o que é que já existe antes de fazer aquilo que vais fazer originalmente. E consegue resultar nesse tipo de traços como o humor coreano ou como o drama coreano, que também é muito reconhecível, que tem sucesso porque também apela àquilo que eu disse dos valores universais. Portanto, eu acho que é por aí.

Como vê o fenómeno do crescimento dos doramas (*K-Dramas*) nos serviços de streaming?

Ana: Plataformas como a Netflix têm facilitado o acesso a esses conteúdos, permitindo que audiências internacionais descubram e se envolvam com produções coreanas. K-dramas como "Crash Landing on You", que mistura romance e comédia, e "Squid Game", um thriller dramático com críticas sociais, exemplificam o apelo e a diversidade das narrativas, que por serem tão diversas e terem representatividade em vários géneros, acabam por arrecadar fãs com gostos completamente díspares entre si. O formato de episódios dos K-dramas, que incentiva o "binge-watching", ajuda a manter o envolvimento do público.

Bruna: Eu acho que é ótimo ver este crescimento, e realmente está a haver o crescimento, mas o meu ponto aqui é uma nota negativa porque é um crescimento, a meu ver, muito lento. Apesar de, muitas vezes, a Netflix estar cheia de coisas coreanas, tem um monte de coisas, mas são as coisas mainstream e é o que chega, e é o que nos chega. Se calhar, eu não teria noção se não tivesse, por exemplo, amigos coreanos e eu peço recomendações de acordo com os meus gostos, porque lá está, eu não gosto muito dos dramas, então eu digo "olha, dá-me um filme ou um drama assim, assim e assado". E eles dão-me uma lista e eu vou à Netflix ou a outras plataformas procurar e eu não

encontro nenhum dos filmes que eles me recomendaram. E depois eu digo, “olha, estes não há nenhum. Diz-me um que haja na Netflix”. E ele dá-me outra lista, não há nenhum. Porquê? Porque a Netflix na Coreia é diferente da Netflix em Portugal e é diferente de qualquer coisa, de qualquer outro país. E eu digo isto, por exemplo, do Prime, porque havia um reality show que eu queria ver muito no Amazon Prime e em Portugal não há. Eu sei, aquilo só existe no Prime, mas em Portugal não dá, não consigo ver. Ou seja, há este crescimento, mas só daquelas coisas muito populares que agora toda a gente sabe. Agora, um filme diferente, com um nome diferente, com um tema diferente, em Portugal as plataformas não têm muitas opções. Têm algumas, mas eu acho que este crescimento está lento. Tendo em conta a minha experiência e os filmes que os próprios coreanos recomendam, não estão acessíveis para nós. Agora, porquê? Não sei, serão coisas que são muito específicas, lá está, para o povo coreano e que a Netflix acha que não vai vender fora... Mas é assim, se está na Netflix nos países, porquê que também não pode estar aberto para nós? Ou no Prime? O do Prime até acho mais ridículo, porque eu queria ver aquele programa do Genius Kitchen, que tem o Park Seo Joon, o que fez Parasite, e... Não existe, mas existe a temporada 2, que é tipo backstage, ou eles juntam-se depois de tornar essa série para fazer não sei o quê. E isso está... Mas a primeira temporada não está, ou seja, ver a segunda, que é um bocado... Não tem a ver, não é a continuação da primeira, é tipo parte de... Eu nem vi porque não faz sentido, porque eu nem consegui ver a primeira parte. Então, qual é a lógica de conseguirem pôr a segunda e não pôrem a primeira? Portanto, eu acho que o que está disponível é bom, mas é pouco. Podia haver mais.

Maria: Com o aumento dos serviços de streaming, como Netflix, Amazon Prime Video e outros, os doramas tornaram-se mais acessíveis a um público global. As plataformas oferecem uma ampla variedade de títulos, permitindo que mais pessoas descubram esses gêneros e estilos. Os doramas têm se destacado pela sua produção de alta qualidade, com roteiros envolventes, boas atuações e uma estética visual atrativa. Mais uma vez, as redes sociais desempenham um papel crucial na promoção de doramas. Os

fãs compartilham suas opiniões, criam conteúdos e interagem uns com os outros, o que aumenta a visibilidade e atratividade desses programas.

Sara G.: É evidente o aumento do leque de opções nas principais plataformas e também maior disponibilização dos conteúdos, isto é, existem várias apps e sites onde podem ser vistos diferentes K-Dramas e ainda várias comunidades que disponibilizam traduções gratuitas e aqui temos que dar o devido mérito às comunidades brasileiras, que acabam por aumentar a nossa acessibilidade, a nós portugueses.

Sara P.: Eu acho que, sobretudo neste crescimento, denota-se uma exploração temática maior. Ou seja, já perceberam que não podem chegar à Netflix e são todas as histórias amorosas, histórias dramáticas que, para eles conseguirem ter uma oferta diversificada porque isso sempre foi o grande mote da Netflix. Eles têm, também, de começar a fundar aqui, de meter dinheiro, basicamente em temáticas coreanas diferentes e em formas diferentes de apresentar as histórias. Isso tudo nota-se, exatamente, na justaposição que existe entre os dramas lovey-dovey, os dramas policiais, webséries, thrillers e depois uma coisa que também está recentemente a entrar com muita força na Netflix, que são os reality shows coreanos. Nestes últimos anos, mais do que nunca. Portanto, eu não acredito que eles tenham dito “ah, esta é a fórmula e vai ser esta a fórmula para o resto deste investimento”.

Não, eles estão a explorar vários cantos, porque já sabem que funcionam muito bem os conteúdos, mas estão a tentar encontrar maneiras diferentes de o fazer. Umas resultam, outras falham, mas isto é muito a naturalidade da indústria cinematográfica. Agora, porque é que está a haver este investimento e porquê que está a haver esta aposta nos diferentes formatos, nos diferentes temas? Porque, efetivamente, as pessoas estão a consumir, as pessoas consomem K-dramas.

Há pessoas que dizem “ah, mas a Hallyu já está um bocadinho aqui na decadência, já está a enfrentar um declínio”. Não, eu acho que a Hallyu está, no fundo, a enfrentar aquilo que é uma normalização, não é? Se a cultura coreana já entrou no mainstream, já não estamos naquele pico, já estamos na normalização de nós gostamos disso, nós

consumimos isto, ou seja, já faz parte do mainstream. Então, tem sido o crescimento até agora, vai continuar a ser, tanto quanto outras coisas também já estão a chegar ou a tentar chegar a esse nível.

Por exemplo, este fenómeno que se tem visto ultimamente também das novelas turcas, agora já começam a aparecer duas ou três novelas turcas na Netflix, já começam a aparecer duas ou três novelas turcas no Disney Plus, e as pessoas dizem “não tenho que ver as novelas turcas”. As minhas tias e as minhas primas veem novelas turcas inteiras no Facebook, aquilo é uma loucura. Então, lá está, a partir do momento em que a indústria percebe que alguma coisa está a mudar, eles fazem o investimento.

E depois, se é um fake e aquilo é um par de anos e as pessoas acabam por perder o interesse, mas agora, nos K-Dramas está a ser interessante, porque estamos a ver estes vários pontos, estas várias esferas a serem exploradas. E como eu disse, há sempre um K-Drama qualquer que está super na berra durante o ano. E isso já faz parte da própria cultura sul-coreana ser aceite como uma tendência mainstream, o que é um bom indicador.

Quais as diferenças culturais mais predominantes nestas obras cinematográficas?

Como é que elas ressoam na nossa vida diária?

Ana: A etiqueta social e o comportamento, como o respeito pelos mais velhos, são frequentemente retratados, influenciando os espectadores a adotar comportamentos mais respeitosos. Os estilos de vida e a moda apresentadas, como roupas elegantes, afetam as tendências de moda globalmente. Também a culinária e a vida urbana despertam a curiosidade dos espectadores.

Bruna: Quanto a mim, em relação às diferenças culturais entre a nossa cultura e aquilo que nós vemos nos dramas e nos filmes, é tudo. Desde aquilo que eles comem, desde a maneira que falam, dos maneirismos, da cultura dos edifícios, da casa, de tudo. Acho que é tudo diferente. Mas, em relação a como é que elas influenciam a minha vida diária, se eu pegar nessa parte da ideia dos dramas, eu digo “nada” ou “quase nada” porque, pessoalmente, eu vejo isso como entretenimento. É uma coisa que eu vejo porque

gosto, para aprender coisas novas. Mas, talvez no meu dia-a-dia, isso não influencie em nada. Talvez apenas uma vontade de comprar algum produto milagroso, skincare, ou dar-me vontade de ir comer topokki. Mas fora isso, eu acho que, pessoalmente, ver dramas, não me influencia no meu cotidiano.

Maria: Acho que as diferenças culturais entre as obras cinematográficas sul-coreanas e portuguesas refletem as particularidades históricas, sociais e estéticas de cada país.

Muitas obras sul-coreanas exploram dinâmicas familiares complexas e questões de identidade, abordam muitas vezes a tensão entre as tradições e a modernidade. Além disso, o cinema sul-coreano é conhecido por seu uso inovador de gêneros, especialmente o horror e o suspense que pode refletir ansiedades sociais e políticas.

No caso português, o cinema tende a refletir sobre a história, a colonização e os traumas coletivos enquanto explora questões identitárias através do passado, exatamente por isso é que, muitas obras, têm um estilo mais introspectivo e poético.

Em termos estéticos, o estilo visual sul-coreano é geralmente vibrante, com montagens dinâmicas e uma forte atenção ao design de produção, enquanto que o português é mais minimalista.

Sara G.: Eu diria que na realidade as semelhanças são poucas. Penso que os portugueses, bem como muita população internacional evoluiu imenso nos últimos anos e notamos muita diferença na forma de agir, pensar, vestir de uma geração para a outra. Nos K-Dramas eles demonstram que grande parte dos seus costumes e valores permanecem ao longo de décadas. Como já a referi a questão da hierarquia, além de respeitar obedecer aos mais velhos, ou pessoas de posição hierárquica diferente como um chefe/patrão. Entre diversas outras questões. E como elas permanecem quase inalteradas ao longo das gerações, a nossa população atual, evoluída, sente um choque cultural elevado. A consequência disso já pode ser um processo individual, em que cada um reflete e adota algum comportamento ou altera algo na sua conduta ou rotina, face ao que aprendeu, que sentiu.

Sara P.: Eu acho que uma coisa muito notável, quando eu vejo filmes ou dramas coreanos ou o que seja, é a organização hierárquica e familiar que elas têm. Às vezes, é muito estrutural e é muito diferente daquela que nós adotamos vivendo numa sociedade ocidental. Temos dinâmicas familiares um pouco mais flexíveis, mais diferentes, mas lá está, isto é a comparação que se pode fazer com o que nós vemos, porque nós não sabemos se na realidade as famílias coreanas são efetivamente assim. No entanto, em muitos outros dramas que eu vejo, é o tipo de idealização que nos é passado. E os valores, às vezes, também são coisas que se toam completamente daquilo que nós temos como valor.

Mas não quer dizer que seja um *clash* mau, não quer dizer que esteja errado ou certo. Quer dizer que é diferente e nos faz entender que há diferentes formas de ver o mundo. E isso é muito bom. Só esta partilha faz com que depois nos consigamos educar e também ter uma visão mais abrangente do mundo.

Uma coisa que a sociedade coreana me ensinou, tanto através destes conteúdos, como quando eu estive lá em intercâmbio, é que é muito uma sociedade da coletividade muitas vezes. E isso faz muito parte das sociedades orientais, mas agora também já está a mudar um bocadinho na Coreia- de tu teres noção do teu papel para o coletivo, e teres noção de que tens de estar lá para o outro antes de estares primeiro para ti. Eu e as minhas amigas, que fomos para o intercâmbio, notamos muito isso em gestos pequenos. Por exemplo, uma das minhas novas amigas estava no autocarro na Coreia e estava muito calor. Fomos para lá em agosto e estava muito calor. E ela estava assim, mesmo ofegante, tentando ficar sem calor no autocarro porque estava muita gente junta, obviamente. E o senhor que estava ao pé dela, de pé, pegou na coisa do ar-condicionado e virou para ela, sem dizer nada. Estão a perceber? E é um gesto muito pequeno, podia ser uma daquelas coisas que a gente nem notava. Mas, se calhar, não havia discernimento de fazer isto no autocarro em Portugal. Estão a perceber? Há caso a caso, mas esta maior perceção que eles têm do cuidado com o outro é uma coisa que nós, enquanto sociedade ocidental, somos um bocadinho mais individualistas. Já mais o nosso amigo, o amigo da nossa família... estamos ali um bocadinho no cerne. Então,

acho que eles têm outra consciência social. E isso é histórico, é histórico para a parte deles, é histórico para a nossa parte. Mas acho que o encontro desses valores, as minhas experiências presenciais na Coreia do Sul, e também no entretenimento- em que, tantas vezes, nós vemos os tropas de os filhos a sacrificarem-se pelos pais ou os pais a sacrificarem-se pelos filhos-, são coisas que também nos fazem refletir dessa maneira. Portanto sim, eu costumo dizer que foi o maior presente que eu trouxe da Coreia do Sul. Acho que é a coletividade. Mas de certeza que há muitas outras coisas que se pode aprender. Este aqui é aquele que eu noto que teve mais impacto em mim.

Quando eu comecei a ver K-Dramas, e era das pessoas que repetiam muitas porções, e que estavam em casa, tipo, “Aigo!” Esse tipo de coisas. Mas é do género, “Ottoke!” Aquela que, quando tu comesças a ver os K-Dramas, naquela altura em que eras muito *blank minded*, e eras de género, “isto é mesmo fofinho! Vou sentir!” E depois, “Don't do it!” Um bocadinho dessas coisas.

Pode respeitar-se a vontade. Uma coisa que acontece muito é ouvir, e dizer “Ah, tenho um bocadinho de saudades da Coreia!” Ficar com aquele sentimento no coração. Mas, portanto, não ando aí a emular nenhum tipo de, de carácter, nem comportamento que vemos nos K-Dramas. Porque, efetivamente, é descontextualizado a sociedade em que nós vivemos, é totalmente diferente. Depois, tem repercussões a nível da própria imagem da Coreia do Sul, que não são positivas, porque nós não podemos andar por aqui a falar coreano só porque sim, ou a fazer expressões, ou a ter aqueles maneirismos coreanos... depois, as pessoas ficam a andar e dizer “Ah, isso é um bocadinho esquisito!”. É, faz parte da cultura, mas não é a nossa! E é por isso que não, não nos devemos apropriar dessa maneira. É essa a lição.

Parte 4. Impactos nos quotidianos

Que tipo de impacto o *K-pop*, *K-Dramas*, cinema sul-coreano, entre outros tiveram na sua vida diária? Pode dar exemplos de manifestações quotidianas?

Ana: Tem um impacto significativo! No meu negócio de artesanato, incorporo temas inspirados na cultura sul-coreana, criando peças que atraem clientes interessados nessa cultura. A minha equipa de organização de eventos de K-pop organiza experiências que refletem a estética dos concertos coreanos, bem como aspetos da cultura tradicional, enriquecendo os eventos que promovemos. Estou a aprender coreano, o que me permite apreciar melhor os conteúdos sul-coreanos e facilita a comunicação com fãs e parceiros. Além disso, a moda e os cuidados com a pele inspirados pelo K-pop e pelos K-dramas influenciam o meu estilo pessoal. A exposição a essas culturas também ampliou o meu interesse por temas sociais e culturais abordados nessas produções.

Bruna: eu acho que o facto de ter conhecido a Coreia mostra que eu cheguei a um ponto onde o impacto foi geral e completo. Porque desde o momento que eu acordo numa almofada dos BT21, lavo a cara e faço o skincare com produtos coreanos, tenho o kimchi no frigorífico que comi ao almoço, toda a decoração do meu quarto são com artigos coreanos, tanto K-pop como artigos tradicionais, culturais; estudo coreano diariamente; ao fim do dia, sou capaz de ver um filme ou ler um livro de um autor coreano; estou no Instagram e no YouTube a consumir e a partilhar conteúdo sobre a Coreia; quando vou trabalhar, entro no carro e a música que ouço é K-pop, porque é os CDs que eu tenho...Portanto, literalmente, desde quando eu acordo até quando eu vou dormir, eu tenho muitos, muitos pontos que me conectam com a Coreia. E, por exemplo, aquilo que estavas a dizer, de haver pequenas coisas no nosso dia-a-dia, de eu desbloquear o telemóvel e o fundo ser uma paisagem da Coreia, por exemplo, acontece comigo a toda hora, porque estou literalmente rodeada e tudo aquilo que eu faço tem a ver com a Coreia, ao fim e ao cabo. Portanto, por exemplo, o que eu disse há bocadinho dos dramas, os dramas em si não influenciam em nada, mas o fato de eu ter mergulhado nessa cultura há imenso tempo e de ter conhecido a cultura e de ter consumido a sua tradição e querer aprender mais e viver a cultura coreana, conhecer o país e tudo, hoje em dia estou num ponto que, como estávamos a dizer, a Bruna, antigamente, nunca imaginaria o que eu seria hoje. E eu hoje sou uma pessoa completamente diferente do que eu seria se eu não tivesse conhecido o K-Pop em 2016.

E pronto, o meu dia-a-dia é completamente influenciado pela cultura coreana e pelas escolhas que eu fui fazendo ao longo de todos estes anos.

Maria: O impacto do K-pop, K-Dramas e do cinema sul-coreano na minha vida diária é bastante significativo e manifesta-se de várias formas. Através do meu negócio de artesanato, uso elementos da cultura coreana, como ícones estéticos dos ídolos de K-pop e temas dos K-Dramas, para criar peças únicas. Essa inspiração motiva-me a explorar novas técnicas e estilos de ilustração, permitindo-me expressar a minha admiração pela cultura. A paixão por K-pop e cultura coreana trouxe-me um senso de comunidade. Através dos eventos que organizo, consigo reunir fãs e pessoas com interesses semelhantes, criando laços que vão além do simples consumo das obras. Isso enriquece a minha vida social e proporciona-me novas amizades. As aulas de coreano que faço também são um reflexo do impacto da cultura sul-coreana. Aprender a língua não só me permite compreender melhor as letras das músicas e os diálogos dos dramas, mas também me ajuda a conectar-me ainda mais com a cultura, o que é fundamental para o meu trabalho como ilustradora e organizadora de eventos. A influência do K-pop também se reflete no meu estilo pessoal. Muitas vezes procuro roupas e acessórios inspirados nas tendências da moda coreana, o que se tornou uma forma de auto expressão e criatividade no meu dia a dia. Assistir K-Dramas e filmes sul-coreanos tornou-se uma parte agradável da minha rotina. Eles não apenas me proporcionam entretenimento, mas também oferecem uma nova perspectiva sobre a vida e a cultura coreana, o que enriquece a minha compreensão e apreciação por essas manifestações artísticas.

Sara G.: Primeiramente tornaram-me fã do entretenimento sul coreano, sendo que consumo muito conteúdo. Atualmente assisto apenas a K-Dramas, não tenho o mesmo nível de interesse em dramas de outros países. A nível musical ouço maioritariamente K-Pop e invisto algum dinheiro aqui, sobretudo em álbuns. Portanto a nível de finanças trouxe uma despesa extra. E depois, influenciaram-me motivando-me a experimentar comidas novas (porque antes não me aventurava muito. A curiosidade de provar o que via nos dramas ajudou) e por fim fui influenciada a cuidar mais da minha pele (porque

os sul-coreanos são prós nos cuidados da pele e na prevenção dos sinais de envelhecimento).

Sara P.: A partir do momento em que tu passas de gostar só e de apreciar o entretenimento para procurar essa cultura um bocadinho mais, essa conexão um bocadinho mais profunda com a cultura e de conhecer a cultura e o país para além do *layer* superficial que nos é trazido através do entretenimento- encontras um país encantador e uma cultura encantadora e acabas por criar uma familiaridade. Sobretudo as pessoas que experienciam viver na Coreia do Sul durante algum tempo, acabam por criar uma familiaridade um bocadinho esquisita- eu estava a 11.000 km de casa, e eu sentia-me em casa. Eu sinto que, na Coreia, consegui criar o meu espaço, eu conseguia ter o meu o meu conforto (o que não é expectável, porque tu vais para um país completamente diferente, com uma língua completamente diferente e pode ser completamente diferente- não é expectável que faças isso tão facilmente). E, depois, acaba sempre por ficar um bocadinho contigo, é sempre o teu ponto de conforto- ouvir músicas coreanas, ver filmes coreanos, ler... quando crias essa conexão, todos os dias tu tens aquela pontinha, aquela invisible thread que te conecta, que já faz parte das coisas que tu fazes, porque é uma coisa que te traz conforto e que te traz familiaridade.

Uma coisa que eu faço que é muito engraçada é que eu sofro de sinusite, e sempre que eu sofro de sinusite, uma das primeiras coisas que eu faço antes de utilizar qualquer spray ou qualquer coisa é mandar vir uma sopinha de tofu e kimchi. E eu sei que aquilo vai curar-me. E porque é que eu sei isso? Porque eu tive curiosidade. Eu via as pessoas a comer do frio da gastronomia delas, nos teatros e nos cinemas; fui lá, experimentei, e depois foi uma coisa que ficou sempre comigo. Ou seja, não é não é aquela coisa de “tenho uma sinusite, vou tomar um medicamento”, mas “tenho uma sinusite, vou comer uma sopa coreana”.

Estas particularidades só nós encontramos na nossa relação com este país e com esta cultura. Depois, vão-se inculcando em nós e as decorações no quarto, que são pedacinhos que nós, da forma como nós vemos a Coreia, como nós apreciamos a Coreia,

e depois também passa a ser o contexto em que nós nos movimentamos melhor. É muito isso: quando chegou a altura de eu decidir aquilo que eu queria estudar como tese como dissertação final, escolhi aquilo que, para mim, era mais familiar. Aquilo que eu sabia, que eu percebia aquilo que eu estava dentro. Uma coisa que eu estivesse dentro que eu pudesse trazer dentro para fora era esta relação que nós temos com esta cultura e que lado negro é que existia disso. Foi isso que eu procurei estudar, porque eu consegui criar uma familiaridade com a Coreia, consegui trazer aqueles comportamentos que me ligam à Coreia no meu dia-a-dia e, depois, estava presente numa comunidade onde existia este grupo de pessoas, estes outcasts que eram obcecados com a Coreia até às pestanas e que queriam ser coreanos e que só comiam coisas coreanas. Encontrar esse meio termo e depois conseguir separar-nos de muitos e conseguir perceber que tipo de interpretação e qual é se há sequer um modo adequado de lidar com a cultura leva-nos muito a refletir sobre isso. De certa forma, a Coreia está presente no nosso dia-a-dia quase de forma inconsciente, porque já criamos essa relação. Então, acho que o impacto é diário e permanente e assim continuará a ser em muitas vertentes da nossa vida.

Anexo 3. Transcrição da Entrevista - Grupo 2

Parte 1. Representações face ao entretenimento sul-coreano

Como acha que o povo português (no Porto, especialmente) recebeu este tipo de ascensão e comercialização do entretenimento sul-coreano? Pode indicar algumas exemplificações?

Bruna: Eu diria que, assim como tudo, foi um processo. Quando eu comecei a acompanhar a indústria do cinema e do *K-pop*, gostar de músicas, *K-Dramas* e filmes de uma origem não ocidental era visto com maus olhos. Digamos que a xenofobia estava e continua a estar muito enraizada na nossa sociedade.

O nosso país, por ter uma população mais envelhecida, é lar de muita gente com ideologias retrógradas, que são passadas aos mais jovens. Tendo isso em conta, a ascensão do entretenimento sul-coreano levou o seu tempo e eu diria que ainda não atingiu o seu auge.

Sim, a comida e o cinema são bastante comentados e consumidos, principalmente nos grandes centros urbanos, mas gostar de música coreana, por exemplo, ainda é algo não tão comum. Apesar da popularidade de grupos como BTS e Blackpink, mal se ouve falar de outros artistas que, muitas vezes, produzem música que é mais do género a que a população portuguesa está habituada: ao *pop* de origem norte-americana, por exemplo.

Carolina: Apesar de ter morado no Porto durante cerca de um ano, penso que não tenha conhecimentos suficientes para analisar a perceção sentida pela comunidade face à ascensão do entretenimento sul-coreano. Contudo, e uma vez que eu já era impactada pelos produtos de *K-Pop* antes de mudar de cidade, fui capaz de reparar em novos espaços de barbecue sul-coreano, lojas e minimercados dedicados exclusivamente à venda de produtos sul-coreanos (seja alimentação ou cuidados de pele) ou, inclusivamente, espaços de bubble tea cuja música ambiente era *K-Pop*. Ainda, também notei, apesar de nunca ter participado, que o Porto era um destino bastante escolhido

para a realização de encontros de fãs da cultura sul-coreana, onde eram trocados presentes artesanais e eram criadas atividades em torno dos artistas favoritos.

Gustavo: Eu acho que pelo menos no porto, visto que é um dos sítios onde posso verificar o impacto, foi bem aceite, assim como já tínhamos lojas como a MINISO, que neste caso é mais uma diversidade de produtos e de comércio asiático, mas também lojas como os mercados asiáticos, tem um que até é conhecido por algumas pessoas no porto na zona acima da Trindade, que sempre que vou lá costuma estar com bastantes pessoas, o que é de admirar para uma loja que é relativamente pequena. Foi bem aceite pelo que pude vivenciar.

Luís: Na minha opinião, a receção por parte do público foi bastante positiva. Muitos dos consumidores do entretenimento sul-coreano ficaram satisfeitos por finalmente o mesmo ser explorado e publicitado na sua área de residência. Tivemos o exemplo de vários encontros em grupo para homenagear e discutir a cultura do *K-Pop*, e sessões de filmes, relacionados ao mesmo tópico, esgotadas.

Que tipo de repercussões, positivas ou negativas, considera que o contacto com novas realidades (através do entretenimento) traz às culturas envolvidas?

Bruna: Em termos económicos, a Coreia do Sul beneficiou e beneficia, sem qualquer dúvida, da popularização da cultura do país. Contudo, a forma como a vida por lá é representada no entretenimento não é fiel à realidade, o que leva as pessoas a idealizarem algo impossível. Diria, portanto, que existem bastantes repercussões negativas devido à disseminação de informação distorcida, mas que também existem consequências positivas, como, por exemplo, o aumento da emigração para o país em questão, que leva a que essa sociedade tenha acesso a novas ideias, assim como nós, enquanto consumidores do entretenimento por ela proporcionado.

Carolina: Acredito que o contacto com novas culturas traga sempre um impacto positivo, nem que seja para compreender o que, a nosso ver, se passa de “errado” e aprender sobre isso. A multiculturalidade é comprovadamente benéfica, e a integração de novas realidades acrescenta-nos sempre, não só porque somos forçados a sair da nossa “bolha social” e aprendemos novas práticas e costumes, como nos tornamos menos resistentes à mudança ou eventuais choques com pessoas culturalmente diferentes de nós.

Gustavo: Eu penso que neste aspeto depende muito das pessoas em específico que têm contacto com as novas culturas. Há pessoas que aceitam mais facilmente realidades diferentes, eu, por exemplo, tenho família sul-coreana, e desde pequeno que demonstrei a algumas pessoas isso, como amigos de escola e afins, alguns aceitavam facilmente, outros nem tanto. Porém penso que nos dias de hoje é mais aceite, e uma das coisas boas disso é que assim as pessoas realmente têm mais conhecimento, existe mais vendas de produtos e comidas como o caso do Kimchi, que recentemente tem sido muito usado por pessoas cá em Portugal por terem visto *K-dramas* e outros shows que mostram comidas específicas da cultura.

Outra coisa boa que acho é que até se torna mais fácil de experienciarmos a cultura, na compra de produtos, como *skincare*, provar a gastronomia, como o Kimchi que indiquei antes, e outros mais. A parte má seria mesmo o preconceito que ainda existe, mesmo que não gostem, é necessário haver respeito.

Luís: Bem, sinto que obviamente uma das repercussões mais positivas que o país da cultura exposta pode ter seria monetária. Com alta atenção do público, e exploração a nível de marketing, podem lucrar bastante e ainda apostar esse dinheiro em melhorar a mesma.

Pelo lado negativo, terei de mencionar o facto de perturbar e incomodar a vida dos habitantes dos países dos quais a cultura está em “alta”. Com tanta atenção, o turismo e atividades turísticas crescem e obviamente que isso pode afetar e perturbar o dia a dia do povo.

Parte 2. Perspetivas face à identidade cultural sul-coreana

Como acha que a identidade cultural sul-coreana se apresenta e fala com os seus recetores?

Bruna: Acredito que a representação por vezes romantizada da realidade dos sul-coreanos, fazem com que as pessoas criem expectativas muito elevadas, que no fim levam à decepção, se a pessoa que consome media coreana não se importar em fazer pesquisa e ver o que está além da superfície. Quando uma pessoa realmente interessada na cultura sul-coreana faz a sua pesquisa, percebe que a sociedade que tanto admira tem diversas falhas, devido a mentes fechadas, destacando-se os ambientes de trabalho tóxicos, o funcionamento da educação que leva adolescentes a desenvolverem problemas mentais de grande gravidade, e muitos outros aspetos. A cultura coreana, por estar a ganhar reconhecimento, apresenta-se como rica e de uma beleza incrível, encantando os seus recetores com a sua culinária, os cuidados de beleza altamente funcionais e o entretenimento de excelente qualidade, e tal é usado como escudo para esconder o que está errado no país: no entanto, como é óbvio, isso acontece com vários outros países. Isto não se trata de um caso isolado.

Carolina: Os produtos da *Hallyu* penetraram com relativa facilidade para os mercados vizinhos e, mais recentemente, ocidentais por se apresentarem de forma doce, inocente e viciante, através das melodias “pastilha elástica”, das cores brilhantes, do ar jovem e da performance sincronizada. Por serem vistos como uma lufada de ar fresco à cultura norte-americana, que detinha quase um monopólio cultural, foram mais facilmente absorvidos, a meu ver. Ainda, o diálogo com os seus alvos de comunicação é bastante mais carinhoso (do género: estamos a fazer bonita alegre para ti; estes cremes são perfeitos para ti; tens mesmo de provar este prato exótico; enquanto a comunicação americana se foca mais no “queres ser como eu”).

Gustavo: Eu acho que são verdadeiros até certos pontos, porque a cultura é muito vista com olhos de pessoas que são perfeccionistas, dá para se ver pelos standards de beleza, e também no aspeto em que toda a gente me diz que as pessoas são muito simpáticas. Eu, pelos menos, penso que isso é uma coisa comum em muitos países asiáticos, mas sim é notável que na Coreia do Sul a simpatia é elevada um pouco. Porém, isso não significa que as pessoas são totalmente simpáticas, porque (voltando ao tópico da beleza) no fundo são capazes de julgar os outros por não terem uma beleza padrão. Apresenta-se bem, mostrando os aspetos bons da cultura, o normal que um país costuma fazer a maior parte das vezes.

Luís: A identidade cultural sul-coreana, tem costume de sempre se representar com a juventude. Alta percentagem da população procura um estilo de vida para “parecer mais jovem”, não só fisicamente mas também a nível social. Desta forma, sinto que a abordagem da mesma, é perfeita principalmente para jovens. Procuram perceber e entender as novas tendências e criar sempre alguma forma de entretenimento com as mesmas incluídas.

Quais são, para si, as justificações para esta disseminação global e reconfiguração desta identidade?

Bruna: A necessidade de ver algo diferente e original, assim como o crescente respeito das pessoas mais jovens por pessoas de diferentes raças e culturas.

Carolina: A principal justificação que encontro, também baseada na minha própria pesquisa académica, é a fadiga sentida pelos produtos norte-americanos. Apesar de não estarem totalmente dissipados (inclusivamente, o pop ocidental está a viver uma era de renascimento graças do *brat summer* britânico e a *pop girlies* como Sabrina Carpenter), os produtos da *Hallyu* deram uma volta de 180º no que estávamos habituados a consumir, lutando pela economia de atenção e apresentando, sempre, produtos novos e inovadores.

Numa hipótese mais pessoal, também penso que a pandemia tenha sido um fator determinante para o *boom* da disseminação global da cultura sul-coreana. As medidas sanitárias, e respetivo confinamento obrigatório, contribuíram para que estivéssemos expostos a novos estímulos e descoberto fontes de inspiração e entretenimento novas. Nesse momento, a *Hallyu* ressurgiu... e o resto é história.

Gustavo: O entretenimento é a maior justificação. Os *K-dramas*, o *K-pop*, os *Manhwas* começaram a ser mais aceites e divulgados pelas pessoas que gostam desses tópicos ajuda muito nesse aspeto. Seja para ver realmente como a população age, quais são tópicos de interesse no país, etc.

Luís: Não há motivos para negar que a identidade cultural sul-coreana é magnífica. Não só pelo que o país em si tem para oferecer, desde história e costumes até paisagens e atividades fascinantes! Mas também pelo facto de aperfeiçoarem tudo o que produzem, desde os famosos *K-Dramas* ou *doramas*, até o tempo de treinamento que qualquer idol tem de enfrentar para ser considerado bom para debutar e se apresentar ao público.

Como sente que o consumo desta indústria sul-coreana mudou as suas perspetivas e identidade pessoal?

Bruna: Eu tive o meu primeiro contacto com esta indústria quando era adolescente, e devo dizer que é graças a ela que sou quem sou hoje: não porque vejo uma vida no seu país de origem como “perfeita”, mas porque o consumo de entretenimento sul-coreano fez com que eu abrisse os olhos para vários problemas, permitindo que eu conseguisse distinguir a ficção da realidade, e a qualidade da literatura, cinema e música fizeram de mim uma pessoa mais crítica e sábia.

Carolina: Sinto que consumir os conteúdos da Indústria do Entretenimento Sul-Coreana me abriu horizontes e permitiu estar mais permeável a conhecer novas realidades. A

barreira linguística já não é o obstáculo que antes parecia ser, e estar exposta a novos contextos fez com que arriscasse mais no meu estilo pessoal, inclusivamente.

Gustavo: A mim, não muito, simplesmente agora tenho que ter mais cuidado a quem digo que o lado da minha mãe é sul-coreano, porque agora parece que algumas pessoas vivem loucas com a ideia de conhecer alguém dessa cultura, mas de resto não mudou nada.

Luís: Sou dançarino desde os meus 4/5 anos de idade, e depois de descobrir o fenómeno mundial K-pop não só fiz amizades incríveis que levo comigo até hoje, mas também comecei a sentir e perceber que este percurso de bailarino me podia levar a algum lado e ser reconhecido! Com isto tudo, comecei a ser mais confiante e também a tentar aperfeiçoar cada vez mais essa minha trajetória artística.

Parte 3. Abordagem do cinema sul-coreano e da *K-wave*

Como acha que a *K-wave*, especialmente no cinema, veio moldar os comportamentos e a forma de pensar dos consumidores?

Bruna: Acredito que a imersão na cultura proporcionada pela *K-Wave* deu aos seus consumidores uma mente mais aberta, e mais revestida pelo respeito pela diferença.

Carolina: Posso afirmar que a *K-wave* despertou curiosidade para áreas que já pareciam não ser mutáveis. Por exemplo, os looks carregados e “cakey” foram trocados pela pele suave e brilhante; os hambúrgueres que jantamos ao fim-de-semana com amigos começam a ser substituídos por noites de ramen; as idas à discoteca começam a ter como concorrência as salas de noraebang (apesar de, cá, ainda se dizer karaoke quando nos referimos a uma sala privada). Mesmo que pareçam mudanças irrelevantes, comprovam os efeitos da disseminação da cultura sul-coreana e da *Hallyu* em vários campos sociais, económicos e culturais.

Gustavo: O *K-wave* teve um bom contributo e mau ao mesmo tempo. Penso que aumentou as expectativas do público em alguns aspetos, porque podemos dizer que muitas pessoas não andavam satisfeitas com alguns dos filmes que estavam a sair nos últimos anos, por isso, começaram a assistir mais a séries, com isso começaram a ver alguns *K-dramas* em plataformas de *streaming* e adoraram o quão clichê os romances são, o quão cheios de ação são as séries policiais e de ficção. Isso fez com que as pessoas tivessem uma “bolha” de gostos maior, porque não podemos comparar um romance americano com um romance coreano, é um pouco como se fossem categorias diferentes. No entanto, acho que, ao mesmo tempo, trouxe problemas porque as pessoas agora têm expectativas altas para filmes e séries que não são coreanos, e isso não ajuda muito na divulgação de alguns filmes e séries que destacam-se em países que a língua de fala é o inglês maioritariamente.

Luís: Fez com que as pessoas ficassem mais abertas a outras culturas e a conteúdos diferentes.

Que tipo de evolução cultural consegue perceber na cinematografia da Coreia do Sul?

Bruna: Acho que a popularização da cinematografia sul-coreana em países ocidentais fez com que as pessoas que estão por trás das produções tenham tido contacto com outras culturas, o que se refletiu através da representação de outras raças e sexualidades distintas, algo que há alguns anos seria impensável.

Carolina: Como não consumo este produto com muita frequência, não consigo detetar tendências sobre ele.

Gustavo: Uma que penso que seja notável é mesmo a diminuição no racismo e xenofobia, dá para notar em alguns *K-dramas* e *Manhwas*, que agora eles tentam implementar como se fosse uma viagem ou até focar a narrativa noutro país, o que era

uma coisa que não se notava muito até por exemplo a bomba de popularidade do *K-pop* na cultura europeia e americana.

Luís: Desde que a sua cultura ficou a ser cada vez mais consumida pelo mundo “exterior”, com certeza vemos mais representações de “estrangeiros” em todas as suas obras. Sabemos que desde sempre foi um país bastante conservador e com ideias e imagens de “beleza” bastante definidas.

Que estratégias de comunicação considera que têm feito o cinema sul-coreano ascender mundialmente – e em Portugal e no Porto?

Bruna: Não tenho a certeza, mas diria que conhecer o público alvo e adaptar a narrativa e o *marketing* de forma a apelar não só aos consumidores existentes como aos potenciais. Por exemplo, a utilização das redes sociais para a difusão de excertos de filmes e doramas tirados do contexto, mas que têm uma certa piada e podem ser usados noutras situações. Arriscaria dizer, contudo, que é a associação do cinema coreano à música coreana que fez com que este se tornasse popular. Afinal, se a música foi ganhando reconhecimento, era de se esperar que o público fosse pensar que existem outras coisas de qualidade com a mesma origem.

Carolina: Acredito não ter conhecimento suficiente para conseguir responder, infelizmente.

Gustavo: Não tenho muita certeza deste tópico, mas acho que no fundo é a base de apelo ao público. Ao aperceberem-se que têm público em países como Portugal, acabam por trazer oportunidades de podermos vivenciar concertos, *meet & greets* e mais eventos com atores e cantores de lá.

Luís: Acredito que as redes sociais tenham sido fundamentais, assim como a maior divulgação dos filmes e a criação de conteúdo há volta dos mesmos.

Quais acredita terem sido os principais pontos que tornaram o cinema sul-coreano num fenómeno de sucesso mundial?

Bruna: Acredito que os principais pontos são a inovação no que toca à forma como as histórias são contadas, assim como as histórias em si, muitas vezes críticas sociais de grande poder que tocam uma grande parte do público.

Carolina: Como na última pergunta, infelizmente, acho que não tenho o conhecimento necessário para conseguir responder.

Gustavo: O lançamento do filme *Parasite*, em 2019, ganhou um prémio, acho que foi de melhor filme do ano, fez com que muitas pessoas ficassem interessadas em ver o filme para perceber o porquê de ter recebido o prémio... assim como o confinamento em 2020, acho que são as duas coisas que podem ter feito isso.

Luís: A sua perfeição na preparação de filmes, a níveis visuais e de interpretação, abriram caminho para um cinema, talvez, mais “alternativo”. Um dos exemplos que posso apresentar, é o filme *Parasite* que contém inúmeros *easter eggs*³ e estratégias de imagem que fazem o pensamento dos espectadores e a narrativa do filme mudarem completamente. Algo que não era realizado há bastante tempo.

Como vê o fenómeno do crescimento dos doramas (*K-Dramas*) nos serviços de streaming?

Bruna: A comunidade apreciadora de doramas tem vindo a crescer, especificamente depois do lançamento de *Squid Game*, que apesar de não se encaixar nesse género, tem

³ Termo em inglês, tipicamente utilizado para descrever um produto de media escondido dentro de outro produto de media.

origem coreana e funciona como prova da genialidade e qualidade cinematográfica dos criativos do país. Acredito sinceramente que, atualmente, os doramas não são desconsiderados como já foram, devido à língua falada nas versões originais, o que permitiu a adição de novos títulos ao catálogo de diversos serviços de streaming. Isso só pode ser positivo: afinal, as pessoas que não conhecem este gênero podem ser a ele apresentadas, e os que o consomem têm mais para ver, e mais facilidade para o fazer.

Carolina: É o sistema capitalista a funcionar. O entretenimento sul-coreano existe desde sempre, mas só quando começou a movimentar as massas (falando monetariamente) é que as plataformas detectaram o seu potencial e passaram a investir. Sou bastante cética sobre a adoção de séries em plataformas de *streaming*, até porque é visto que tão depressa são incluídas no portfólio como são extintas sem razão aparente.

Gustavo: Eu pessoalmente não ligo muito, eu sou capaz de ver quatro *K-dramas* por ano, mas vejo que muita gente consome esse conteúdo e fica contente de ter isso disponível em serviços como o Netflix e o Disney Plus, porque antes éramos muito restritos a ver em sites manhosos ou a usar o Viki Rakuten, sendo que no último às vezes deixava ver os episódios todos da temporada menos o último e era incomodante.

Luís: Os *K-Dramas* estão cada vez mais presentes nos serviços de streaming e isso é uma mais valia! Dessa forma, as pessoas podem ter acesso mais facilitado aos dramas que gostam e o público em geral pode começar a conhecer um pouco dessa área das séries também.

Quais as diferenças culturais mais predominantes nestas obras cinematográficas? Como é que elas ressoam na nossa vida diária?

Bruna: Do ponto de vista de alguém que consome principalmente obras focadas em romance, noto uma diferença na progressão de uma relação amorosa num dorama ou num filme, que é muito mais lenta. Tal reflete a sociedade sul-coreana até certo ponto,

visto a importância que aqueles que nela se encaixam dão ao respeito.

O romance na realidade sul-coreana é deveras diferente daquela que vemos em filmes ocidentais: tal não significa que não existam relacionamentos que fluem com uma rapidez similar, e que “one-night stands” não existam no país. Acredito, contudo, que isso é uma minoria, ou que é representado pelo cinema como uma minoria.

Também a forma como o romance é representado consegue fazer com que as pessoas desenvolvam expectativas muito altas, ou em determinados casos, leve à preferência e atração — ousa mesmo dizer que o termo correto seria “fetichização” — de pessoas com uma determinada aparência, no caso traços regularmente vistos em indivíduos de origem leste-asiática.

Carolina: Concorde com as respostas que já foram apresentadas.

Gustavo: Posso dizer que às vezes é a irrealidade da narrativa, por exemplo ter os clichês/*tropes* específicos do género, que por vezes tornam-se cómicos e fazem as pessoas rirem-se ou sentirem-se bem quando não estão num bom momento nas suas vidas. Não tenho muito que possa dizer neste tópico, é mesmo algo que não notei muito.

Luís: O crescimento dos doramas, têm sido astronómico! Penso que devido à cultura do *K-pop*, principalmente.

Atualmente, temos pessoas de variadas idades que consomem esse tipo de conteúdo que se inspiram totalmente, por exemplo no vestuário dos personagens, maneiras de agir e de pensar, principalmente a nível de relacionamentos interpessoais.

Parte 4. Impactos nos quotidianos

Que tipo de impacto o *K-pop*, *K-Dramas*, cinema sul-coreano, entre outros tiveram na sua vida diária? Pode dar exemplos de manifestações quotidianas?

Bruna: Sou consumidora de tudo o mencionado desde cedo, e devo dar uma resposta similar a uma anterior: este conteúdo moldou o meu espírito crítico e abriu os meus horizontes. Sou hoje uma pessoa muito mais curiosa relativamente a outras culturas e disposta a aprender. No dia a dia, diria que notei diferenças quando esse consumo era visto de forma negativa, pelo conteúdo ser considerado pior: mas, atualmente, a popularização só fez com que me sinta mais confortável em falar dos meus gostos sem ser julgada.

Carolina: Não sinto que o consumo de *K-Pop* ou *K-dramas* tenha afetado a minha rotina, apenas me deixou exposta a novos conteúdos e ofereceu novas perspetivas quanto à análise de produtos de media. Consumir qualquer tipo de entretenimento além dos *blockbusters*⁴ norte-americanos, altera a nossa perceção sobre o mundo e a cultura, mas penso que esse impacto não tenha resvalado para outras áreas da minha vida pessoal.

Gustavo: Para mim ajudou no aspeto que fez-me ser mais sociável, eu não era muito uma pessoa sociável, e acabou por fazer-me conhecer pessoas que tinham os mesmo gostos que eu, algumas dessas pessoas ainda falo com hoje, mas em geral ajudou-me a ter habilidades sociais que eu não tinha antes, eu era uma pessoa muito estranha antes disso e era uma pessoa que dificilmente fazia amigos, juntamente com isso ajudou-me a querer focar mais a minha cultura, pelo menos aprender melhor a língua, que nunca foi uma coisa que tinha interesse alto antes.

Luís: Como já mencionei, o maior impacto desta cultura terá sido mesmo na minha carreira enquanto dançarino.

Mas posso também mencionar que devido a entrar nesta cultura, as minhas skills sociais melhoraram bastante. Tornei-me bastante mais aberto e social devido ao facto de frequentar encontros/*meetings* de *K-pop*. E também participar em vários grupos online de fãs.

⁴ Produção cinematográfica considerada muito popular e/ou bem sucedida.